

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O EIXO LETRAMENTO NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO DISTRITO  
FEDERAL - ENSINO MÉDIO

ROSELENE DE FÁTIMA CONSTANTINO

Brasília, 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O EIXO LETRAMENTO NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO DISTRITO  
FEDERAL - ENSINO MÉDIO

ROSELENE DE FÁTIMA CONSTANTINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Brasília, 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O EIXO LETRAMENTO NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO DISTRITO  
FEDERAL - ENSINO MÉDIO

ROSELENE DE FÁTIMA CONSTANTINO

Orientadora; Presidente da Banca: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Maris Bortoni de Figueiredo  
Ricardo

Banca:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias - (UCB) - Membro externo  
ao Programa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Aparecida de Lucas Freitas (PPGE/FE) – Membro  
interno

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (PPGL/LIP/IL/UnB) – Suplente

Brasília, 2011

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e a Nossa Senhora, infinitamente amorosos e misericordiosos.

Ao meu pai Darci e a minha mãe Ogarita, meus amores para sempre.

Aos meus irmãos (in memoriam), Rosemary e Luis Antonio, pelo amor sem fronteiras.

À minha querida amiga Marta Julia, por nunca ter desistido de mim.

À Professora Stella, que despertou em mim o respeito pela educação no Brasil. Minha incondicional admiração.

À Professora Veruska Ribeiro, amiga que acreditou em mim.

À Professora Hilda Lontra, onde tudo começou.

À querida Andrea e à querida Rosamélia, por tudo e para sempre.

À querida Yolanda, pela presença tão carinhosa e objetiva em minha vida.

À querida Camila, pela lição de profissionalismo e honestidade.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF, por ter me transformado em uma educadora.

Aos meus amigos do Núcleo de Planejamento e Controle – NPC, pelo apoio sincero e amigo.

Aos grupos de pesquisa LER e GATACO, pelas horas de aprendizagem e pela tão alegre amizade.

Aos meus amigos Aurora, Clerton, Margareth e Maju pela conversa tão rica e educativa.

A todos os queridos amigos das boas e más horas: sempre os terei guardados em meu coração.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a aplicabilidade de um dos eixos – Letramento - do Currículo de Educação Básica do Distrito Federal elaborado no ano de 2008 pela SEDF - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – a partir da pergunta: como os professores estão trabalhando a língua portuguesa, a partir do eixo letramento no ensino médio, na perspectiva desse currículo. Assim, foi necessária uma investigação do currículo utilizado pela SEDF e do conceito do que seja letramento para verificar as novas perspectivas educacionais que esse conceito pode criar para o professor na sala de aula, além de ampliar o olhar a respeito das mediações pedagógicas e o local onde elas ocorrem, isto é, o cotidiano da sala de aula. Por fim, foram analisadas aulas em diferentes escolas do ensino médio do Distrito Federal, sendo entrevistados dois professores de escolas diferentes, um grupo focal, reunindo professores, diretores e coordenadores, em uma conversa onde eles fazem uma análise da sua prática pedagógica, uma entrevista com um vice-diretor e, por fim, uma ex-diretora da DEM - Divisão de Ensino Médio - da SEDF. É importante ressaltar que a análise de todos esses dados coletados permitiu ter uma visão real da prática da sala de aula e dos vários recursos pedagógicos utilizados pelos professores regentes e pelos profissionais que trabalham na parte técnico-pedagógica da SEDF. Permitiu, ainda, concluir que o eixo Letramento não tem sido plenamente compreendido. Sua aplicabilidade tem ficado prejudicada por falta de infraestrutura e de maior motivação dos alunos.

Palavras-chave: ensino médio – letramento – currículo – estratégias de leitura – mediação pedagógica

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to investigate the adequacy of literacy as an axis of the Curriculum of the Basic Education, which was developed by the Department of Education of the Federal District – SEDF - in 2008. The research question was: How are the teachers working with the Portuguese Language taking into account the axis of literacy? In order to answer it, it was necessary to examine the curriculum, to find out the new educational perspectives that it would create for the teachers in the classroom, and to examine their actions in the classroom. Several schools were visited, two teachers were interviewed and a focal group, including coordinators, school principals and a former director of the High School Division of SEDF was carried out. The analysis of the data a real picture of the classroom and led to the conclusion that the concept of literacy has not as yet been fully understood by the teachers. Moreover, its adequacy has been hampered by problems of the schools' infrastructure and by the lack of motivation of the students.

Keywords: high school - literacy – curriculum – reading strategies – pedagogical mediation

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: PRIMEIRAS PALAVRAS.....	16
1.1 Objetivos.....	15
1.2 Opção Metodológica.....	20
CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL.....	23
2.1 Os primeiros anos de Brasília.....	23
2.2 A Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF.....	25
2.3 O Currículo da SEDF.....	28
CAPÍTULO 3: LETRAMENTO E LETRAMENTOS.....	42
3.1 A pluralidade do conceito.....	42
3.2 A evolução do letramento digital na SEDF.....	48
3.3 Os desafios da escola no mundo moderno.....	50
CAPÍTULO 4: DESENHO METODOLÓGICO.....	57
4.1. Para entender o método etnográfico.....	57
4.2. A formação continuada dos professores.....	59
4.3. Os analfabetos funcionais no Brasil.....	63
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOCUMENTAL.....	66
5.1. Asserção 1.....	70
5.2. Asserção 2.....	72
5.3. Asserções 3 e 8.....	73
5.4. Asserção 4.....	75
5.5. Asserção 5.....	75
5.6. Asserção 6.....	76
5.8. Asserção 7.....	78

5.9. Asserção 8.....	78
6.0. Asserção 9.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	88
ANEXO A	
ANEXO B	
ANEXO C	
ANEXO D	
ANEXO E	
ANEXO F	

## LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

ANEB.....	Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC.....	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
BIRD.....	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
CEBDF/2008.....	Currículo de Educação Básica do Distrito Federal de 2008
CESPE/UnB.....	Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília
CESGRANRIO.....	Centro de Seleção do Grande Rio
DRE.....	Diretoria Regional de Ensino
DEM.....	Diretoria de Ensino Médio
EAPE.....	Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais em Educação
ENEM.....	Exame Nacional do Ensino Médio
GDF.....	Governo do Distrito Federal
GEM.....	Gerência do Ensino Médio
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB.....	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INAF.....	Índice Nacional de Alfabetismo
INEP.....	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB.....	Lei de Diretrizes e Bases
MEC.....	Ministério da Educação
NOVACAP.....	Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
OCDE.....	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU.....	Organização das Nações Unidas
PAS/UnB.....	Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília
PDE.....	Plano de Desenvolvimento da Educação
PI.....	Projeto Interdisciplinar
PISA.....	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PEDAF.....	Programa de Descentralização Administrativa e Financeira

PNUD.....Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PPP.....Projeto Político-Pedagógico  
RA.....Região Administrativa  
SAEB.....Sistema de Avaliação da Educação Básica  
SEDF.....Secretaria de Educação do Distrito Federal  
SIADE.....Sistema de Avaliação do Desempenho das Instituições  
Educaionais do Sistema de Ensino do Distrito Federal  
UNESCO.....Organização das Nações Unidas para a Educação, a  
Ciência e a Cultura

**LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS**

Tabela 1 – Total da população residente em Brasília.....	23
Tabela 2 – Instituições Educacionais da SEDF.....	38
Tabela 3 – Resultados do INAF (2001).....	64
Quadro 1 – Currículo de Educação Básica – 1ª Série.....	29
Quadro 2 – Currículo de Educação Básica – 2ª Série.....	31
Quadro 3 – Currículo de Educação Básica – 3ª Série.....	33
Quadro 4 – Matrizes Curriculares do Ensino Médio.....	37
Quadro 5 – Instituições Educacionais da SEDF.....	63
Figura 1 – Índice do Literacy no mundo.....	65

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tudo o que me move é paixão. A paixão, quando não estanca ou arranca, produz maravilhas. No meu caso, a pesquisa é uma paixão. A pesquisa, no caso, é em relação ao ensino público do Distrito Federal.

Em Brasília me formei. Em Brasília passei no concurso público para professora da antiga Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF - hoje Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal SEDF.

Em Brasília comecei minha prática pedagógica em escolas particulares e, mais tarde, em escolas públicas. É uma paixão o ensino público. E o ensino público de língua portuguesa no ensino médio. Ler e ensinar. Ensinar e ler. As duas coisas de mãos dadas, amigas, parceiras, amantes.

Por anos estive com alunos pelas escolas por onde passei como professora e sempre fiquei admirada em vê-los com os livros nos pátios ou bancos da escola, com seus fones no ouvido, a mochila suja no chão, os colegas, rindo, conversando, alguns falando alto.

Mas, na sala de aula, eu os via apáticos, mais preocupados com a hora de terminar as aulas. Aqueles alunos liam, conversavam, riam, numa ciranda instigante. O que eu percebia é que era a sala o problema e o que estava nela, isto é, as práticas pedagógicas dos professores, incluindo a minha prática pedagógica. Não era uma questão simples de motivação.

Sempre foi uma inquietação de os fato dos nossos alunos terem tantas dificuldades para ler um livro indicado pelos professores, livro este que certamente será cobrado em uma prova do Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília – PAS/UnB - ou em um vestibular tradicional ou no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Afinal, quais as dificuldades dos alunos para lerem e escreverem, logo eles, jovens do ensino médio, fortes, sedentos, apaixonados e inquietos, justamente os que têm idéias inovadoras e um desejo de construir o mundo e que, na prática pedagógica, sempre gostaram de ler?

O professor deve propiciar ao seu aluno um ensino de qualidade e transformá-lo em um cidadão, cômico da realidade que está a sua volta e capaz de ler, interpretar, redigir e opinar a respeito dos assuntos pertinentes ao seu dia a dia. Nada mais vale se não for isso. O resto é tudo um blábláblá infinito e incoerente.

E se a escola, de acordo com Sírío Possenti (1996), tem tudo a ver com a escrita, a vida tem tudo a ver com o cidadão que, para tornar-se independente, saber também decodificar os códigos da escrita e decidir pelo seu sim e pelo seu não.

A escola ou os responsáveis pela educação de um país deve organizar formas de funcionamento das práticas pedagógicas e oferecê-las para toda a comunidade escolar, com o objetivo de transformar nossos alunos em cidadãos plenos para o exercício da cidadania.

Assim, no ano de 2008, a SEDF instituiu uma Comissão<sup>1</sup> de Coordenação da Elaboração do Currículo de Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal para que elaborasse o novo currículo, sendo definidos dois eixos norteadores: Letramento e Diversidade.

Os indicadores sociais nos dão hoje resultados melancólicos. Nosso aluno, comprovado pelos resultados do SAEB, ENEM, ENADE e do PISA<sup>2</sup>, não entende o que lê, tornando-se um analfabeto funcional.

De acordo com o Instituto Paulo Montenegro<sup>3</sup>, analfabeto funcional é a pessoa incapaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Uma das perguntas que precisa ser feita, diante dessa realidade, a respeito da prática do professor e da escola na qual ele trabalha, é se o professor deve ser um educador ou simplesmente um repetidor dos livros didáticos?

---

<sup>1</sup> Diário Oficial do Distrito Federal – DODF, N. 194, terça-feira, 30 de setembro de 2008, página 54.

<sup>2</sup> Ver site oficial: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

<sup>3</sup> Ver site oficial: [www.ipm.org.br](http://www.ipm.org.br)

Livros esses que estampam capas atraentes, conteúdos variados, mas engessam a criatividade e a criticidade do professor em sala de aula. E a escola, também deve ser uma repetidora de gestões individualistas e incapazes de contribuir para o crescimento da educação no Distrito Federal?

Com a urgência necessária, é preciso que haja, por parte dos envolvidos, um posicionamento com convicção, se de fato a resposta for que o professor é um educador e que a escola deve ser a diferença para a educação. A passividade não deve imperar na prática da sala de aula.

Ao contrário, o professor e a escola têm que se apropriar de sua real contribuição e participação para ajudar o aluno, que é o real protagonista desta história que continua, pois a educação não tem fim; apenas começo.

O que fica evidente é que as práticas sociais de leitura e escrita podem conduzir o aluno para além da alfabetização. Para Tfouni (1988) letramento são as conseqüências sociais e históricas da introdução da escrita na sociedade. Para Kleiman (1995) letramento é apenas um dos componentes desse fenômeno ao qual acrescenta outros componentes, tais como as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem.

Soares (1999) contribui com a mesma posição ao salientar que letramento é o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita e participam competentemente de eventos de letramento.

Assim, o ato de ler necessita do outro para legitimá-lo, ou seja, é através da interação, das atitudes, das competências discursivas e cognitivas que será conferido um determinado e diferenciado estado ou condição de imersão em uma sociedade letrada.

O educador da atualidade deve usá-la para melhorar sua prática que, com certeza, é de grande responsabilidade e propor estratégias que possibilitem a ele desenvolver com propriedade o eixo Letramento na sua rotina escolar.

Oxalá o professor consiga ajudar o aluno da rede pública do Distrito Federal a ser um leitor e um escritor competente, tornando-se um cidadão crítico, capaz de exercer sua cidadania que lhe é de direito no dia a dia de sua vida, não só escolar, mas no mundo que o espera.

## **CAPÍTULO 1 - PRIMEIRAS PALAVRAS**

### 1.1 Objetivos

Todos os currículos apresentados pela SEDF tiveram sua utilidade naquele espaço de tempo. Assim, o componente de língua portuguesa também seguiu o seu tempo.

Hoje, há um mundo em constante mudança, principalmente com o advento das novas tecnologias. O conhecimento já não pode ser guardado. Ele está em cada canto onde se possa acessar um computador ligado com a internet banda larga.

Bagno (2006) explicita muito bem quando coloca a questão que o aluno não entende o que está lendo. Instiga o leitor a refletir a respeito da cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas; da escola – fonte primordial do letramento na nossa sociedade –; e dos professores, que devem perceber no “erro de português” os fenômenos de variação e mudança lingüística, com mais consistência e mais embasados.

Para Bortoni-Ricardo (2006) os erros podem ser facilmente explicados no próprio sistema e processo evolutivo a língua. Desta forma, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica.

O letramento transforma o indivíduo principalmente na sociedade do conhecimento caracterizada pela circulação de um grande e diversificado volume de informações, e a capacidade de ler e interpretar textos é imprescindível.

A leitura e a apreensão da linguagem podem contribuir para o melhor desenvolvimento e realização pessoais, e para a autonomia do indivíduo que irá atuar na sociedade, sendo essas condições essenciais para o exercício pleno da cidadania e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da nação.

Para Tfouni (2006), o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, tendo assim um olhar não para o individual, mas para o social.

Bortone (2008) entende que a leitura só se efetiva quando o professor consegue ultrapassar a mera decodificação do texto e associá-la à construção de sentido.

Recentemente, indicadores da competência leitora dos alunos, como o Sistema de Avaliação de Educação Básica - SAEB e a Prova Brasil do Ministério da Educação – MEC, têm comprovado essa dificuldade.

O SAEB mostra que um terço dos estudantes brasileiros não consegue entender o enunciado de uma questão ou um enredo de uma história mais longa. O desenvolvimento dessa competência deve ser prioridade total em todos os níveis de ensino e em todas as escolas do país.

O olhar, portanto, deve se voltar para o professor. Ao mudar de atitude em relação ao desenvolvimento de uma leitura significativa, fundamental para formar um leitor crítico, capaz de ler o implícito do texto, capaz de refletir a respeito do pensamento do autor e a respeito das estratégias utilizadas por ele para desenvolver seu raciocínio, começará na sala de aula a promover as mudanças do processo de leitura em nosso país.

Constantino (2007) expõe a questão quando se refere aos muitos cursos de Letras que pouco incentivam a leitura dos próprios professores, reafirmando que há um grande preconceito em tocar neste assunto, mas o que se percebe é que muitos professores de língua portuguesa não leem. A reflexão deve partir do professor para que não se jogue toda a responsabilidade apenas para o aluno.

A educação deve ter como prioridade formar o cidadão e, para isso, precisa estar afinada com as novas tendências manifestadas na sociedade.

Para Saviani (1994) estas indicam a necessidade de uma formação geral sólida, a capacidade de manejar conceitos, o desenvolvimento do pensamento abstrato.

Assim, a formação desse leitor, nessa sociedade tecnológica, depende da adoção de novas metodologias e de novos materiais favoráveis na sala de aula, o que significa descartar certas práticas antiquadas ou práticas antipáticas ao uso das mídias eletrônicas, que têm revelado resultados poucos satisfatórios.

Essas questões apontam para a necessidade de formação continuada também para o professor que, doravante, deve ser um eterno aprendiz, consciente de que a aprendizagem é permanente.

O professor deve também se apropriar das mídias impressas e não impressas (jornais, revistas, televisão, vídeos e outros) e da informática (softwares e internet), não apenas como recursos para planejar sua aula, mas analisá-las e produzi-las com os alunos.

Segundo Marcuschi (2005) já surgiram novos gêneros textuais: os gêneros digitais - e-mail, blog, chat, fórum, lista de discussão, e três aspectos tornam a sua análise relevante: (1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Além das contribuições da linguagem tecnológica, o professor deve priorizar a ludicidade no trabalho pedagógico. Por que não compor músicas por meio de poesias ou mesmo produzir musicais? Parodiar textos? Analisar a linguagem dos ditados populares? Contar piadas? Apresentar encenações? Criar jogos gramaticais?

Assim, proponho como questões de pesquisa as seguintes perguntas, que irão nortear a presente investigação:

1) A partir do eixo Letramento, adotado para o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal em 2008, como esse eixo está sendo trabalhado nas salas de aula do ensino médio regular?

2) Quais as estratégias adotadas pelo professor a partir do eixo Letramento proposto no Currículo de Educação Básica do Distrito Federal no ano de 2008?

3) Como o professor do ensino médio regular teve conhecimento do Currículo de Educação Básica do Distrito Federal de 2008 – CEBDF/2008?

4) Quais estratégias foram usadas pela SEDF para que o professor utilizasse o CEBDF/2008?

Meu objetivo geral será investigar a aplicabilidade e o desenvolvimento do eixo Letramento, adotado para o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal em 2008, nas aulas de língua portuguesa, de forma a contribuir para que o aluno do ensino médio da rede pública se torne um leitor/escritor competente.

A minha asserção relacionada ao objetivo geral será se o eixo Letramento, adotado para o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal em 2008, nas aulas de língua portuguesa, tem contribuído para que o aluno do ensino médio se torne um leitor/escritor competente.

Meus objetivos específicos serão:

1. Contextualizar o conceito de Letramento/Agente letrador/Mediação Pedagógica/Leitura interdisciplinar.
2. Observar como o eixo Letramento está sendo aplicado e desenvolvido nas aulas de língua portuguesa.
3. Analisar as estratégias de letramento adotadas pelo professor do ensino médio no dia a dia da sala de aula.
4. Verificar se o uso das estratégias de letramento efetivamente contribui para que o aluno se torne um leitor/escritor competente.
5. Situar os resultados do ENEM para o ensino médio da SEDF a partir do novo currículo de Educação Básica.
6. Observar, registrar e identificar práticas pedagógicas a partir do eixo Letramento.

E as minhas asserções relacionadas a alguns dos objetivos específicos serão:

1. Os conceitos de letramento, agente letrador (o professor), mediação pedagógica e leitura interdisciplinar são importantes para definir o que se quer do professor na criação de estratégias em sala de aula.
2. O letramento deverá ter seu uso em sala de aula para ajudar o aluno a se tornar um leitor/escritor competente.
3. Ao analisar as estratégias de letramento adotadas pelo professor em sala de aula, poderão ser oferecidas a ele estratégias outras que lhe possibilitem tornar a aula mais atrativa e levar o aluno a ser um leitor/escritor competente.
4. A aplicação das estratégias de ensino possibilitará ao professor confirmar se seu aluno está sendo um leitor/escritor competente e um cidadão crítico e independente.
5. Os resultados do ENEM poderão ajudar o professor regente a aplicar estratégias outras que lhe possibilitem, analisando o currículo de educação básica do Distrito Federal, acompanhar os avanços dos alunos.
6. O uso da pesquisa etnográfica possibilitará observar, registrar e identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em regência a partir do eixo Letramento do currículo de educação básica do Distrito Federal.

## 1.2 Por que a opção metodológica

Este projeto é uma pesquisa de base etnográfica. Para Ricardo-Bortoni (2008), o termo etnografia foi apropriado pelos antropólogos no final do século XIX que o usaram para se referirem a monografias que vinham sendo escritas sobre os modos de vida de povos até então desconhecidos na cultura ocidental.

Ao se tratar de pesquisa etnográfica em sala de aula, deve entender que se trata de uma pesquisa qualitativa, interpretativista, com uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação para a geração e a análise de dados.

Para Erickson (2009) o etnógrafo não pode descobrir ou comunicar a visão do mundo exatamente como ela é vista por pessoas que ele ou ela está estudando – nem há necessariamente uma única visão compartilhada de forma idêntica entre aqueles que são estudados.

No entanto, aproximar-se do significado das perspectivas daqueles que são estudados é a intencionalidade que define o trabalho etnográfico.

Segundo André (2005) o interesse dos estudiosos da educação deve ser com o processo educativo, mesmo que o que se tem feito em termos de pesquisa etnográfica seja uma adaptação da etnografia, o que possibilita concluir que o que se faz é estudo do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito.

Para o trabalho de pesquisa, foram escolhidas duas escolas de ensino médio da rede pública de ensino do Distrito Federal. O objetivo principal de escolher duas escolas distantes foi justamente para reconhecer se esse fato não prejudica o andamento administrativo e técnico-pedagógico da SEDF para suas Diretorias Regionais de Ensino – DREs em detrimento das RAs - Regiões Administrativas – estarem geograficamente tão distantes.

As cidades satélites<sup>4</sup> foram pensadas como unidades auxiliares da área administrativa de Brasília. É o antigo nome que se dá para as regiões administrativas localizadas no entorno de Brasília. A maior é Taguatinga, seguida de Ceilândia e Sobradinho. Elas não têm autonomia política e, por isso, são dirigidas por administradores nomeados pelo governador local. Originalmente, foram planejadas para serem núcleos urbanos e para funcionar como cidades-dormitório.

Sendo assim, as cidades-satélites geralmente não têm indústrias e contam somente com serviços básicos de educação, saúde, comércio e lazer.

---

<sup>4</sup> Disponível em [HTTP://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/cidade-satelite-427079.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/cidade-satelite-427079.shtml)

Houve uma pesquisa documental, uma vez que o Currículo de Educação Básica do Ensino Médio do Distrito Federal de 2008 foi analisado, além de um CD – Publicações da SEDF entregue para o Núcleo de Monitoramento Pedagógico – NMP de DRE, com as Diretrizes de Avaliação, Diretrizes Pedagógicas, Orientações Curriculares do Ensino Médio, Orientações Curriculares do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Orientações Curriculares do Ensino Fundamental – Anos Finais, Política de Promoção da Cidadania e Cultura da Paz, Regimento Escolar, Regimento Interno, Relatórios dos anos de 2007, 2008 e 2009.

O trabalho de sala de aula foi feito a partir de observações das aulas dadas e com análise do material utilizado pelos professores em sala de aula das atividades de leitura, material dos alunos das aulas de redação e os exercícios oferecidos em sala de aula e como tarefas de casa dos alunos.

As entrevistas foram coletadas com os dois professores das escolas escolhidas, além de uma entrevista com uma ex-diretora da Diretoria do Ensino Médio, com um ex-vice-diretor de uma das escolas visitadas, com as próprias professoras observadas.

Foi constituído um grupo focal com um grupo de professores com prática pedagógica ora em sala de aula ora na direção da escola, o que enriqueceu e confirmou algumas asserções do presente trabalho.

## CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

### 2.1 Os primeiros anos de Brasília

Brasília é a capital da República Federativa do Brasil e sua quarta maior cidade. Foi transformada em Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

No resultado do IBGEs - Instituto Brasileiro de Geografia e de Estatística -<sup>5</sup>, em 2010, a população foi estimada em 2.570.160 de habitantes. Junto com Anápolis e Goiânia faz do eixo Goiânia-Anápolis-Brasília a região mais desenvolvida do Centro Oeste brasileiro.

No quadro a seguir, dados tirados do último censo realizado pelo IBGE, constando a população residente, total, urbana total e urbana na sede municipal, em números absolutos e relativos, com indicação da área total e densidade demográfica, segundo as Unidades da Federação e os municípios.

**TABELA 1: BRASÍLIA**

TOTAL	2.570.160
URBANA	2.482.210
URBANA NA SEDE MUNICIPAL	2.467.139
RURAL	87.950
TOTAL (%)	100,00%
URBANA (%)	96,00%
URBANA NA SEDE MUNICIPAL (%)	95,00%
RURAL (%)	3,00%
ÁREA TOTAL (Km2)	5787,8
DENSIDADE DEMOGRÁFICA (Hab/Km2)	444.07

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=53>

Com a coincidência de ser também a data de fundação de Roma, por isso há uma estátua de uma loba amamentando duas crianças em frente ao Palácio do Buriti, presente da Prefeitura de Roma, Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.

O Plano Urbanístico da capital, conhecido como Plano Piloto foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa. O Lago Paranoá, concebido em 1983 pela Missão Cruls, armazena 600 milhões de metros cúbicos de água. Muitas das construções da Capital foram projetadas por Oscar Niemeyer.

Brasília começou de um sonho. De Dom Bosco a Juscelino Kubitschek e de Juscelino Kubitschek até os dias atuais, muito tempo se passou.

Brasília hoje é um nome ligado à poesia, às artes, aos sonhos de uma vida melhor, às quadras bucólicas, com suas árvores imponentes; às cidades satélites, uma cidade que emociona quem vive nela e quem a visita, nem que seja por um dia.

Também é em Brasília que nasceu o sonho de uma educação de qualidade, que pudesse oferecer a seus alunos e professores uma nova forma de ensinar, privilegiando o indivíduo. Assim nasceu o sonho de um educador, Anísio Teixeira, que como Dom Bosco e Juscelino Kubitschek, também tinha um sonho:

“Se o vosso trabalho se libertar do caráter de trabalho de rotina, de acidente ou de capricho e começardes a registrar por escrito o vosso esforço, a manter fichas cumulativas, descritivas e inteligentes, dos alunos, casos-história de experiências educativas, todo esse material poderá aqui ser estudado, no propósito de vos ajudar em vossa tarefa, que continuará autônoma e, além disto, mais consciente, mais controlada e mais suscetível de ser repetida e, deste modo, de se acumular e progredir. Não desejamos ser aqui no Centro um estado-maior a elaborar planos para serem cumpridos por autômatos ou semi-autômatos, mas um grupo de colegas a estudar convosco os problemas escolares, com o objetivo de conseguir conhecimentos para que todo o magistério possa conduzir com mais autonomia a sua grande tarefa. Não teremos regras nem receitas a oferecer, mas buscaremos ajudar-vos no instrumental intelectual indispensável à execução de uma das belas-artes e a maior: a de educar.” (Ciência e Arte de Educar, de Anísio Teixeira.)

## 2.2 Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF

A história da educação em Brasília teve início em 1957, quando os candangos trouxeram para cá suas famílias e construir escolas para atendê-los tornou-se imperativo.

A intenção inicial do Plano de Construções Escolares de Brasília era que as escolas pudessem constituir exemplo para o sistema educacional do país.

O principal mentor da educação no Distrito Federal e organizador das Escolas Parque foi o educador Anísio Teixeira. Foi ele quem elaborou o documento básico “Plano de Construções Escolares para Brasília<sup>6</sup>”, publicado no número 81, volume 35, jan/mar – 1961 da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, desenvolvida durante o período da construção da Capital do Brasil.

Anísio Teixeira retomou a experiência de uma educação integral, nos moldes da que implantara nos anos de 1950 em Salvador, na Bahia.

Assim, propôs o funcionamento de Centros de Educação Elementar, integrados por Jardim de Infância, Escolas-Classe e Escolas-Parque, que seriam construídas nas superquadras, onde se encontravam os edifícios em que os alunos residiam ou iriam residir.

O atendimento aos estudantes do ensino secundário seria nos Centros de Educação Média, a serem construídos em áreas próprias, já previstas no plano urbanístico da nova Capital.

Esses Centros se constituiriam de um conjunto de edifícios e locais adequados para o desenvolvimento de um programa diversificado, à semelhança de “verdadeiros conjuntos universitários” (TEIXEIRA, 1962)

---

<sup>6</sup> Ver, Anísio Teixeira. *Plano de Construções Escolares de Brasília*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos n. 81, volume 35, jan./mar, 1961, p.195-199. O “Plano de Construções Escolares de Brasília” trata do sistema educacional na sua totalidade. Contempla, também, o ensino superior, que se desenvolveria mediante a criação da Universidade de Brasília.

Dentro dessa estrutura, previa-se o funcionamento do Curso Normal como parte integrante do Centro de Educação Média. A pretensão era reunir, num único Centro, todos os cursos de nível médio, a fim de permitir maior sociabilidade aos jovens de 11 a 18 anos de forma que, embora frequentando classes diferentes, pudessem desenvolver atividades comuns na biblioteca, na piscina, nos campos de esporte, nos grêmios, no refeitório (Kubitschek, 2000).

Consoante o planejamento da educação média, além do curso ginásial, estariam ainda reunidos, em cada Centro, os diversos cursos do segundo ciclo: clássico, científico, técnico-comercial, técnico-industrial e normal, que deveriam funcionar como unidades independentes, de modo que cada qual mantivesse sua fisionomia própria.

O projeto pedagógico de Anísio Teixeira se inseria em um plano mais amplo, de caráter social e político, onde o objetivo principal era ampliar as possibilidades de democratização da sociedade brasileira.

Ele entendia que garantir só o acesso à escola não resolvia os problemas da população, mas acreditava que a articulação da escola com o meio social, priorizando o trabalho coletivo e a participação do aluno na construção do conhecimento, valorizava a experiência democrática que o aluno levaria para a sua vida adulta, reproduzindo-a no meio social.

Para o educador, esse aspecto garantiria que a escola se tornasse menos formal em seu modo de funcionamento, preocupando-se, antes, em atender às demandas dos alunos e da comunidade em que se inseria, do que em obedecer a leis e normas oficiais.

Além disso, acreditava que a qualificação de professores, ao lado da criação de condições para transformar a escola em laboratório de estudos, experimentos pedagógicos e pesquisas era condição básica para que os professores pudessem elevar o seu status profissional.

Por fim, acreditava em reforçar a expectativa de profissionalizar o campo da Educação, dotando-o de regras e conhecimentos próprios, e protegendo-o da interferência de seitas religiosas e de interesses político-partidários.

A primeira escola pública foi um grande galpão cedido pela NOVACAP para os filhos dos servidos e os professores vieram de Goiânia.

Era o GE -1 - Escola Classe Júlia Kubitschek, localizada no Núcleo NOVACAP/Candangolândia, sendo inaugurada em 10 de setembro de 1957 pelo Presidente Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro.

A escola contava com 5 professores e 150 alunos e atendia aos filhos dos funcionários do núcleo NOVACAP/Candangolândia e às crianças da Vila Operária (Candangolândia) e do Núcleo Bandeirante.

Em setembro de 1958, foi construída a Escola Dr. Ernesto Silva, na Companhia Construtora Nacional, com 160 alunos, tendo anexo um jardim de infância.

A Escola Profissional de Taguatinga, nível médio, inaugurada em 1959, foi construída com recursos do Ministério da Educação. Em Taguatinga, também em 1959, foi criada a Escola Classe 01, também sob a supervisão da NOVACAP.

No final de 1959, Brasília contava com mais de 100 professoras primárias e orientava o ensino de 4.682 crianças em 18 escolas primárias e 3 jardins de infância.

A responsabilidade de administrar o sistema educacional do Distrito Federal, função essa que vinha sendo exercida pela NOVACAP, foi dada para a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília - CASEB. Criada pelo Ministério de Educação e Cultura, seus integrantes logo verificaram os problemas que existiam para que, na inauguração de Brasília, o sistema público de ensino estivesse funcionando devidamente.

A CASEB cuidou de realizar o concurso nacional para a seleção de professores de ensino médio e de ensino primário e cinquenta professores, vindos de diversas partes do Brasil, se apresentaram no dia 8 de abril de 1960.

No dia 16 de abril de 1960 era inaugurado o Centro de Ensino Médio que foi designado Centro Educacional CASEB. O presidente JK proferiu aula inaugural no dia 19 de abril de 1960.

Os estudantes eram filhos de políticos e altos funcionários do governo. O Elefante Branco<sup>7</sup> que, ao lado do Centro Educacional Caseb, foi o primeiro colégio público de ensino médio<sup>8</sup> da cidade, tinha excelentes laboratórios, com microscópio eletrônico.

A partir de 1972, as escolas particulares começaram a ganhar força, impulsionadas pela reforma educacional, com base na Lei 5.692/1971.

Os colégios públicos passaram a se preocupar mais com a formação dos alunos para o mercado de trabalho (cursos profissionalizantes), enquanto que os colégios da rede privada preocupavam-se com o ingresso de seus alunos nas universidades, proporcionando o ensino por meio de cursinhos preparatórios.

O curso normal implantado no CASEB tratava-se da formação especializada de um profissional - o professor do ensino primário -, que deveria ter o domínio dos conhecimentos teóricos e dos processos modernos requeridos para o exercício da profissão.

### 2.3 O currículo da SEDF

No ano de 2008 foi elaborado o novo Currículo da Educação Básica, sendo construído com a colaboração de 872 professores das 14 Diretorias Regionais de Ensino e dos técnicos do nível central das diferentes modalidades da Educação Básica.

---

<sup>7</sup> Apelido que os professores deram ao edifício destinado ao ensino médio, cujas enormes pilastras assentadas no chão lembravam um elefante.

<sup>8</sup> Ver indicação N. 08/64 – CEDF.

O novo Currículo teve a participação de especialistas no I Encontro para Revisão do Currículo da Educação Básica, realizado no período de 10 a 12 de dezembro de 2008.

O novo Currículo teve como proposta sua implantação no ano letivo de 2009. Seu objetivo é o desenvolvimento de competências e habilidades pelo aluno, conforme prevê a legislação vigente, e acrescenta, em relação aos Currículos anteriores, os conteúdos referenciais que irão permitir ao professor dentro da sua realidade da sala de aula, promover as competências e as habilidades.

A Educação Básica do Distrito Federal tem uma proposta curricular instigante, construída com a participação dos professores regentes que acreditam no desafio de realizar essa importante tarefa, superando dificuldades de diversas ordens, com afinho e desejo de mudanças, tendo como eixos norteadores o letramento e a diversidade, horizontes que indicam para o crescimento do ensino público da rede pública do DF.

Para a 1ª série do 1º ano do Ensino Médio, em Língua Portuguesa, temos a seguinte distribuição de conteúdos:

#### QUADRO 1: CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 1ª SÉRIE

LÍNGUA PORTUGUESA – 1ª SÉRIE	
HABILIDADES	CONTEÚDOS
<p><b>LETRAMENTO E DIVERSIDADE</b></p> <p>LINGUAGEM, ORALIDADE E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressar com clareza e fluência em diferentes situações comunicativas.</li> <li>• Identificar as diversas relações sintático semânticas possíveis na produção de textos escritos e orais.</li> </ul> <p>CONHECIMENTOS LINGUISTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer os processos de organização, de funcionamento e de desenvolvimento da língua portuguesa.</li> <li>• Reconhecer vocabulário de origem indígena, africana e de outros grupos sociais que contribuiu para a formação da língua materna.</li> <li>• Reconhecer a estrutura, os elementos textuais e a textualidade no texto.</li> </ul> <p>LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler e produzir textos de variados gêneros textuais.</li> <li>• Re ler, avaliar e reestruturar o próprio texto.</li> <li>• Relacionar e operacionalizar conhecimentos linguísticos adquiridos.</li> <li>• Identificar as diversas relações sintático-semânticas possíveis na produção de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Códigos verbais e não verbais</li> <li>• Elementos da comunicação</li> <li>• Conceito de língua e linguagem</li> <li>• Funções da linguagem</li> <li>• Linguagem e construção identitária</li> <li>• Papel social dos interlocutores</li> <li>• Variantes, variedades e mudanças linguísticas</li> <li>• Norma padrão, escrita e oralidade</li> <li>• Preconceito e respeito linguísticos</li> <li>• Vocabulário próprio dos grupos indígenas, africanos e outros grupos sociais</li> <li>• Reconstrução dos sentidos dos enunciados verbais: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Conotação e denotação</li> <li>– Polissemia</li> <li>– Homônimos e sinônimos</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pontuação</li> <li>– Acentuação gráfica</li> <li>– Ortografia</li> </ul> </li> <li>• Texto literário e não literário</li> <li>• Conceito e função da literatura</li> <li>• Leitura de obras literárias de autores afrobrasileiros.</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso.</li> <li>• Conceito e estrutura de texto.</li> </ul>

<p>textos escritos e orais.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionar, na análise e compreensão do texto, as informações verbais com outras fontes de referência.</li> </ul> <p><b>CONHECIMENTOS GRAMATICAIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o sentido de uma palavra ou expressão, considerando o contexto, o universo temático, as estruturas morfológicas.</li> <li>• Identificar as relações de sentido das palavras na leitura de textos.</li> <li>• Coligar conhecimentos gramaticais aos fatos da língua, na constituição de sentido do texto.</li> <li>• Reconhecer e identificar as singularidades polissêmicas (homônima e sinonímia) dos vocábulos nos textos escritos e orais, considerando os diferentes campos de estudo para serem aplicados em seu cotidiano.</li> <li>• Aplicar as regras próprias da variante padrão da língua referentes à acentuação, pontuação e ortografia.</li> <li>• Compreender os fenômenos gramaticais no processo da formação de palavras e no desenvolvimento da fonologia, da fonética e da morfologia.</li> </ul> <p><b>CONHECIMENTOS LITERÁRIOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>☒ Reconhecer as diferenças entre os gêneros lírico, épico e dramático e suas características específicas.</li> <li>☒ Reconhecer o significado dos elementos formais constitutivos do poema diferenciando-os de outras composições literárias.</li> <li>☒ Conhecer o acervo literário que compreende os períodos Barroco e Arcade, identificando marcos temporais, fatos históricos e sociais relevantes, assim como características, autores e obras que se destacaram na época.</li> <li>☒ Compreender as concepções e os modos de pensar envolvidos no processo de arte literária do Barroco e do Arcadismo resgatando as produções artísticas de seus autores, fazendo distinção de estilos de época.</li> <li>☒ Compreender a influência das concepções filosóficas da Idade Média e da Idade Clássica nos movimentos Barroco e Arcadismo.</li> <li>☒ Perceber as diferenciações morfológicas, semânticas, sintáticas e ideológicas do gênero textual, correlacionando a época e o autor.</li> <li>☒ Analisar refletir e compreender os diferentes processos de arte literária como manifestação sócio-cultural e histórica.</li> <li>☒ Reconhecer os elementos e a estrutura da narrativa.</li> <li>☒ Diferenciar a estrutura narrativa de diferentes textos narrativos.</li> <li>☒ Analisar refletir e compreender os diferentes processos de arte literária como manifestação sócio-política e econômica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elementos textuais: temas, pressupostos e inferências.</li> <li>• Elementos de textualidade: coesão e coerência.</li> <li>• Texto e intertextualidade: paráfrase, citação, alusão, referência, paródia.</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso.</li> <li>• Concepção dos gêneros literários: épico, lírico e dramático.</li> <li>• Conceito e elementos constitutivos da poesia.</li> <li>• Figuras de linguagem.</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: relato, debate, teatro.</li> <li>• Texto, contexto social, político e econômico.</li> <li>• As concepções filosóficas e estéticas do Classicismo e do Barroco</li> <li>• Poesia</li> <li>• Teatro</li> <li>• A construção do texto argumentativo <ul style="list-style-type: none"> <li>– O discurso político e religioso (a retórica)</li> </ul> </li> <li>• Consciência política e história da diversidade</li> <li>• Análise linguística: <ul style="list-style-type: none"> <li>– fonologia;</li> <li>– fonética;</li> <li>– morfologia</li> </ul> </li> <li>• Estrutura e elementos da narrativa</li> <li>• Textos narrativos: romances, contos e novelas.</li> <li>• Texto, contexto social, político e econômico.</li> <li>• As concepções filosóficas e estéticas do Arcadismo</li> <li>• Poesia</li> <li>• Processo de interação comunicativa - recursos de fluência e expressividade (debate, relato, declamações)</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: resumo</li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais <ul style="list-style-type: none"> <li>_ Morfossintaxe</li> </ul> </li> </ul>
---	--

Para a 2ª série do 1º ano do Ensino Médio, em Língua Portuguesa, temos a seguinte distribuição de conteúdos:

### QUADRO 2: CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 2ª SÉRIE

LÍNGUA PORTUGUESA – 2ª SÉRIE	
HABILIDADES	CONTEÚDOS
<p>LINGUAGEM, ORALIDADE E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar a língua com fluência e expressividade durante o processo de interação comunicativa.</li> </ul> <p>CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Empregar a língua portuguesa como instrumento de pesquisa e de acesso ao conhecimento socialmente construído e acumulado.</li> <li>• Reconhecer e caracterizar situações nas quais a língua portuguesa se evidencie como instrumento mediador da construção de conhecimento.</li> <li>• Reconhecer língua portuguesa como instrumento de interação comunicativa inserida em determinado contexto.</li> <li>• Reconhecer a construção da própria identidade a partir dos sistemas de comunicação.</li> <li>• Perceber que diferentes combinações de enunciados resultam em novos significados.</li> <li>• Re(construir) o sentido dos enunciados a partir dos elementos do texto e do contexto.</li> <li>• Identificar e refletir sobre as várias vozes presentes no discurso.</li> </ul> <p>LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir textos para situações reais e/ou imaginárias.</li> <li>• Reler, avaliar e reestruturar o próprio texto.</li> <li>• Adequar os usos linguísticos aos gêneros e tipos textuais.</li> <li>• Identificar e utilizar situações linguísticas que evidenciem a construção do conhecimento por intermédio da pesquisa e do conhecimento social prévio.</li> <li>• Identificar ideias principais, secundárias e implícitas no texto.</li> <li>• Produzir textos respeitando características de coerência e coesão, bem como as normas gramaticais vigentes.</li> <li>• Usar conhecimentos linguísticos no processo de interpretação e de produção textual</li> <li>• Produzir textos respeitando a diversidade étnicocultural.</li> <li>• Compreender as relações sintático-semânticas em segmentos do texto.</li> <li>• Opinar, argumentar, discutir ideias e pontos de vistas em diversas situações comunicativas.</li> <li>• Valorizar e comparar textos atuais, relacionando-os com conhecimentos próprios.</li> <li>• Ler e analisar comparativamente textos de diferentes gêneros do discurso.</li> <li>• Produzir com criticidade textos de variados gêneros do discurso.</li> <li>• Relacionar na análise e compreensão do texto, informações verbais e não verbais a partir de uma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Processos de organização da língua</li> <li>• Elementos da comunicação</li> <li>• Funções da linguagem</li> <li>• Linguagem verbal e não verbal: meios tecnológicos</li> <li>• Figuras de linguagem</li> <li>• Processo de interação comunicativa - recursos de fluência e expressividade (Relatos, debates)</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Narrativo</li> <li>– Descritivo</li> <li>– Figurativo</li> </ul> </li> <li>• Contexto histórico do séc.XIX.</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Romantismo.</li> <li>• Poesia.</li> <li>• Leitura de obras literárias de autores afro-brasileiros.</li> <li>• Vocabulário próprio dos grupos indígenas, africanos e outros grupos.</li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pontuação</li> <li>– Acentuação</li> <li>– Ortografia</li> </ul> </li> <li>• O texto como unidade sócio comunicativa semântica e formal.</li> <li>• Elementos textuais: temas, pressupostos e inferências.</li> <li>• Reconstrução dos sentidos dos enunciados verbais e não verbais: coesão e coerência.</li> <li>• Barroco (revisão)</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Romantismo.</li> <li>• Prosa.</li> <li>• Teatro.</li> <li>• Relação existente entre língua, cultura e arte literária. <ul style="list-style-type: none"> <li>– Intertextualidade discursiva.</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais. <ul style="list-style-type: none"> <li>– morfossintaxe</li> <li>– colocação pronominal</li> </ul> </li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso. <ul style="list-style-type: none"> <li>– dissertação</li> <li>– argumentação</li> </ul> </li> <li>• Processo de interação comunicativa - recursos de fluência e expressividade (júri simulado).</li> <li>• Processos de organização da língua</li> <li>• Elementos da comunicação</li> <li>• Funções da linguagem</li> <li>• Linguagem verbal e não verbal: meios tecnológicos</li> <li>• Figuras de linguagem</li> <li>• Processo de interação comunicativa -</li> </ul>

<p>leitura crítica.</p> <p><b>CONHECIMENTOS LITERÁRIOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar, nos textos lidos, a especificidade que os caracterizam como textos literários das estéticas: parnasiana e simbolista.</li> <li>• Reconhecer que as concepções filosóficas da idade moderna que influenciam na produção literária contextualizada no Parnasianismo e Simbolismo.</li> <li>• Relacionar os textos literários segundo o horizonte cultural em que foram criados.</li> <li>• Identificar, nos textos lidos, a especificidade que os caracterizam como textos literários pertencentes às estéticas romântica, realista e naturalista.</li> <li>• Reconhecer que as concepções filosóficas desenvolvidas na idade moderna influenciam na produção literária contextualizada no Romantismo, no Realismo e Naturalismo.</li> <li>• Analisar e reconhecer o romance como gênero narrativo romântico, realista e naturalista.</li> <li>• Ler e diferenciar tipos de textos dramáticos (tragédia, comédia, tragicomédia).</li> <li>• Comparar as diferenciações linguísticas de uma época para outra.</li> <li>• Valorizar e comparar textos atuais, relacionando-os com conhecimentos próprios.</li> </ul> <p><b>CONHECIMENTOS GRAMÁTICAIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Associar conhecimentos de gramática discursiva aos fatos da língua, na constituição de sentido do texto ou da produção linguística.</li> <li>• Produzir textos com objetivo determinado partir de sequências linguísticas gramaticais possíveis.</li> <li>• Produzir textos respeitando características de coerência e coesão, bem como as normas gramaticais vigentes.</li> </ul>	<p>recursos de fluência e expressividade (Relatos, debates)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Narrativo</li> <li>– Descritivo</li> <li>– Figurativo</li> </ul> </li> <li>• Contexto histórico do séc.XIX.</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Romantismo.</li> <li>• Poesia.</li> <li>• Leitura de obras literárias de autores afro-brasileiros.</li> <li>• Vocabulário próprio dos grupos indígenas, africanos e outros grupos.</li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pontuação</li> <li>– Acentuação</li> <li>– Ortografia</li> </ul> </li> </ul> <p>O texto como unidade sócio comunicativa semântica e formal.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elementos textuais: temas, pressupostos e inferências.</li> <li>• Reconstrução dos sentidos dos enunciados verbais e não verbais: coesão e coerência.</li> <li>• Barroco (revisão)</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Romantismo.</li> <li>• Prosa.</li> <li>• Teatro.</li> <li>• Relação existente entre língua, cultura e arte literária. <ul style="list-style-type: none"> <li>– Intertextualidade discursiva.</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais. <ul style="list-style-type: none"> <li>– morfossintaxe</li> <li>– colocação pronominal</li> </ul> </li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso. <ul style="list-style-type: none"> <li>– dissertação</li> <li>– argumentação</li> </ul> </li> <li>• Processo de interação comunicativa - recursos de fluência e expressividade (júri simulado).</li> </ul>
---	---

www.se.df.gov.br

Para a 3ª série do 1º ano do Ensino Médio, em Língua Portuguesa, temos a seguinte distribuição de conteúdos:

### QUADRO 3: CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 3ª SÉRIE

LÍNGUA PORTUGUESA – 3ª SÉRIE	
HABILIDADES	CONTEÚDOS
<p style="text-align: center;">LETRAMENTO E DIVERSIDADE</p> <p>LINGUAGEM, ORALIDADE E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressar-se de forma argumentativa, coerente e persuasiva utilizando o código verbal, em situações de interação comunicativa.</li> </ul> <p>CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender os aspectos de conectividade (coesão) e de lógica textual (coerência).</li> <li>• Reelaborar e refletir sobre conhecimentos adquiridos, utilizando-se da intertextualidade para a construção do sentido do texto.</li> </ul> <p>LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir textos com determinado objetivo, para situações reais e/ou imaginárias.</li> <li>• Reformular, parafrasear, resumir as diversas modalidades textuais, a fim de reestruturar o próprio texto.</li> <li>• Produzir mensagens verbais e não verbais, a partir de temas ou assuntos específicos, dentro de estruturas linguísticas criadas de acordo com a intenção do que se quer transmitir, considerando os vários significados das palavras utilizadas.</li> <li>• Identificar-se como sujeito ativo do processo de socialização da Língua materna.</li> <li>• Identificar a intenção discursiva no enunciado linguístico e apreender as informações implícitas do texto.</li> <li>• Reconhecer, relacionar e organizar informações do texto com outras informações.</li> <li>• Construir valores envolvendo a cidadania, pensamento crítico e a leitura como uma atividade social de grande importância social.</li> <li>• Comparar, na análise e na compreensão do texto, conhecimentos prévios.</li> <li>• Identificar a ideia central e reconhecer as relações de sentido das palavras de um texto.</li> <li>• Identificar a intenção discursiva no enunciado linguístico e apreender as informações implícitas do texto.</li> <li>• Reconhecer, relacionar e organizar informações do texto com outras informações.</li> <li>• Construir o sentido dos enunciados a partir dos elementos do texto e do contexto.</li> <li>• Construir o sentido dos enunciados a partir dos elementos do texto e do contexto.</li> <li>• Identificar-se como sujeito ativo do processo de socialização da Língua materna.</li> </ul> <p>CONHECIMENTOS LITERÁRIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar a Escola Literária (Prémodernismo, modernismo e pósmodernismo) a que pertencem os textos trabalhados julgando-os conforme o seu posicionamento.</li> <li>• Reconhecer a influência das concepções filosóficas veiculadas na Idade Moderna e contemporânea na produção literária do Pré ao Pós-Modernismo bem como as tendências contemporâneas.</li> <li>• Ler, compreender e interpretar o texto do romance, reconhecendo-o como gênero narrativo do Pré-Modernismo, Modernismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textualidade: coerência e coesão.</li> <li>• Coesão: continuidade progressiva.</li> <li>• Produção refacção de textos em variados gêneros do discurso. <ul style="list-style-type: none"> <li>– Carta</li> <li>– Relato</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística – aspectos gramaticais</li> <li>• Valores semânticos das preposições e das conjunções</li> <li>• Sinais de pontuação</li> <li>• Regência nominal e verbal</li> <li>• Polifonia discursiva e jogo de vozes do discurso.</li> <li>• Vocabulário próprio dos grupos indígenas, africanos e outros grupos.</li> <li>• Processo de interação comunicativa – recursos de fluência e expressividade.</li> <li>• Arte moderna: as vanguardas europeias e a linguagem modernista.</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas. <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pré-Modernismo no Brasil.</li> <li>– Modernismo em Portugal.</li> </ul> </li> <li>• Leitura de obras literárias de autores afrobrasileiros.</li> <li>• Caráter evolutivo da língua.</li> <li>• Variedades linguísticas e os dialetos sociais.</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Resenha crítica</li> <li>– Editorial</li> <li>– Reportagem</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pronome demonstrativo em relação ao espaço</li> <li>– Concordância nominal e verbal</li> </ul> </li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Modernismo no Brasil 1ª e 2ª fases: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Poesia.</li> <li>• Prosa.</li> <li>• Teatro.</li> </ul> </li> <li>• Literatura de autores afro-brasileiros.</li> <li>• Processo de interação comunicativa - recursos de fluência e expressividade (mesa-redonda).</li> <li>• Papel dos códigos não verbais na comunicação.</li> <li>• Processo de interação comunicativa – recursos de fluência e expressividade (júri-simulado).</li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Notícia</li> <li>– Texto publicitário</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais <ul style="list-style-type: none"> <li>– Pronomes relativos e suas funções</li> <li>– Período composto por coordenação</li> </ul> </li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Modernismo - 3ª fase e tendências da literatura contemporânea no Brasil <ul style="list-style-type: none"> <li>• Poesia.</li> <li>• Prosa.</li> </ul> </li> <li>• Literatura de autores afro-brasileiros.</li> <li>• Teatro.</li> <li>• Semântica e interação</li> <li>• Leitura e análise de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Político e religioso</li> </ul> </li> <li>• Produção, refacção e releitura de textos em variados gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Notícia</li> <li>– Texto publicitário</li> </ul> </li> <li>• Análise linguística: aspectos gramaticais</li> </ul>

<p>e Pós-Modernismo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover discussões sobre a função da literatura na transmissão do conhecimento.</li> <li>• Ler tipos de textos dramáticos e diferenciá-los dos demais, em suas respectivas épocas.</li> <li>• Construir valores envolvendo a cidadania, pensamento crítico e a leitura como uma atividade social de grande importância social.</li> <li>• Identificar a Escola Literária (Prémodernismo, modernismo e pósmodernismo) a que pertencem os textos trabalhados julgando-os conforme o seu posicionamento.</li> <li>• Reconhecer a influência das concepções filosóficas veiculadas na Idade Moderna e contemporânea na produção literária do Pré ao Pós-Modernismo bem como as tendências contemporâneas.</li> <li>• Ler, compreender e interpretar o texto do romance, reconhecendo-o como gênero narrativo do Pré-Modernismo, Modernismo e Pós-Modernismo e promover discussões sobre a função da literatura na transmissão do conhecimento.</li> <li>• Perceber-se como agente transformador capaz de produzir obra de arte.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Pronomes relativos e suas funções</li> <li>– Período composto por coordenação</li> <li>• Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas: Modernismo - 3ª fase e tendências da literatura contemporânea no Brasil</li> <li>• Poesia.</li> <li>• Prosa.</li> <li>• Literatura de autores afro-brasileiros.</li> <li>• Teatro.</li> <li>• Análise linguística: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Valor semântico dos advérbios</li> <li>– Valores semânticos dos artigos e dos numerais</li> <li>– Período composto por subordinação</li> </ul> </li> <li>• Processo de interação comunicativa – recursos de fluência e expressividade (seminário).</li> </ul>
---	---

[www.se.df.gov.br](http://www.se.df.gov.br)

No Currículo de Educação Básica do Distrito Federal, são cinco as competências escolhidas que definem o perfil que se quer do aluno do ensino médio:

- Apreensão da norma padrão da língua portuguesa e das várias linguagens: artísticas, científica, corporal, filosófica, literária, matemática e tecnológica, bem como o conhecimento de línguas estrangeiras para ampliação da visão de mundo.
- Compreensão e construção de conhecimentos dos fenômenos naturais e sociais, nos diferentes componentes curriculares, em seus processos histórico-geográficos, artístico-culturais e tecnológicos para a formação do cidadão.
- Seleção, organização e interpretação de dados correlacionados a conhecimentos, representados nos diferentes componentes curriculares para enfrentar situações-problema teóricas e práticas.

- Construção de argumentações consistentes, correlacionadas a situações diversas para propor e realizar ações éticas de intervenção social.
- Conhecimento e compreensão da diversidade, a fim de fortalecer os valores, ampliar a capacidade crítico-reflexivo, articulada à formação para o mundo do trabalho, priorizando a ética, o desenvolvimento da autonomia e do pensamento.

Assim, é na escola que o aluno deve encontrar o espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a sua inserção no cotidiano das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior e dinamizado.

Para o MEC (2000), os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos.

O ensino médio tem um papel bem definido, de acordo com o MEC (2000), que o de desenvolver valores, competências e habilidades voltadas à formação de pessoas e cidadãos autônomos, críticos e competentes para que possam continuar a aprender, compreender o mundo em permanente transformação e nele intervir de modo responsável e ético, integrar-se ao mundo do trabalho com condições de aprimoramento profissional, acompanhando as mudanças que caracterizam o nosso tempo.

Em atendimento à Lei nº 10.639/2003, modificada pela Lei nº 11, 645/2008, foi realizado no ano de 2008 o II Fórum Regional de Educação e Diversidade Racial, promovido em parceria com diversas instituições governamentais e não governamentais, sindicatos e associações.

O Fórum contou com a participação de 483 profissionais, com a elaboração de encaminhamentos com a finalidade de serem inseridos no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, proposta do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais.

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, estrutura-se em três anos e tem como finalidade a consolidação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, a continuidade da aprendizagem e a preparação para o trabalho e a cidadania. Em conformidade com a LDB, Lei Federal nº 9.394/96, o Ensino Médio tem progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade.

Nas Matrizes Curriculares do Ensino Médio, a carga horária semanal do Ensino Médio Regular é diferente da carga horária semanal do Ensino Médio Noturno, como mostra o quadro abaixo.

**QUADRO 4: MATRIZES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO**

MATRIZES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO					
Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL					
Etapa: Ensino Médio					
Modalidade: Regular					
Regime: Anual					
Módulo: 40 semanas					
Turno: Diurno					
PARTES DO CURRÍCULO	ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA SEMANAL		
			SÉRIES		
			1ª	2ª	3ª
BASE NACIONAL COMUM	Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	4	4	4
		Arte	1	1	1
		Educação Física	1	1	1
	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	Matemática	3	3	3
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
		Biologia	2	2	2
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	História	2	2	2
		Geografia	2	2	2
		Filosofia	1	2	2
		Sociologia	2	2	2
	Parte Diversificada	Língua Estrangeira - Inglês	1	1	1
Língua Estrangeira - Espanhol		1	1	1	
Ensino Religioso		1	-	-	
TOTAL DE MÓDULOS-AULA SEMANAIS			25	25	25
TOTAL DA CARGA HORÁRIA SEMANAL (hora-relógio)			20	20	20
TOTAL SEMESTRAL (hora-relógio)			400	400	400
TOTAL ANUAL (hora-relógio)			800	800	800
OBSERVAÇÕES:					
Os três primeiros módulos-aula terão a duração de 1. 50 (cinquenta) minutos e os dois últimos, de 45 (quarenta e cinco) minutos.					
2. O horário de início e término do período letivo é definido pela instituição educacional.					
3. O intervalo é de 15 (quinze) minutos.					
4. Será ofertado Projeto Interdisciplinar na Parte Diversificada, em substituição ao componente curricular Língua Estrangeira – Espanhol, nas instituições educacionais que:					
<input type="checkbox"/> não iniciaram o processo de implantação da Língua Estrangeira – Espanhol;					
<input type="checkbox"/> já iniciaram o processo de implantação da Língua Estrangeira – Espanhol e que não têm optantes.					
5. O aluno da 1ª série que não for optante por Ensino Religioso terá mais 1 hora-aula de Filosofia.					

Fonte: Disponível em <http://www.se.df.gov.br/>

Em 2008, a SEDF registrou a matrícula de 64.789 alunos no Ensino Médio, distribuídos em 1.720 turmas. Conta com 41.703 profissionais concursados e 4.059 Contratos Temporários. Desde 2007 foram empossados 1.363 novos professores.

**TABELA 2: INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS NO DISTRITO FEDERAL**

INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS	
TIPOLOGIA	QUANTITATIVO
Centro de Educação Infantil e Jardim de Infância	58
Escola Classe	315
Centro de Ensino Fundamental	150
<b>Centro de Ensino Médio</b>	<b>31</b>
Centro Educacional	32
Centro de Ensino Especial	13
Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul	01
Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília	01
Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional	01
Escola Parque	05
Centro Interescolar de Línguas	08
Instituições de Atendimentos Específicos <sup>1</sup>	05
<b>Total</b>	<b>620</b>

Fonte: SE/Subip/Dpeac/Gerac

A partir do Decreto 48.297 de 17 de junho de 1960, foi criada a Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF, com o objetivo de executar a política educacional do Distrito Federal, vinculada à Superintendência de Educação e Cultura, criada pelo Decreto 43, de 28 de março de 1961.

Atualmente a educação em Brasília está fundamentada na Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN, nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, no Plano Nacional da Educação – PNE, entre outros instrumentos.

O plano de Lúcio Costa previa, no Distrito Federal, apenas a cidade de Brasília, com o teto de entre 400 e 500 mil habitantes, residindo basicamente em apartamentos e algumas casas adequadamente previstas e distribuídas segundo o Plano Piloto, com uma quase perfeita distribuição espacial. Mas Brasília era o “Eldorado”, o sonho possível.

Assim, a cidade teve que se expandir e começaram a surgir as cidades-satélites. Além dos núcleos pré-existentes, Planaltina (1859) e Brazlândia (1933), surgiram também o Núcleo Bandeirante, em 1956, seguindo-se Taguatinga, em 1958, e, em 1960, Sobradinho e Gama. O setor educacional teve que defrontar-se com essa realidade e com as distorções ocorridas desde o início da construção da nova capital.

Em 06 de dezembro de 1971 foi aprovado o Plano Prévio pelo Parecer 125/71 do Conselho de Educação do Distrito Federal, com alterações cabíveis e, a partir de 1972 foram implantadas as novas estruturas da Secretaria de Educação e Cultura e da Fundação Educacional do Distrito Federal.

Nos lugares das Divisões da Educação (órgãos de natureza local) em todas as cidades-satélites do Distrito Federal e no Plano Piloto, foram criados os Complexos Escolares do Distrito Federal (hoje Diretorias Regionais de Ensino – DRE`s), subordinados à Diretoria Executiva e vinculados diretamente ao então Departamento de Pedagogia e ao Departamento de Administração da FEDF.

Em agosto de 1988, foi criada a Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal – EAPE, integrada à estrutura da Diretoria de Recursos Humanos – DRH, com a finalidade de promover o aperfeiçoamento profissional dos especialistas, professores e demais servidores do quadro de pessoal da FEDF.

Atualmente, a Educação Básica da SEDF é composta por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. As modalidades de educação: o Ensino Especial e a Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, seu objetivo é assegurar o todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Assim, a construção de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças entre os alunos e que, ao mesmo tempo, considerem essas diferenças como elementos ricos de trabalho, promovendo uma constante interação entre os pares, é um princípio fundamental na perspectiva de assegurar uma educação de qualidade.

Para atendimento desse princípio fundamental, o Art. 22 da Lei nº. 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – estabelece que "a Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores".

É necessário, pois, que a instituição educacional ressignifique seu trabalho e sua ação pedagógica, nas etapas e nas modalidades da Educação Básica, tendo como foco sua função social de formar o cidadão: permitir ao aluno a construção de conhecimentos, atitudes e valores que o tornem solidário, crítico, criativo, ético e participativo.

Assim, é possível perceber que a mesma educação pensada pode ser a educação vivida nas salas de aulas das escolas da rede pública do Distrito Federal abrigadas pelas asas dessa grande ave – Brasília. Dos milhares de professores desta cidade, o poema "Aqui Brasília" traz a descrição do sentimento dos que aqui nasceram, cresceram e alcançaram seus sonhos. Eis Brasília aos olhos de um dos seus:

AQUI BRASÍLIA  
(Nelson Carvalho)

Aqui Brasília  
- aqui planalto central.  
Céu aberto,  
tempo azul,  
baixa umidade do ar.  
Ventos quadrante sul  
- aqui vinte e dois graus.  
Poeira vermelha  
(meus olhos também)  
flor do cerrado  
na beira do lago.  
Nuvens ausentes,  
sol no horizonte  
- aqui o mais belo poente.  
Esse que ene,  
esse que esse,  
dáblios e eles e eles,  
cepe setenta mil,  
dê dê, dê zero sessenta e um.  
Céu aberto,  
planalto central  
- aqui Brasília, poesia e paixão.

## CAPÍTULO 3 - LETRAMENTO E LETRAMENTOS

### 3.1 A pluralidade do conceito

O Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf vem sendo apurado anualmente, desde 2001, por meio de estudo realizado pelo IBOPE com base na metodologia desenvolvida em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro – IPM, responsável pela atuação social do IBOPE e a ONG Ação Educativa.

O Indicador de Alfabetismo Funcional verifica os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade, englobando residentes de zonas urbanas e rurais de todas as regiões do Brasil, estudantes ou não estudantes.

O Inaf/Brasil define os brasileiros em quatro níveis, de acordo com suas habilidades em leitura/escrita (letramento) e suas habilidades em matemática (numeramento). São: analfabetismo, alfabetismo rudimentar, alfabetismo básico e alfabetismo pleno.

A maioria dos brasileiros (65%) entre 15 e 64 anos que estudaram até a 4ª série atinge no máximo o grau rudimentar de alfabetismo, ou seja, localizam somente informações explícitas em textos curtos e efetuam operações matemáticas simples, mas não compreendem textos mais longos nem definem estratégias de cálculo para resolução de problemas.

Podem ser consideradas analfabetas absolutas em termos de leitura/escrita, os que não conseguem codificar palavras e frases, mesmo que simples, além de terem dificuldade em lidar com números em situações do dia-a-dia.

Dentre os que cursam da 5ª a 8ª série, apenas 20% podem ser considerados plenamente alfabetizados e 26% ainda permanecem no nível rudimentar, com sérias limitações.

Enquanto 47% dos que cursaram ou estão cursando o Ensino Médio atingem o nível pleno de alfabetismo, esperado para este grau de escolaridade, outros 45% ainda permanecem no nível básico.

Entre os que atingem ou completam o Ensino Superior observa-se uma maioria (74%) com pleno domínio das habilidades de leitura/escrita e das habilidades matemáticas.

Os estudos atuais têm demonstrado a importância do letramento, seja na prática escolar; opondo-se à concepção de alfabetização, seja como prática social, comparando-se os usos e funções da escrita e da leitura em sociedades tradicionais e modernas.

Essas reflexões buscam melhor definir as competências linguísticas do indivíduo inserido em sociedades complexas, nas quais a escrita e a leitura constituem condição primária para a integração das pessoas como membros efetivos desse modelo de comunidade. As constantes transformações dessas sociedades exigiram uma redefinição das práticas sociais, que hoje incluem o uso constante da leitura e da escrita.

A adoção do vocábulo "letramento" procura atender a essa nova realidade, já que só recentemente a sociedade brasileira passou a preocupar-se com o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita nas práticas sociais e não somente com o saber ler e escrever mecanicamente. Porém, essa transformação traz consigo problemas de delimitação de sentido, de definição e também de mensuração.

Segundo Soares (1998), letramento seria a tradução para o português da palavra inglesa literacy, que etimologicamente se origina da forma latina *littera*, cujo significado é "letra". Literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

Ainda de acordo com Soares (1999) o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem conseqüências sobre o indivíduo e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüísticos e até mesmo econômicos.

Para Bortoni-Ricardo (2008) o termo letramento é geralmente empregado para indicar um acervo cultural preservado por meio da escrita. O termo letramento pode ser usado no plural, ou pensar em culturas de letramento para preservar a idéia de que não existe só uma cultura de letramento.

Há manifestações culturais letradas associadas à cultura popular, como a literatura de cordel, por exemplo, sendo que uma cultura de letramento é constituída de práticas sociais em que as pessoas se apóiam em textos escritos e lidos ou lidos e preservados na memória

Já para Kleiman (2008) letramento é um conjunto de práticas de uso da escrita que têm modificado profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares, sem porém excluí-las.

Para Warschauer (2006), os letramentos eletrônicos não estão isolados dos tipos de letramento praticados com material impresso, mas envolvem camadas sobrepostas, responsáveis pelas novas possibilidades apresentadas na mídia eletrônica relativa aos computadores e à internet. Há o letramento por meio do computador que, na década de 1980, existia a dificuldade de buscar o significado de palavras por causa dos erros de ortografia. Já o letramento informacional envolve tanto o conhecimento específico de uso do computador (domínio do programa de navegação e das ferramentas de busca) como habilidades de letramento crítico (análise e avaliação das fontes de informação).

O letramento multimídia seria a combinação de texto, planos de fundo, fotografias, materiais gráficos, áudio e vídeo numa apresentação única.

E o letramento comunicacional mediado por computador, que se refere às habilidades interpretativas e de escrita necessárias para que as pessoas se comuniquem efetivamente mediante a mídia on-line. (Regras de comportamento na rede, por exemplo.).

No Brasil ainda há uma grande parcela da população que aprendeu a ler e a escrever, mas não incorporou as práticas de leitura e escrita. Como a leitura abrange um grande conjunto de habilidades que vão desde a simples decodificação de algumas palavras até a compreensão de uma tese de filosofia, é preciso questionar quem é uma pessoa letrada.

Na verdade, nossas escolas não estão preparando devidamente nossos alunos para que estes sejam, ao final do ensino médio, leitores proficientes. Pesquisas têm revelado que grande parte dos candidatos ao vestibular são ainda analfabetos funcionais ou iletrados.

A prática da leitura na escola fracassa justamente pela forma como é oferecida. A leitura do texto é trabalhada linearmente, com a decodificação de conteúdos a serem avaliados. Soma-se a estes fatores, o fato de se reduzir a leitura apenas a textos literários, tornando o processo enfadonho ou individualizado.

As condições mais adequadas para que a escola desenvolvesse estas habilidades seria a escolarização real e efetiva, isto é, a comunidade escolar deveria engajar-se em um projeto de leiturização, propondo formas alternativas e produtivas para tornar os alunos e os professores de todas as áreas cada vez mais leitores competentes dos mais diversos tipos de textos.

Outro fator importante é ter um material de leitura de qualidade, como boas bibliotecas, com leitura de revistas e jornais, isto é, um ambiente totalmente favorável ao letramento.

É necessário, portanto, que os alunos tenham acesso constante a bons livros didáticos e paradidáticos, obras técnicas e teóricas, grandes nomes da literatura nacional e mundial, dicionários, enciclopédias, jornais e revistas, além dos diversos tipos de textos socialmente funcionais como: catálogos, receitas, ofícios, relatórios, formulários, cardápios, legislações, entre outros, além do uso da internet para fins educativos.

Na construção da leitura, dentre muitos aspectos, pode-se ressaltar o processo inferencial, que resulta de uma elaboração de pensamento, por meio da formulação de hipóteses aceitas e refeitas.

Assim, a leitura passa a ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do seu conhecimento de mundo, dos conhecimentos lingüísticos e da intencionalidade do autor.

Como cada indivíduo pertence a um grupo social e cultural distinto, as inferências geradas dependerão da experiência prévia de cada um. Ao se ler o implícito no texto, integra-se a própria experiência do mundo do leitor.

O professor deve tornar mais receptivo às inferências que não reproduzam a ideologia dominante, tornando-se, assim, um educador, ao considerar os discursos dos diversos grupos, levando seus alunos a uma visão mais reflexiva e receptiva da cultura do outro.

Hoje, mais do que nunca, em face às exigências do mundo atual, a leitura tem um papel fundamental no processo de construção do conhecimento, seja como fio condutor na rede do currículo interdisciplinar, seja no desenvolvimento de competências e habilidades na interação com diferentes sistemas de expressão com os quais se queira formar um aluno capaz de aprender, por si próprio, ao longo da vida.

E, para que se possa letrar o aluno, no sentido do uso efetivo das práticas da cultura escrita, garantindo seu desenvolvimento como sujeito social e, portanto, promovendo sua formação cidadã, é essencial colocá-lo em contato com gêneros textuais produzidos fora da escola, em diferentes áreas de conhecimento.

Por outro lado, é também crucial que os professores tenham bom grau de letramento para identificar as particularidades do maior número possível dos gêneros com os quais trabalha em seu componente curricular, a fim de preparar o aluno de modo competente para usá-los em espaços sociais não escolares.

Assim, para cada gênero textual, há estratégias específicas de leitura que transitam na esfera das aulas da disciplina, sendo fundamental o domínio do docente, para que se transfiram, além dos conhecimentos, o desenvolvimento das habilidades de leitura, entendida como o ato de produzir sentidos a partir de conhecimentos prévios de mundo, lingüísticos e textual-discursivos.

O professor, realmente comprometido com o desenvolvimento pleno de seus alunos, cujo objetivo maior seria o desenvolver a consciência crítica deles, preparando-os para atuarem significativamente no mundo em que vivem.

Para tanto, é necessário que o próprio professor se torne letrado, tornando-se um leitor crítico, competente e capaz de, com os outros educadores, formular programas eficazes de desenvolvimento do letramento nas escolas brasileiras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais postulam a necessidade de promover o letramento, que é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo por ter se apropriado da escrita. Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições.

Se a tarefa é complexa de definir letramento diante da diversidade brasileira, no que concerne às questões sociais, culturais, econômicas, históricas, geográficas, entre tantas outras, torna-se uma tarefa, ainda mais difícil, na hora de decidir como avaliar esse letramento em alunos de todo o país ou de diferentes países.

A solução encontrada pelos sistemas de avaliação é partir de um nível de letramento que se espera que os alunos de determinada idade ou nível de escolaridade devam ter e, assim, elaborar questões que procurem verificar em uma escala de proficiência.

É possível dizer que o sujeito competente no domínio da linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente diante do que se lê ou ouve; de ler e escrever produzindo sentido. Ser competente no uso da língua significa, portanto, saber interagir por meio de textos, em qualquer situação de comunicação.

### 3.2 A evolução do letramento digital na SEDF

O desafio para a educação no Brasil e de maneira particular no Distrito Federal é que se possa criar uma rede de trocas e colaboração em torno de uma temática que vem ganhando cada vez mais espaço na mídia, no cotidiano do cidadão e nas agendas de governos em todo o mundo: o papel das tecnologias de informação e comunicação – TICs - na educação a partir da perspectiva de inclusão digital do professor.

O cenário do século XXI, fortemente alterado pela revolução tecnológica e seus desdobramentos sociais, exige a revisão das políticas públicas de educação em nossos países, não apenas do ponto de vista da universalização do ensino, como cada vez mais do ponto de vista de sua qualidade.

Em uma sociedade em que produzir e consumir informações e bens culturais depende, em grande medida, do acesso e da proficiência em tecnologias da informação e da comunicação em suas diversas facetas, é natural, e mesmo desejável, que os sistemas educativos operem também uma revisão de paradigmas, pressupostos e procedimentos.

Vários são os pontos nos quais educação e tecnologias se encontram para gerar novidades que podem contribuir com o que se entende por “qualidade na educação”, mesmo que esse termo possa causar alguma inquietação.

Mas há muito que problematizar, construir, refletir, experimentar e sistematizar para que as TICs concretizem, na escola, a contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF –, responsável pelas políticas públicas educativas, vem fazendo, em maior ou menor escala, investimentos de infra-estrutura, capacitação docente e produção de conteúdos digitais educativos, assim como ampliando a compreensão de sua importância no desenvolvimento humano e social das futuras gerações.

Um exemplo é o Distrito Federal que, nesse ano de 2009, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAPDF – entregou, por meio do Programa de Inclusão Digital para Professores da Rede Pública do Distrito Federal, um microcomputador portátil – notebook - aos professores, sendo o financiamento realizado pelo Banco de Brasília – BRB, com o governo subsidiando 50%. Mas há muito o que fazer ainda.

A velocidade com que as TICs se apresentam ao mundo é incomparável. A cada dia aparece um aparelho celular novo, com mais tecnologias que facilitam a vida do consumidor, como os computadores com mais agilidade e a internet banda larga com mais velocidade.

É muita informação e a SEDF tem que acompanhar com a mesma agilidade estas mudanças, principalmente para atender a um de seus objetivos, que é o de formar um cidadão crítico, independente e competente.

O ensino médio é uma etapa de vida marcada por profundas transformações físicas e psicológicas do adolescente. É uma fase de amadurecimento na qual o adolescente entra em contato com os direitos e deveres da vida adulta, com destaque para as escolhas referentes à futura vida profissional.

É um processo complexo e, por vezes, difícil, no qual ganham dimensão conceitos como decisão, escolha, responsabilidade, cidadania, projeto de vida, valores, atitudes, realização pessoal e profissional, projeto de vida, valores, atitudes e autocrítica.

Portanto, trata das questões generalizadas, pois os detalhes do funcionamento do sistema são objetos de decretos, pareceres, resoluções e portarias.

Na SEDF, os saberes a serem construídos na escola devem ser inseparáveis da vida. Um dos desmembramentos da LDB foi a elaboração do Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal – 2008 – que privilegia a leitura e o texto, mas deixa aquém o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs - como forma de ensino e aprendizagem cotidiano da sala de aula dos alunos do ensino médio da rede pública do Distrito Federal.

O Currículo é voltado para a descoberta de um humanismo renovado que acredita que a vida torna os seres humanos mais sensíveis à medida que se intensificam os relacionamentos. A aprendizagem, numa visão pós-moderna, se efetiva não só pelos aspectos abordados até agora pela didática tradicional, como também pelos diversos canais energéticos vitais, principalmente a intuição.

A Educação Básica do Distrito Federal tem uma proposta curricular instigante, construída com a participação dos professores regentes que acreditam no desafio de realizar essa importante tarefa, superando dificuldades de diversas ordens, com afinho e desejo de mudanças, tendo como eixos norteadores o letramento e a diversidade, horizontes norteadores para o crescimento do ensino público da rede pública do DF.

### 3.3 Os desafios da escola no mundo moderno

As técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam (Masetto, 2009). Assim, continua o autor, cabe perguntar: para que se preocupar com tecnologias que colaborem para um ensino e uma aprendizagem mais eficaz? Não basta o domínio do conteúdo como todos apregoam?

A resposta deve partir dos cursos de formação de professores (cursos de licenciatura e pedagogia), onde há valorização do domínio de conteúdo nas áreas específicas em detrimento das disciplinas pedagógicas.

Nos cursos de formação do ensino superior, o uso da tecnologia adequada ao processo de aprendizagem e variada para motivar o aluno não é tão comum, fazendo com que os novos professores do ensino fundamental e médio, ao ministrarem suas aulas, praticamente copiem o modo de fazê-lo e o próprio comportamento de alguns de seus professores de faculdade, dando aulas expositivas cansativas e, em alguns momentos, sugerindo trabalhos em grupos com pouca orientação. Para Bortoni-Ricardo (2008), o professor deve ser um pesquisador que não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. Para a autora, o que distingue um professor pesquisador de outros profissionais é uma incansável busca pela reflexão de sua prática educativa, buscando os aspectos positivos e superando as deficiências detectadas. Assim, ele deve manter um canal aberto para novas idéias e estratégias pedagógicas.

Para Coscarelli (2007), os professores e educadores devem melhorar sua qualificação em relação à tecnologia, pois em uma economia global, cada vez mais embasada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país.

A Comunidade Europeia <sup>9</sup>definiu a expressão e-learning (aprendizado eletrônico) como sendo “a utilização e comunicação inclusive a Internet para o ensino e aprendizagem”, para incentivar o desenvolvimento e a aquisição de conhecimento digital, bem como aumentar as capacidades pessoais de utilizar as novas tecnologias no estudo e no trabalho, além de adaptar os sistemas de educação e formação de modo a ser um sinal para os desafios da Sociedade da Informação.

---

<sup>9</sup> UNESCO (2009).

Há ainda um grande déficit de meios físicos para o acesso à Internet, pouquíssimo conteúdo em português (o que é preocupante para um país que tem um índice tão alto de analfabetos funcionais), um número pequeno de telecentros para o uso público da Internet e metas não alcançadas pelos projetos governamentais de informatização das escolas públicas.

A Comunidade Europeia definiu alguns objetivos com os quais é possível pensar em uma educação na Sociedade da Informação:

1. Generalizar e melhorar o acesso a equipamentos, programas de informática, redes de informação e comunicação;
2. Proporcionar e simplificar o acesso a uma formação de qualidade para todos;
3. Desenvolver a cooperação entre professores, educadores e gestores empenhados na criação de uma “área educativa nacional”;
4. Recolher e divulgar informações sobre as melhores práticas em matéria de utilização das tecnologias da informação e da comunicação na aprendizagem;
5. Promover a inovação dos conhecimentos práticos e a experiência.

Assim, pode-se pensar em uma inclusão digital para os professores, com políticas públicas que de fato irão beneficiá-los, para que tenham o acesso adequado às tecnologias e, a partir desse letramento digital, dinamizar suas aulas, tornando-as fecundas para que o aluno do ensino médio possa terminar o ensino médio e, ao entrar no mundo que o espera, entrar como um cidadão crítico e um leitor competente, fazendo um bom uso das tecnologias que estão ao seu dispor.

Sampaio (1999) esclarece, a respeito da responsabilidade do professor em relação ao uso das tecnologias, que a nova geração nasceu num universo invadido pela imagem, pois ela sempre fez parte do horizonte cultural do professor.

Em contrapartida, os adultos que desejam se interessar seriamente pelas imagens são obrigados a fazer uma verdadeira conversão mental e vivem dolorosamente um processo laborioso de aculturação.

Esclarece, ainda, que é importante que a escola e todo o seu corpo docente se apropriem do conhecimento advindo do uso das tecnologias, isto é, dos mais comumente ligados à comunicação de massa (jornal, rádio, televisão, etc.), como dos já convencionados na educação (gravador, DVD, MP3, data-show) ou mesmo tecnologias que servem a vários fins e que podem ser utilizadas pedagogicamente.

É fundamental que o professor seja preparado para utilizar pedagogicamente as tecnologias na formação de cidadãos que deverão produzir e interpretar as novas linguagens do mundo atual e futuro. Só assim pode ser compreendida a importância de defender a necessidade de alfabetização tecnológica para o professor.

Coscarelli (2007) pontua sua opinião perguntando se o professor estará preparado para usar a ferramenta digital; se é um bom digitador ou se sabe formatar ou lidar com planilhas; se consegue criar apresentações ou simplesmente navegar pela internet e conhecer o mundo admirável que está presente nela.

Por fim a pergunta: como o professor irá ajudar seus alunos a dominar essas ferramentas e entrar nesse mundo se não o conhece e muito menos o utiliza como uma das estratégias para dinamizar suas aulas e absorver a atenção de seu aluno?

Na sua prática pedagógica, o professor sempre depara com as dificuldades para propor e, depois de aceito, levar adiante seus projetos. A partir da direção que pouco o ajuda, muitas vezes por não encontrar sua real função no todo da escola, e até chegar aos professores de cada área, são poucos os professores que realmente estão capacitados para o mundo da tecnologia.

Assim, o professor precisa despertar e ser ajudado a despertar sua criatividade, sensibilidade, possibilitando a ele voltar a ler, envolver-se nos projetos escolares que lhe favoreçam.

Se o governo também não fizer sua parte, isto é, investir no educando, todos os projetos podem ficar nas mãos de políticos escolhidos pelo povo em um processo democrático, inibindo o processo de valorização da educação no Brasil.

É preocupante o fato das políticas educacionais emperrarem o processo da educação. Ler é um ato democrático. Nosso país precisa repensar seus atos com a educação e nossos educadores precisam ajudar a construir uma escola que dê mais espaço para o desenvolvimento do aluno e do professor.

É um trabalho longo, pois lidar com os professores é como lidar com uma cultura já solidificada. Tijolo por tijolo, num desenho mágico, como diz os versos de uma música de Chico Buarque.

A educação precisa de pessoas comprometidas com a educação. Se não for assim, tudo pode se tornar uma grande mentira. E nossos jovens têm que crescer amando a realidade. Esta sim, uma grande educadora!

Para Sampaio e Leite (1999), as tecnologias e as mudanças que elas acarretam envolvem a todos no mundo contemporâneo; por isso é necessário pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico.

Assim, o computador deve ser um forte aliado da escola, pois os recursos da informática são infinitamente sedutores, além de imprescindíveis para a formação de um cidadão letrado.

Mas, para que efetivamente, para que esse cidadão venha a representar uma mudança na vida escolar, a educação deve ser compreendida como um processo de construção de um saber percebido como útil e aplicável pelos professores e pelos alunos e não como uma realidade a parte, desinteressante e inacessível, confinada a Laboratórios de Informática, apertados, com computadores velhos, sem rapidez e sem banda larga.

Aqui cabe explicitar que SEDF tem programas educacionais interessantes, tais como a Informática na Educação, que desenvolve, na Informática Educativa, ações de implantação e implementação do uso de tecnologias da informática como auxílio à operacionalização do currículo da Educação Básica, com o objetivo de orientar, acompanhar e avaliar as atividades de informática educativa desenvolvidas nas instituições educacionais da rede pública de ensino.

Para tal, implantou laboratórios de informática, que receberam equipamentos do ProInfo<sup>10</sup>. Esses laboratórios foram adaptados na instituição educacional, quase sempre tirando salas de aula usadas e transformando-as. Mas, mesmo os aparelhos sendo relativamente modernos, os programas não o são e tem mais, não há o uso da banda larga para toda a escola.

Assim, os professores desmotivados e sem saberem usar as ferramentas de apoio dos programas para incentivar, motivar suas aulas e os laboratórios no estado em que são implantados, não se pode entender que aja realmente uma avanço na informática educativa.

Para que a informática se apresente como tecnologia educacional, é preciso que os professores se preparem para operar desembaraçadamente com tal tecnologia. Isso significa se tornar-se um com a informática, familiarizar-se com os recursos básicos necessários à utilização dessa tecnologia.

Assim, a escola, tendo professores e alunos conquistado os saberes tecnológicos imprescindíveis, será um lugar mais real, mais acessível e prazeroso, em que aprender estará conjugado com a cidadania competente da qual o aluno fará parte.

---

<sup>10</sup> O programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo – é um programa educacional, criado pela Portaria 522/MEC, de 09 de abril de 1977, para promover o uso pedagógico de Tecnologias de Informática e Comunicações – TICs – na rede pública de ensino fundamental e médio. Ver site: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

A EAPE, a partir desta perspectiva, deve atender ao professor, capacitando-o para que ele possa na sua realidade, na regência de sala, aplicar os conhecimentos tecnológicos.

Ao fazer uso desses conhecimentos, traz para a sua realidade os conhecimentos adquiridos e possibilita para os alunos que o uso do computador e da internet não servem apenas para baixar músicas ou filmes ou apenas navegar nos sites de relacionamentos. Ao contrário, é uma ferramenta preciosa e poderosa para a aprendizagem, para o enriquecimento da aula.

## **CAPÍTULO 4 – DESENHO METODOLÓGICO**

### 4.1 Para entender o método etnográfico

Para entender o significado da etnografia aplicada à pesquisa social e educacional, se faz necessário fazer uma distinção entre etnologia e etnografia. Um dos pontos que une essas duas abordagens de pesquisa é o interesse comparativo e a conexão histórica que possuem.

É no trabalho de Erickson (1986) que se encontram os pressupostos para explicar o significado da etnografia aplicada à sala de aula e a história intelectual da etnografia, sinalizando o tipo de questões que se deve ter em mente quando se usa esta abordagem de pesquisa.

Etnologia é um termo originário do século XIX para designar estudos comparativos dos modos de vida dos seres humanos e emerge como ciência, juntamente com a arqueologia, filologia, linguística histórica, paleontologia e a teoria geral da evolução em biologia. A etnologia apareceu primeiramente em estudos antropológicos ingleses, 50 ou 60 anos antes do aparecimento da etnografia.

Portanto, etnologia é o termo para o estudo sistemático ou científico sobre o outro. O estudo comparativo sistemático da variedade de outros povos diferente do nosso. Etnologia é ramo da antropologia cultural que estuda a cultura dos povos naturais, é o estudo e o conhecimento, sob o aspecto cultural, das populações primitivas.

A etnografia desenvolve-se no final do século XIX e início do século XX, como uma tentativa de observação mais holística dos modos de vida das pessoas. Foi encontrada primeiramente em livros de viagem, descrevendo sociedades exóticas.

Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário "o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa" (GEERTZ, 1989, p. 15).

A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem; esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente.

O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categorial cultural.

Etnografia é escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.

Na moderna etnografia, o legado da etnologia é o interesse no desenvolvimento como um todo, dentro de uma dada sociedade, e o interesse em todos os tipos de variações deste desenvolvimento.

Uma distinção entre a etnologia e etnografia existe particularmente em estudos de casos comparativos. Em etnografia existe o interesse da sociedade local ou grupo estudado em descobrir e relatar o mais detalhadamente possível todos os tipos de variações que ocorrem dentro deste grupo.

A microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia, freqüentemente utilizada nos estudos da linguagem é caracterizada como: sociolingüística da comunicação, microanálise sociolingüística, sociolingüística interacional, análise de contexto, análise de discurso, análise da conversação. Considerada como micro porque estuda-se particularmente um evento ou parte dele, ao mesmo tempo em que se dá ênfase ao estudo das relações sociais em grupo como um todo, holisticamente (LUTZ,1983). Na microanálise etnográfica existe uma preocupação com o interesse dos atores sociais na escolha de uma determinada forma de comportamento e qual o significado desta escolha.

Portanto, enfatizar-se o significado da interação como um todo, a relação entre a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais, por exemplo: cultura da sala de aula, da escola, das escolas em geral. (ERICKSON, 1992)

Para Bortoni-Ricardo (2008), ao se tratar de pesquisa etnográfica em sala de aula, deve entender que se trata de uma pesquisa qualitativa, interpretativista, com uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação para a geração e a análise de dados.

Para Erickson (2009) o etnógrafo não pode descobrir ou comunicar a visão do mundo exatamente como ela é vista por pessoas que ele ou ela está estudando – nem há necessariamente uma única visão compartilhada de forma idêntica entre aqueles que são estudados.

No entanto, aproximar-se do significado das perspectivas daqueles que são estudados é a intencionalidade que define o trabalho etnográfico.

#### 4.2 A formação continuada dos professores

Bortoni-Ricardo (2009) enfatiza que tratar de problemas educacionais é uma ação que envolve questões mais abrangentes e não apenas aquelas restritas ao ambiente escolar. Assim, tratar da situação da escola atualmente é pode ter um olhar que ultrapassa as paredes escolares.

A primeira coisa que todos fazem é jogar a primeira pedra no professor. De fato, podemos questionar os cursos de formação pelos quais nossos professores passaram e ainda passam. Mas o que de fato interessa é discutir a respeito dos cursos de formação que estão sendo oferecidos aos professores.

Como os professores saem das universidades e começam sua vida educacional? Com certeza sem o devido preparo. Sair da universidade e enfrentar uma turma cheia de alunos inquietos e desestimulados é como entrar em um terreno inóspito e cheio de surpresas. Não é nada fácil para esse professor que inicia sua carreira pedagógica.

Segundo Nóvoa (2004), catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, em entrevista de 2006 para um jornal local, afirmou que a formação continuada é o que irá propiciar ao professor uma melhoria na sua prática pedagógica e incentivá-lo a criar estratégias de ensino que levem os alunos a se apropriarem do que estão aprendendo na sala de aula.

Mas é necessário que a formação continuada facilite o trabalho do professor, sendo que para isso os programas de formação devem ser uma ajuda na vida dos professores e não uma tarefa cheia de aborrecimentos e frustrações.

Tais programas devem se pautar em duas dimensões: a dimensão do pensar e a dimensão do organizar o trabalho escolar. Isto é, não ser um conjunto de teses e teorias, mas estar dentro das escolas.

Nóvoa (2004) realça ainda que esse trabalho de formação deve focar na equipe pedagógica dos professores para não reforçar as práticas individuais tão sabidas no dia a dia da escola, pois o trabalho docente é de uma complexidade que não tem como ser desenvolvido individualmente e, se realizado assim, não se deve esperar um resultado com 100% de aproveitamento. No trabalho coletivo os problemas podem ser melhor vislumbrados e resolvidos.

O que de fato é importante é pensarmos nos objetivos da educação básica<sup>11</sup> e, ao mesmo tempo, pensarmos na formação continuada dos professores. Assim, é fundamental a pergunta: o que um aluno do ensino médio precisa aprender ao longo dos seus três anos no ensino médio para que possa, ao terminá-lo transformar-se em um indivíduo, um cidadão bem informado, competente, crítico e capaz de tomar decisões no mundo que o aguarda?

Questões tornam-se imperativas nessa etapa de vida: que conhecimento um jovem de 15, 16 e 17 anos precisa? Jovem esse que é brasileiro, morador de regiões diferentes e longínquas?

---

<sup>11</sup> Educação Básica – De acordo com a Lei de Diretrizes e Base (LDB/96), em Capítulo I, Artigo 21, dispõe que “A educação escolar compõe-se de educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

O que devem saber em língua portuguesa, matemática, física, biologia, história e outras matérias que compõem o conteúdo do ensino médio? O que devem saber para se tornarem cidadãos críticos e competentes, antenados com o mundo que os cerca, sem serem alienados? Como devem vivenciar o mundo das TIC's, que avançam com uma rapidez assustadora?

Supõe que um jovem de 15 , 16, 17 anos precisa estar bem informado para poder enfrentar e posicionar-se em relação as questões do aquecimento global, da evolução mágica das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC's, da globalização, do desemprego, da violência, das drogas (em específico do crack), da sexualidade e da gravidez indesejada, do desperdício de água, da poluição das nascentes , entre tantas outras coisas.

Essas questões não podem ficar de fora das reuniões pedagógicas das escolas e não podem ficar fora da escola, ignoradas, com a idéia que a única coisa importante é vencer o conteúdo programático. Pensar nos projetos pedagógicos sem inserir o mundo dos adolescentes<sup>12</sup>, suas vivências, alegrias, angústias e sonhos, é completamente fora de lógica.

Os projetos pedagógicos das escolas devem ser impregnados por essas questões, pois assim o professor, o aluno, a comunidade escolar e a direção da escola podem efetivamente construir um conteúdo pedagógico real e com diálogo nas matérias que compõem o currículo escolar.

Além disso, não podemos esquecer os conflitos por que toda a escola passa quando o assunto é vestibular<sup>13</sup> e ENEM<sup>14</sup>. Além de serem formas questionáveis, também não são as mais adequadas.

---

<sup>12</sup> De acordo com o Estatuto do Jovem e do Adolescente – ECA, Lei número 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Artigo 2 dispõe que “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade”.

<sup>13</sup> Vestibular (ou, mais propriamente, exame vestibular) designa o processo de seleção de novos estudantes empregado pelas universidades. O vestibular caracteriza-se normalmente como uma prova de aferição dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e médio, sendo o principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil. É o mais importante critério de seleção de candidatos, utilizado tanto pelas instituições públicas quanto privadas de ensino superior. Tem maior significado nas instituições públicas, que por sua gratuidade, são geralmente mais procuradas. Como não é caracterizado como concurso público, mesmo quem possui antecedentes criminais pode fazer e entrar para uma universidade.

<sup>14</sup> De acordo com o Ministério da Educação – MEC, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM tem como objetivo democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio.

Mesmo assim, toda escola de ensino médio respira o ano todo essas duas formas de ingresso no ensino superior brasileiro. Atualmente, após reformulação das universidades e do INEP, essas provas estão exigindo mais do que apenas memorização ou marcar um X na resposta certa.

Ao contrário, estão exigindo dos alunos a capacidade de inferir, relacionar e aplicar o conhecimento adquirido na solução de problemas, o que implica uma nova forma de conceber a seleção de conteúdos e de estratégias pedagógicas ao final do Ensino Fundamental e durante o Ensino Médio.

Ao pensarmos na seleção de conteúdos e de estratégias pedagógicas, devemos dar um espaço significativo a respeito das temáticas que interessam aos jovens e, por que não, aos professores, discussão amparada em leituras pertinentes e importantes que possam ajudar na criação de argumentos para que tais temáticas possam ser implementadas no planejamento do professor em sala de aula. Por isso é importante refletirmos a respeito das formas adotadas para o ingresso no ensino superior brasileiro.

Recentemente, 34 alunos de uma instituição particular em Brasília passaram no vestibular realizado também no mês de julho em Brasília. Alunos que não terminaram regularmente o ensino médio e nem estão psicologicamente preparados para enfrentarem a nova etapa, a do ensino superior. São alunos com faixa de idade de 17 anos e podemos tranquilamente questionar o nível de maturidade com que esses alunos irão enfrentar a vida em uma universidade.

Talvez a coisa realmente significativa que o vestibular nos trouxe foi o espaço dado à redação: assim, nas escolas começou-se a dar uma real importância para a leitura e a escrita, incentivando os alunos a lerem e a escreverem, mesmo que a forma nem sempre nem sempre seja a mais bem adotada por algumas escolas.

### 4.3 Os analfabetos funcionais no Brasil

O Indicador de Alfabetismo Funcional - INAF é um dos programas do Instituto Paulo Montenegro - IPM<sup>15</sup>. Tem por objetivo revelar os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta, além de oferecer informações qualificadas a respeito das habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros na faixa de 15 a 64 anos de idade.

O Indicador foi criado em 2001 e pesquisa a capacidade de leitura, escrita e cálculo da população brasileira adulta. Em 2001, 2003 e 2005 foram medidas as habilidades de leitura e escrita (letramento) e em 2002 e 2004, as habilidades matemáticas (numeramento). A pesquisa, a partir de 2007, passou a ser bienal e simultaneamente, apresenta as habilidades de letramento e numeramento.

Na tabela abaixo, temos a descrição dos níveis de alfabetismo funcional definidos pelo Instituto Paulo Montenegro e revista por Bortoni-Ricardo (2010):

**QUADRO 5: CONCEITOS DE ANALFABETOS FUNCIONAIS NO BRASIL**

Analfabetos funcionais	Analfabetismo	Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.).
	Alfabetismo rudimentar	Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.
	Alfabetismo básico	As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já lêem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, lêem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.
Alfabetismo funcionalmente	Alfabetismo pleno	Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: lêem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

Fonte: [www.ipm.org.br](http://www.ipm.org.br)

<sup>15</sup> O Instituto Paulo Montenegro - [www.ipm.org.br](http://www.ipm.org.br) – é uma organização sem fins lucrativos, que desenvolve e executa projetos na área de educação, vinculada ao IBOPE.

Na tabela a seguir, temos a síntese dos resultados do Inaf desde 2001, em percentuais.

**TABELA 3: RESULTADOS EM PERCENTUAIS DO INAF - 2001**

	Nenhuma	1ª à 4ª série	5ª à 8ª série	Ensino médio	Ensino superior
Analfabeto	66	10	0	0	0
Rudimentar	29	44	24	6	1
Básico	4	41	61	56	31
Pleno	1	6	15	38	68
Analfabetos funcionais	95	54	24	6	1
Alfabetizados funcionalmente	5	46	76	94	99

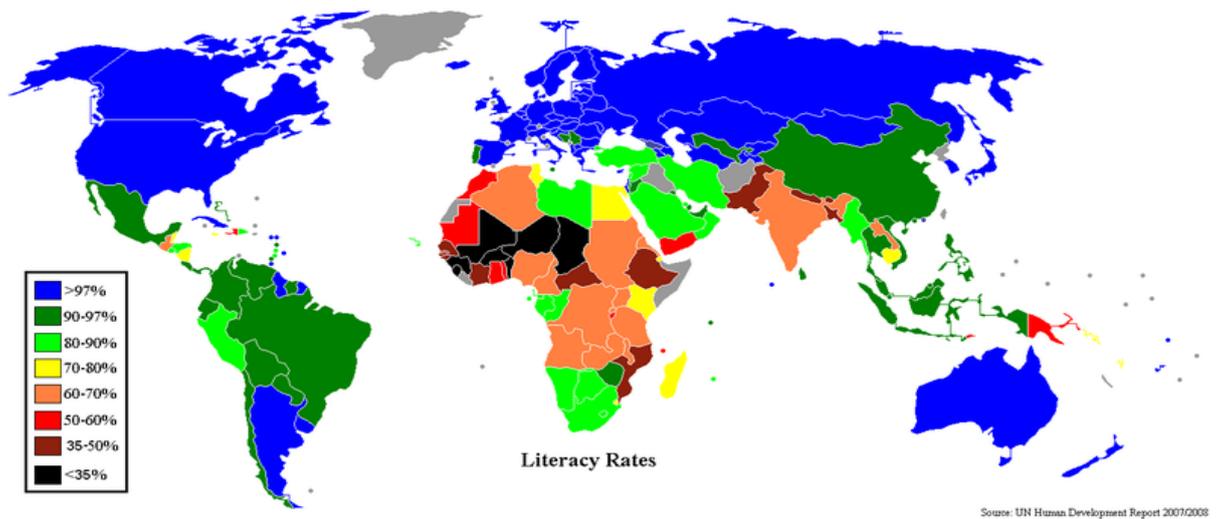
Fonte: www.ipm.org.br

De acordo com Bortoni-Ricardo (2010), em sua análise do quadro acima, entre os que cursaram alguma série ou completarem o ensino médio, apenas 38% atingem o nível pleno de alfabetismo e não o esperado, que seria 100%. Indivíduos com pleno domínio das habilidades de leitura/escrita e das habilidades matemáticas (68%) só são encontrados no ensino superior.

Abaixo, temos o índice de literacy<sup>16</sup> por país, segundo o CIA world factbook, pelo planeta inteiro, que mostra as desigualdades do sistema de ensino em cada região do mundo:

<sup>16</sup> Letramento (ou literacy) não é necessariamente o resultado de ensinar a ler e a escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2003). Surge, então, um novo sentido para o adjetivo letrado, que significava apenas “que, ou o que é versado em letras ou literatura; literato” (MICHAELIS), e que agora passa a caracterizar o indivíduo que, sabendo ler ou não, convive com as práticas de leitura e escrita. Por exemplo, quando um pai lê uma história para seu filho dormir, a criança está em um processo de letramento, está convivendo com as práticas de leitura e escrita. Não se deve, portanto, restringir a caracterização de um indivíduo letrado ao que domina apenas a técnica de escrever (ser alfabetizado), mas sim aquele que utiliza a escrita e sabe “responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente”

FIGURA 1: LETRAMENTO NO MUNDO (PERCENTUAIS)



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:World\\_literacy\\_map\\_UNHD\\_2007\\_2008.png](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:World_literacy_map_UNHD_2007_2008.png)

## **CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOCUMENTAL**

Para a análise documental foram feitos registros em duas escolas da rede pública do Distrito Federal: uma no Plano Piloto e outra na cidade satélite de Santa Maria; uma entrevista com a ex-Diretora da Gerência de Ensino Médio da Diretoria do Ensino Médio Secretaria de Educação do Distrito Federal; uma com o vice-diretor de centro educacional de Santa Maria.

Por fim, um grupo focal reunindo seis professores da SEDF relatando suas experiências pedagógicas, todos os ex-professores de um centro educacional do Plano Piloto. O critério de escolha dos centros educacionais foi a Região Administrativa onde cada um está localizado e o fato de serem instituições educacionais que oferecem ensino médio.

Uma das escolas escolhidas para a coleta de dados fica no Plano Piloto, na Asa Norte. Em 1960, uma equipe de educadores renomados estava responsável por elaborar o plano educacional do Distrito Federal. Alguns deles também se envolveram na concepção da Universidade de Brasília (UnB), como Anísio Teixeira. Em 1962, a UnB foi inaugurada.

À frente da organização do campus, estava a equipe encabeçada pelo então reitor Darcy Ribeiro. O projeto original da universidade previa a criação de uma instituição de segundo grau – atual ensino médio – que servisse de laboratório pedagógico para experimentação e demonstração da Faculdade de Educação.

Em 1964, o plano se concretizou e, para ingressar nele, era preciso prestar uma espécie de minivestibular, que avaliava a capacidade criativa e crítica do candidato. Sem uniformes, os alunos ficavam na escola das 7h às 11h e das 14h às 18h. O regime de estudos, inicialmente anual, tornou-se semestral a partir de 1966, com distribuição de créditos por disciplina.

Em vez de notas, os boletins escolares apresentavam menções, a exemplo do que ocorre na UnB. O currículo compreendia três semestres letivos de disciplinas básicas e obrigatórias, como português, biologia e matemática, e outros três semestres com disciplinas optativas de aprofundamento, derivadas das obrigatórias, como teoria literária, lógica, latim, pensamento filosófico e opções nas áreas de arte e desenho.

Os professores priorizavam os trabalhos práticos e em grupo. Também era comum a realização de debates. Os jovens eram estimulados a exercitar a inteligência e expor seus argumentos. O colégio também valorizava a produção artística. Nas semanas de arte, os alunos apresentavam peças, músicas, poesias e contos.

Hoje, o centro educacional da Asa Norte continua sendo considerado uma das melhores instituições de ensino da rede pública do DF. Obteve o 11º melhor desempenho, entre 70 escolas integradas à SEDF, no ENEM de 2009. No ano de 2010, 30 de seus alunos do 3º ano do ensino médio ingressaram na UnB. Atualmente, de acordo com o Censo Escolar do Distrito Federal, de 23 de março de 2011, são 713 alunos matriculados e 27 professores.

A escola escolhida para a coleta de dados fica na cidade satélite de Santa Maria. Tem 1.000 alunos matriculados e 70 professores que ministram aulas nas várias áreas de atuação.

A nova unidade possui 15 salas de aula, laboratório de informática (o que foi constatado na entrevista que não funciona), sala de leitura, sala de recursos, salas ambientes para ciências e artes, banheiro adaptado para alunos com necessidades especiais, cantina, estacionamento, quadra de esportes e áreas de lazer e de convivência, bem como salas para a atividade administrativa: sala para os professores, supervisão, coordenação, direção, secretaria escolar, depósito, sala para equipe de conservação e limpeza e outros.

O Centro Educacional de Santa Maria é uma das vinte e seis instituições de ensino que compõem a Diretoria Regional de Ensino de Santa Maria do Distrito Federal, com dois anos de funcionamento, foi criada para atender à demanda do Ensino Médio da região que contava apenas com duas escolas para atendimento dessa etapa da Educação Básica.

Muitos alunos, por falta de vagas nessas duas escolas existentes, uma na parte sul de Santa Maria e outra na parte norte de Santa Maria, deslocavam-se para as cidades vizinhas e lá cursavam o ensino médio.

Como Centro Educacional, a escola também atende os anos finais do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries) e a modalidade de Ensino Especial com três turmas de Educação de Jovens e Adultos e uma Classe Especial.

Na observação, constatou-se que a escola, na sua prática cotidiana, adaptou os espaços para atender a demanda da comunidade. A sala de leitura não pôde servir ao seu objetivo primeiro, sendo transformada em sala de aula.

Neste capítulo, o objetivo é mostrar a relação entre as asserções e os dados confirmatórios, sendo que poderão ser reforçadas ou não a partir dos dados coletados nas entrevistas e nas observações de campo.

Asserção do Objetivo Geral - O eixo Letramento, adotado para o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal em 2008, nas aulas de língua portuguesa, contribuirá para que o aluno do ensino médio se torne um leitor/escritor competente.
---

Em vários momentos das entrevistas, as afirmativas dos colaboradores tendem a não comprovar a asserção relacionada ao objetivo geral, uma vez que não houve a utilização do Currículo de Educação Básica do Ensino Médio da SEDF - 2008 na prática pedagógica dos professores seja no início de sua vida profissional ou ao longo de sua prática pedagógica na instituição educacional aonde o professor está lotado.

E, sem o conhecimento do Currículo, o eixo Letramento ficou apenas como um conceito a mais para o professor, o que pode ser observado na entrevista do colaborador do Anexo B – Vice-Diretor de um Centro Educacional de Santa Maria.

**Anexo B (colaborador)** - No início da minha carreira didática, pra montar a minha aula eu partia de vários livros. O currículo eu praticamente desconhecia. A pouca experiência que eu tinha, eu recorria a vários livros.

**Anexo B (colaborador)** - A maioria deles, dos professores na minha escola, por mais que você tente motivá-los, criar um ambiente favorável à aprendizagem; muitos não estão mais com esse pique. Têm professores muito antigos. E eles procuram não planejar e quando você cobra isso deles, eles simplesmente falam que não vão fazer.

**Anexo B (colaborador)** - Com relação ao currículo, eu já passei por várias escolas em Santa Maria, ele é muito pouco trabalhado. Ele é apresentado em uma pastinha que fica sobre a mesa, mas os professores nem pegam.

Há também uma confusão com os documentos utilizados nas escolas, o que pode ser observado na entrevista com o colaborador do Anexo A – uma ex-diretora do Ensino Médio da SEDF. As escolas receberam as Diretrizes Curriculares, uma versão preliminar do Currículo de Educação Básica, sendo que na sua introdução há a afirmativa que as Diretrizes Pedagógicas devem acompanhar o processo pedagógico e responder as urgências que se fizerem no decorrer desse processo.

**Anexo A (pergunta da pesquisadora):** Mas, o que foi para as escolas?

**Anexo A (resposta da colaboradora):** As Diretrizes. Foi o que a Cesgranrio fez. Mas, se você for pegar as Diretrizes, logo na primeira frase está escrito que até 2011 o Currículo teria que estar na escola.

Quem iria levar o Currículo seria a equipe da Cesgranrio, mas com a questão do governo Arruda, com aquele escândalo todo, o governo vai caindo em cascata e as Subsecretarias vão tendo a sua fragilidade. Lembro que em três anos nós tivemos sete Subsecretários. Tivemos Subsecretário que entendia muito bem o que era a educação, aquele que não entendia nada do era a Educação Básica. Foi aquela catástrofe. A Cesgranrio saiu do contexto e não recebeu a parte final do pagamento. O Currículo ficou perdido e não saiu.

Na entrevista com o colaborador do Anexo B – Vice-Diretor de um Centro Educacional de Santa Maria - foi observado que apenas um professor (de todo o grupo de professores regentes da escola) teve interesse em trabalhar com as Orientações Curriculares, isto é, como uma iniciativa pessoal e não uma prática pedagógica da escola, o que é confirmado pela afirmativa do colaborador:

**Anexo B (colaborador)** - Tem um professor que trabalha com o currículo em sala de aula: ele pega o currículo, o conteúdo que pertence mais ou menos àquela disciplina dentro do currículo, e o aluno tem o conhecimento que aquele currículo tem que funcionar daquela maneira... tem que funcionar daquela maneira, de acordo com o currículo. É, por exemplo, professor de Filosofia, ele tira cópia do currículo, passa em sala de aula, né... Os alunos sabem que ele vai abordar ali.

Em relação às asserções relacionadas aos objetivos específicos:

Asserção 01 – Os conceitos adequados de letramento, agente letrador (o professor), mediação pedagógica e leitura interdisciplinar são importantes para definir o que se quer do professor na criação de estratégias em sala de aula.

A asserção 01 foi confirmada no Anexo C - entrevista com a professora do Centro de Ensino Médio do Plano Piloto e no anexo F - grupo focal formado por professores de um Centro Ensino Médio do Plano Piloto. Tanto no caso da professora como dos professores entrevistados no grupo focal, a escola trabalha com projetos interdisciplinares, o que facilita a integração das áreas e dos professores.

Há nas escolas da SEDF o Projeto Político Pedagógico, conhecido como o PPP. No início do ano, os professores se reúnem e definem qual será o projeto (ou projetos) que será trabalhado durante todo o ano letivo, procurando trabalhar de forma interdisciplinar, o que pode ser confirmado no Anexo C – entrevista com a colaboradora do Centro de Ensino Médio do Plano Piloto e no Anexo F – grupo focal formado por professores do Centro de Ensino Médio do Plano Piloto.

**Anexo C (colaboradora)** - Então, nós trabalhamos bastante falando de Brasília, falando do país, falando da escola e dos lugares onde eles moram também. Foi um trabalhão maravilhoso que nós fizemos com apresentações de música, com a culminância com apresentações de música, teatro, poesia, aniversário de Brasília também, né? O cinquentenário de Brasília. Eles fizeram redações, poesias, trabalhamos teatro, músicas. A culminância lá no pátio, no intervalão que nós temos aqui. E aqui na escola uma coisa que funciona muito é a parte cultural, pois realmente pluraliza bastante e leva para fora da sala de aula, não fica só aqui dentro da sala, né? E trabalhamos também bastante com outras áreas, especialmente com a área de códigos. Fizemos um trabalho assim, interdisciplinar, um trabalho muito bom. Nós recebemos estagiários que nos auxiliaram, trabalhamos com vídeos, que contam toda a história de Brasília, vários textos de poesias que os alunos escreveram sobre a escola. Depois trabalhamos redação com poesia também falando da escola.

**Anexo F (colaboradora 4)** - Eu faço junto com os professores de Biologia uma outra oficina que é de Música e Cinema Brasileiro, que tem sido assim um grande sucesso, uma grande alegria tanto pra nós quanto pros alunos. Então a gente uniu as duas coisas. Então a gente trabalha com filmes do Noel Rosa, do Cartola, Paulinho da Viola, Cazuzza. E hoje nós apresentamos o filme do Titãs...

Asserção 02 – O letramento deverá ter seu em sala de aula para ajudar o aluno a se tornar um leitor/escritor competente.

A asserção 02 foi confirmada pela colaboradora do Anexo A - entrevista com a ex-diretora da Diretoria de Ensino Médio da SEDF - que procurou, em sua gestão, garantir melhores condições de trabalho pedagógico para os professores, dando oportunidade para outros cursos de capacitação, como o curso de Especialização oferecido em 2008, uma parceria da SEDF com a UnB.

**Anexo A (colaboradora)** - Na primeira leva do outro currículo, o professor não se apropriou naquela época das questões das habilidades e das competências, além de não ter uma capacitação continuada. Os professores novos foram entrando na rede sem o conhecimento das habilidades e das competências e do contexto do Distrito Federal, porque a Universidade não dá condição do professor chegar à sala de aula e responder a altura. É com o tempo que ele adquire.

**Anexo A (colaborador)** - O gestor tem que dar um norte para o ensino. Como é que damos esse norte? Olhando para a LDB, que no artigo 35 trata das finalidades do ensino médio. E, além disso, começamos a fazer um exercício com os professores.

O gestor tem que dar o chão para o professor pisar, para que ele possa se sentir seguro e saber com qual o conteúdo irá trabalhar”.

Asserção 03 – Ao analisar as estratégias de letramento adotadas pelo professor em sala de aula, poderão ser oferecidas a ele estratégias outras que lhe possibilitem tornar a aula mais atrativa e levar o aluno a ser um leitor/escritor competente.

Asserção 05 – Os resultados do ENEM poderão ajudar o professor regente a aplicar estratégias outras que lhe possibilitem, analisando o currículo de educação básica do Distrito Federal, acompanhar os avanços dos alunos.

Nas asserções 03 e 05 o objetivo maior era reconhecer o fato que os antigos currículos adotados pela SEDF não proporcionaram aos professores e também aos alunos melhores níveis de leitura e escrita. Essas duas asserções foram confirmadas a partir do Anexo A - entrevista com a colaboradora ex-diretora da Diretoria de Ensino Médio - e dos últimos resultados do ENEM, onde Brasília teve uma participação muito tímida em seus índices.

**Anexo A** - O Currículo é um documento que dará um norte para o desenvolvimento da educação em sala de aula e que vai possibilitar uma integração da educação infantil até o ensino médio.

**Anexo A** - Fui verificando que cada professor trabalhava de uma forma, cada professor dava um conteúdo e acabava fazendo o que queria e que, dentro das habilidades, não conseguia verificar o que tinha que ser trabalhado. Penso que foi isso que fez o professor não trabalhar com o currículo.

Porque uma professora falou assim para mim: “Professora, eu leio esse documento e não sei o que eu tenho que trabalhar em sala de aula com meus alunos!” Não conseguia perceber o conteúdo que tinha que trabalhar em sala de aula.

**Anexo A (colaboradora)** - Quando nós chegamos a essa gestão, percebi que os índices apontavam que o Distrito Federal estava muito ruim, tanto no ENEM como no INEP, com os índices tão baixos que me preocupou. Nós não tínhamos referência nenhuma para disser assim: “Olha, o ensino médio está ruim por esse ou por aquele motivo.” Nós não tínhamos também, naquela época, nenhum índice que permitisse avaliar o ensino médio. Por isso que nós fomos ao INEP, para verificar um índice de permanência e assim fazermos uma medição. Eu queria saber quanto tempo os alunos de uma determinada escola levavam para fechar o ensino médio. E aí, para mim, foi alarmante que até quando apresentei os resultados para o diretor de uma escola, ele não reconhecia aquele resultado como sendo da escola dele.

**Anexo A (pesquisadora)** - E qual era o resultado?

**Anexo A (colaboradora)** - Por exemplo: uma escola de Taguatinga tinha tirado o primeiro lugar no ENEM. Todo mundo falou: “Nossa, que escola boa!” Mas quando fizemos esses índices, conseguimos perceber o quantitativo de alunos que tinha ficado retido aquele ano naquela escola. Era um índice muito grande. E quando eu apresentei para diretor e para o vice-diretor, eles não reconheceram e foram verificar se os índices, que tínhamos mostrado, batiam com a realidade que estava registrada lá na escola. O ENEM mostrava que os alunos estavam bons, mas a escola esquecia os alunos que estavam ruins e não fazia nada por aquele aluno repetente. Qual era o nosso objetivo? Chamar a atenção da escola para os alunos que não tinham conseguido alcançar a média e que estavam repetentes. E o que se fazia com aquele aluno? Nada. Então, era urgente dar uma atenção para aqueles alunos, para que os índices pudessem mudar.

Asserção 01 – Os conceitos adequados de letramento, agente letrador (o professor), mediação pedagógica e leitura interdisciplinar são importantes para definir o que se quer do professor na criação de estratégias em sala de aula.

Constatou-se pela entrevista com o colaborador do Anexo B – vice-diretor de um Centro Educacional de Santa Maria - que os professores também têm dificuldades com o conceito do termo e com as práticas pedagógicas que podem ser implementadas nas escolas para incentivarem o aluno no seu construto como leitor e escritor.

**Anexo B (colaborador)** - Com relação ao letramento, o professor não percebeu tanto não... Assim, eu acho que ele não gosta muito disso, não.

**Anexo B (pesquisadora)** - Vocês fizeram algum trabalho, alguma estratégia para explicar ao professor o que é letramento?

**Anexo B (colaborador)** - Olha, como a escola é nova, neste ano nós não fizemos isso.

Asserção 02 - O letramento deverá ter seu uso em sala de aula para ajudar o aluno a ser tornar um leitor/escritor competente.

Quanto à asserção 05, a dificuldade que mais aparece é quando o professor lida com o desinteresse do aluno ou com alunos que deixam de estudar para poderem trabalhar. A realidade da escola é muito forte. As justificativas são muitas e recaem no aluno, que não tem estímulo para aprender e no professor que não tem competências suficientes para desenvolver atividades outras que possam estimular seus alunos, conforme pode-se constatar com a colaboradora do Anexo C – professora do Centro de Ensino Médio do Plano Piloto.

**Anexo C (colaboradora)** - Eles deixam muito a desejar. São dispersos, têm uma dificuldade de concentração muito grande, que é o que mais me incomoda. Agora estamos na reta final e alguns alunos aí já estão aprovados e tem muito essa cultura de eu preciso da nota, ser aprovado e não de aprender. Eu sinceramente acredito que muitos alunos têm uma dificuldade enorme, principalmente pelo uso da tecnologia avançada, que fez com que eles perdessem a motivação pelo livro, pela leitura. Então, quando você coloca um filme que tem que fazer uma leitura é uma dificuldade enorme. Eu vejo também a cultura da própria família, isto é, o buraco é mais embaixo, nós fazemos a nossa parte aqui, mas o grande lance tem ser a motivação realmente através de projetos. Eu vejo algumas práticas que atrapalham os nossos projetos; por exemplo: não tem auditório. As nossas apresentações são feitas ao ar livre, o que dificulta bastante.

Asserção 03 – Ao analisar as estratégias de letramento adotadas pelo professor em sala de aula, poderão ser oferecidas a ele estratégias outras que lhe possibilitem tornar a aula mais atrativa e levar o aluno a ser um leitor/escritor competente.

Na asserção 06, a entrevista com a colaboradora do Anexo C - que trabalha na escola do Plano Piloto – mesmo adotando estratégias em sala de aula usadas em anos de profissão, isto é, o uso do livro didático, constatou-se uma dispersão muito grande dos alunos. Na observação feita em sala de aula, os alunos estavam muito agitados e não permitiam que a professora interagisse com eles, interrompendo-a constantemente, o que provocou uma perda no planejamento elaborado pela professora. Há também a dificuldade administrativa, confirmada na entrevista com o colaborador do Anexo B – vice-diretor de um Centro Educacional de Santa Maria - pois se a escola não tem recursos, o professor e o aluno ficam impedidos de terem acesso aos instrumentos que serão os facilitadores do processo de aprendizagem.

**Anexo C** - *Eu acho uma pena que os nossos alunos ainda não estão preparados, principalmente esses alunos que estão entrando agora no ensino médio. Eu vejo que esses alunos aqui têm muita dificuldade e têm muito que aprender, principalmente a formação, a aceitação do conhecimento. Eles deixam muito a desejar. São dispersos, têm uma dificuldade de concentração muito grande, que é o que mais me incomoda.*

**Anexo B** – *PEDAF é o dinheiro que a escola recebe pra poder custear todas as despesas. Esse ano não recebeu verba nenhuma. O pedagógico fica deficiente, o administrativo fica deficiente e você não tem onde recorrer. Porque sem dinheiro na escola, por exemplo, se o microfone queima você não tem nem como arrumar o microfone. Então trabalhar na Secretaria Educacional é difícil, mas ao mesmo tempo não é impossível. A gente consegue. E creio que daqui a dez anos vai tá muito melhor em relação a qualidade do ensino do que hoje. Por causa desse avanço que os próprios professores, a direção, a regional leva, né? Não porque o Secretário de Educação quer. Outra coisa que também é ruim pra o ensino é que cada vez que ocorre uma mudança de secretário, de governo, aqueles projetos que tão dando certo e eles vão junto e são implantados projetos novos. E aí até aquele projeto gerar um resultado já venceu o governo e começa um novo projeto. Então nenhum é concretizado.*

Também é muito interessante a afirmativa do mesmo colaborador, uma vez que o que se propõe ao professor, muitas vezes, é recusado e nem sempre o motivo exposto equivale a sua prática de aula, mas está mais ligado aos seus processos pedagógicos na escola.

**Anexo B** – O fato do currículo não vir dividido em bimestres dificultou alguma coisa na prática do professor?

**Anexo B** – Eu acho que não, porque as matérias não são estanques, o conteúdo não é estanque.

É o professor que tem que permitir essa abertura, essa flexibilização de adiantar determinado conteúdo ou não. No final atrapalhou a pessoa “chata”. Eu acho muito tradicional já vir tudo classificadinho, tudo certinho para o professor. O professor tem que ter essa abertura, justamente para o professor “experimental” mais esse currículo. O currículo, eu creio que ele é uma sugestão bem-vinda, mas ele num é só aquilo.

Asserção 04 – A aplicação das estratégias de ensino possibilitará ao professor confirmar se seu aluno está sendo um leitor/escritor competente.

Na asserção 07 constatou-se nas observações das aulas que as professoras tiveram dificuldades para ter a atenção de seus alunos.

Nas duas turmas observadas, os alunos não deixaram as professoras darem o conteúdo planejado, uma vez que a interrupção freqüente se deu não pouquíssimas vezes porque os alunos tinham dúvidas. A realidade da sala de aula é muito dura. Temos alunos que estão muito dispersos e é notório o cansaço dos professores.

**Anexo D (colaboradora)** – Então, uma das aulas que o aluno teme: concordância nominal.

**Anexo D (aluno)** – Se refere ao...

(Risos. Não se ouve bem a conversa entre aluno e professora. Muita conversa paralela.)

**Anexo D (colaboradora)** – Nós vamos trabalhar essencialmente... (Não se entende o que ela diz.)

**Anexo D (pesquisadora para o gravador):** Ela está tendo muita dificuldade para os alunos fazerem silêncio.

Asserção 06 – O uso da pesquisa etnográfica possibilitará observar, registrar e identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em regência a partir do eixo Letramento do currículo de educação básica do Distrito Federal.

O uso da pesquisa possibilitou a observação e o registro das práticas pedagógicas utilizadas pela professora colaboradora do Anexo C – observação das aulas da professora de um Centro de Ensino Fundamental de Santa Maria, mas que não partiu do CEBDF/2008. A prática das colaboradoras é a partir das experiências de sala de aula e da necessidade que foi observada pelas professores dos alunos.

***Anexo C** - Então, nós trabalhamos bastante falando de Brasília, falando do país, falando da escola e dos lugares onde eles moram também. Foi um trabalho maravilhoso que nós fizemos com apresentações de música, com a culminância com apresentações de música, teatro, poesia, aniversário de Brasília também, né? O cinqüentenário de Brasília. Eles fizeram redações, poesias, trabalhamos teatro, músicas. A culminância lá no pátio, no intervalão que nós temos aqui. E aqui na escola uma coisa que funciona muito é a parte cultural, pois realmente pluraliza bastante e leva para fora da sala de aula, não fica só aqui dentro da sala, né? E trabalhamos também bastante com outras áreas, especialmente com a área de códigos. Fizemos um trabalho assim, interdisciplinar, um trabalho muito bom. Nós recebemos estagiários que nos auxiliaram, trabalhamos com vídeos, que contam toda a história de Brasília, vários textos de poesias que os*

*alunos escreveram sobre a escola. Depois trabalhamos redação com poesia também falando da escola.*

Na observação da aula da colaboradora do Anexo E - professora de Centro de Ensino Fundamental de Santa Maria - foi possível perceber que há um interesse dos alunos pelo tema escolhido, a questão do negro e do dia da Consciência Negra. A professora interage o tempo todo com seus alunos, perguntando ou explicando o tema, o significado de algumas palavras encontradas no texto ou fazendo relações com o momento atual. Uma aula motivada e menos estanque.

A professora procura ajudar os alunos a relacionarem o tema da aula com o tema do dia da Consciência Negra, o que foi motivador para os alunos. Em outros momentos, em relação às dúvidas relativas à interpretação de texto, a professora não conseguiu responder com total presteza, uma vez que ela mesma tinha dúvidas quanto às respostas.

Na observação da aula da colaboradora do Anexo D - professora de uma escola do Plano Piloto - foi possível perceber uma falta de interesse pelo tema escolhido pela professora, apesar da professora comentar a respeito da utilidade do tema para a vida dos alunos. Os alunos interromperam a professora o tempo todo com outros assuntos e, no final da aula, há o desabafo da professora, desconfortável e desmotivada com o desinteresse dos alunos em sala de aula.

**Anexo E (colaboradora)** - Vamos lá, que nos vamos corrigir esse exercício ainda hoje, e vamos construir um parágrafo. Nós vamos tentar fazer um paralelo. Vamos fazer. São duas aulas hoje de 50 minutos cada.

**Anexo E (aluna)** - O que é banguê?

**Anexo E (colaboradora)** – Banguê, banguê, né? É uma forma de carregar a pessoa, o banguê, mais ou menos assim: “Ah, vim de banguê!”.

É uma espécie de uma esteira colocada em paus pra carregar uma pessoa que esteja doente. Mas não é o mesmo sentido que tá aí na poesia, né. Olha: Já faz muito tempo no bangüê do meu avô, uma negra bonitinha... Deve ser uma forma de charrete, mas eu vou ali buscar o dicionário.

Gente, presta atenção: o que é banguê? Aqui na linguagem coloquial a gente fala benguê. Ah, não, eu só consigo vir se for benguê! Já é um a palavra em desuso. Benguê é muito pouco usada. É uma esteira onde você vai deitar dentro dela e alguém carregando. Mas vamos ver o que tá escrito aqui. benguê: padiola de cipós trançados. Viu que já é mais ou menos uma esteira, na qual se leva a bagaceira, o bagaço verde da moenda. Que seria onde carrega os restos de cana moída, né. Na verdade aqui eles tão colocando tudo relacionado a cana, né. Mas a palavra banguê também é usada como se fosse uma esteira pra carregar algo, né, carregar os senhores de engenho, nem que seja puxado numa charrete. Mas é uma esteira onde é carregado pessoas. Aqui fala muito relacionado. Eu vou fazer uma pesquisa maior sobre essa palavra banguê.

**Anexo D (colaboradora)** - Quando o adjetivo concorda com o substantivo (é a regra geral), quando o adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Essa é a regra geral. Aí, o aluno não sabe fazer isso. Eu digo: A aluna bonita; As alunas bonitas (barulho e risos); O aluno bonito; A aluna bonita.

**Anexo D (aluna)** - Mas aqui nessa escola não tem! (risos)

**Anexo D (colaboradora)** – Então, a partir da regra geral nós estaremos construindo outras particularidades. Então agora nós vamos ver essas “particularidades”, é o que eu gostaria que vocês entendessem agora, tá? Não decorassem as regrinhas, mas que lessem com atenção, interpretassem.

Quero que vocês lembrem que nas provas tanto de vestibular, do PAS e concurso é muito cobrado. E o que é mais importante pra vocês, aí? Vocês lembrarem que na construção de um texto é possível deixar bem claro aquilo que você quer daquela pessoa.

## AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, uma das conclusões que se pode chegar em relação a análise documental é que os documentos analisados são bem elaborados, mas desconhecidos dos professores da rede pública de ensino do Distrito Federal.

Todos os documentos estão publicados no site da SEDF – [www.se.df.gov.br](http://www.se.df.gov.br) - e também foram entregues em todos os estabelecimentos de ensino da rede pública do Distrito Federal. Os documentos são: os Relatórios, os Regimentos Interno e Externo, as Orientações Curriculares, as Diretrizes Pedagógica e de Avaliação e o Currículo de Educação Básica, em versão preliminar, colocado só agora no ano de 2011 no site da SEDF.

O presente trabalho teve como asserção geral se o eixo Letramento, adotado para o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal em 2008, nas aulas de língua portuguesa, contribuirá para que o aluno do ensino médio se torne um leitor/escritor competente.

A partir das observações em sala de aula e das entrevistas realizados ao longo do trabalho, ficou evidente que o eixo Letramento ainda não está contribuindo para que o aluno do ensino médio se torne um leitor/escritor competente.

O maior desafio que cabe aos educadores da rede pública de ensino do Distrito Federal é colocar o Currículo de Educação Básica em prática, isto é, torná-lo real para cada professor em sala de aula.

Para isso acontecer, o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal precisa estar na mesa da sala de coordenação dos professores; no material utilizado pelo professor; nas discussões promovidas na escola. Isto é, utilizá-lo sem reservas ou escrúpulos. E criticá-lo, também. Não há lugar para se ter medo da crítica.

O mais importante é que o aluno do ensino médio regular precisa ser ajudado a descobrir que a relação escola e a vida fora da escola é possível. Arroyo (2004) defende que a escola deva ser um espaço para a qualificação da vida, pois podemos ensinar pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada. Ainda se tem a necessidade de separar o ato do pensar do ato de agir.

O que de fato importa para a sala de aula é que o professor possa ser um mediador nas propostas de estratégias pedagógicas. Para Bortoni-Ricardo (2008) um trabalho de andaime, termo que se refere à assistência visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura presta a um aprendiz, em qualquer ambiente social, ou andaimagem, é um bom trabalho do professor com o seu aluno em sala de aula, levando ao processo de interação professor-aluno.

O trabalho de andaime é o diálogo do professor com o seu aluno na forma de perguntas ou reelaborações de perguntas, de comentários, paráfrases, todas estratégias que proporcionem ao aluno a oportunidade de “reconceptualizar” o seu pensamento original, isto é, aprofundar a qualidade do processo de aprendizagem.

E isso foi observado nas salas de aulas, mas é tudo muito fragmentado e fica a critério do professor, da turma e do material pedagógico disponível para o professor na escola onde ele trabalha.

Mas a teoria tem que dar lugar a prática. E as competências definidas para o Ensino Médio devem ser levadas a sério por aqueles que têm como tarefa conduzir todo o processo pedagógico nos estabelecimentos de ensino.

Ao analisar separadamente cada competência, tem-se a certeza que nelas estão contempladas todas as possibilidades que o aluno poderá ter para ser um cidadão crítico e consciente do mundo que o aguarda.

A primeira competência trata da apreensão da norma padrão da língua portuguesa e das várias linguagens artísticas, científica e corporal, filosófica, literária, matemática e tecnológica, bem como o conhecimento de línguas estrangeiras para ampliação da visão de mundo.

A segunda competência trata da compreensão e construção de conhecimentos dos fenômenos naturais e sociais nos diferentes componentes curriculares, em seus processos histórico-geográficos, artístico-culturais e tecnológicos para a formação do cidadão.

A terceira competência trata da seleção, organização e interpretação de dados correlacionados a conhecimentos, representados nos diferentes componentes curriculares para enfrentar situações-problemas teóricas e práticas.

A quarta competência trata da construção de argumentações consistentes, correlacionadas a situações diversas para propor e realizar ações éticas de intervenção social.

E, por fim, a quinta competência trata do conhecimento e da compreensão da diversidade, a fim de fortalecer os valores, ampliar a capacidade crítico reflexivo, articulada à formação para o mundo do trabalho, priorizando a ética, o desenvolvimento da autonomia e do pensamento.

Uma questão que servirá para um estudo mais aprofundado é o uso linguagem tecnológica na sala de aula como contempla a primeira competência. Ao logo dessa pesquisa, os professores entrevistados concordam com a importância das tecnologias da informação, mas o que foi observado é que seu uso em sala de aula é muito aquém da rapidez com essas tecnologias avançam.

Não há dúvida que a escola que se tem não é a escola que se quer. A luta está posta para os que a querem: uma escola de qualidade, em que nossos jovens possam se apropriar dos conhecimentos que irão contribuir para que o país possa reduzir suas desigualdades. Sim, conhecimento é vida e vida nova.

Ao pensar na prática escolar não se pode esquecer de nada que acontece nesse pequeno-grande mundo da escola: alunos, comunidade escolar, professores, direção e outros que fazem da escola o berço efetivo e afetivo da humanidade que cada um carrega.

Como conclusão, podemos considerar que o eixo Letramento não tem sido plenamente compreendido, pois sua aplicabilidade ficou prejudicada por falta de infraestrutura nas escolas e de maior motivação dos professores.

Na dissertação de mestrado de Teotonio Correia Nunes (1991), com o título Conteúdos Programáticos de Língua Portuguesa da Rede de Ensino Público do Distrito Federal: Proposta e Prática, também ele concluiu que os Conteúdos Programáticos não foram plenamente compreendidos e nem sua aplicabilidade aconteceu de forma a se tornar um diferencial para a educação no DF.

Para que a SEDF possa tomar um novo impulso, é importante que ações concretas possam ser implantadas no cotidiano das escolas e dos professores, entre elas:

- 1) Rever a função do coordenador local, intermediário e central. Em muitas escolas a função fica para os que, de alguma forma, têm carga residual ou estão cansados da regência de sala de aula. O coordenador deve ser um professor antenado com o mundo que o cerca e, acima de tudo, deve ter um espírito desbravador para observar as novas tendências pedagógicas, debater com os professores e viabilizá-las no contexto escolar.
  
- 2) Oportunizar aos professores beneficiados pelo programa de afastamento remunerado que apresentem em forma de um curso de curta duração suas idéias para os professores regentes. A maior parte dos professores que terminam o mestrado ou doutorado volta para a sala de aula, sem ter a oportunidade de expor seus trabalhos de forma adequada para os professores e sem poder por em prática integralmente nas aulas ministradas no estabelecimento de ensino.

- 3) Transformar a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação – EAPE em um lugar de excelência e de discussão da prática do professor regente. Atualmente, a EAPE é um local onde os professores propõem alguns cursos para os professores da rede pública do DF. Mas os cursos não são oferecidos de acordo com a demanda da escola e é isso que deve ser reestruturado, para que o equilíbrio entre as propostas dos professores em regência e os professores da EAPE beneficie os alunos pedagogicamente. É fundamental que o professor em sala de aula possa ser auxiliado em seu planejamento das aulas, para que o conteúdo não fique prejudicado.
- 4) Convidar os professores da própria rede para que possam discutir os instrumentos pedagógicos que serão propostas para a SEDF e ensinar a presença dos mesmos nas reuniões. O professor da rede tem carga horária de 40 horas, sendo 20 em regência e 20 em coordenação. Quando a SEDF convida os professores, muitas vezes já foi constatado que é o Diretor que não libera os profissionais das coordenações da escola. Isso dificulta as comissões de trabalho, fragmentando o resultado e permitindo que o trabalho final fique a cargo de alguns técnicos que estão fora da sala de aula.
- 5) Os documentos da SEDF devem ser discutidos exhaustivamente. Não é pelo simples fato de existir um site ou um cd na mesa da sala dos professores, que os documentos serão lidos e aplicados. Lidos serão certamente, mas há uma longa caminhada entre ler e aplicar em sala de aula o que o documento sugere. Para que isso ocorra de maneira justa, é necessário que a SEDF e a UnB estejam em sintonia e possam oferecer cursos de capacitação para os professores durante todo o ano letivo.

Com ações como as relacionadas acima, pode-se afirmar que é na escola que as idéias darão margem para que outras surjam com mais força e praticidade. Não há lugar mais criativo, frutífero e promissor.

Assim também é com os alunos: pessoas que estão ali, prontos para serem transformados em seres abertos para o mundo que os cerca e que os espera. Como também é com os professores: pessoas que estão ali, prontas para serem os que irão propor as estratégias de ensino que se fizerem pertinentes para cada série e para cada espaço, para cada mundo chamado de escola; sempre capazes de surpreenderem.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ANTUNES, Irandé Costa. *No meio do Caminho tinha um equívoco, Gramática tudo ou nada*. Autêntica, 1998.

BAGNO, M. STUBBS, M. & GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BORTONE, M. E. *Análise da Produção Textual de Alunos do Ensino Fundamental do Distrito Federal*. In: O falar Candango. Bortoni-Ricardo (org) Editora da UnB

BARREIRA, Luis Carlos. (1989). *O dependentismo e o desenvolvimento na reflexão de Anísio Teixeira sobre a educação escolar brasileira*. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Mestrado em Filosofia e História da Educação).

\_\_\_\_\_. (2000). *Escola e Formação de mentalidade do desenvolvimento no discurso político-pedagógico de Anísio Teixeira*. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamonte e MENEZES, Maria Cristina (orgs.). *Anísio Teixeira 1900-2000: Provocações em educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco.

BORTONE, M.E & BORTONI-RICARDO, S. M. *Modos de falar/modos de escrever. Fascículo do programa do Pró Letramento-Alfabetização e Linguagem - UnB/ MEC*, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula* São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M., MACHADO, V. R. & CASTANHEIRA, S. F. *O Professor como agente letrado*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. & SOUSA, M. A. F. *Andaimes e pistas de contextualização: um estudo do processo interacional em uma sala de alfabetização*. In: TACCA, M<sup>a</sup>. C. *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea, 2006.

BRASIL. Câmara dos Deputados (1963). *Resolução n. 9, de 15 de maio de 1963. Institui a Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar irregularidades no sistema educacional de Brasília*.

BRASIL. Câmara dos Deputados. (1964) Projeto de Resolução n. 53, de 05 de fevereiro de 1964. *Aprova as conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar irregularidades no sistema educacional de Brasília*.

BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais – PCNEM*. Secretaria de Educação Básica/MEC, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

BRUNO, Fábio Vieira (1990). Entrevista de 03/06/90. Entrevistadores: Wanda Cozetti Marinho, Manoel Luiz Oliveira e Joanina Daher. Brasília. Projeto Memória de Educação no Distrito Federal.

MATTOS, J.M. & PISCIOTTA, H. *PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula*. In: BRITO, Eliana Viana (org.). São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CAMPOS, Paulo de A. (1990) *Temas e teimas em educação*. Imprensa Universitária da UFF.

CARVALHO, Nelson. *Aqui Brasília*. Brasília, DF. Editora Cerrado, 1986.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e interação – uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.

COSCARELLI, Carla e Ribeiro, Ana Elisa (org). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA VAL, M.G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DISTRITO FEDERAL. *Currículo da Educação Básica do Distrito Federal – Ensino Médio*. Diretoria de Educação Média e Tecnológica/SEEDF, 2002.

DISTRITO FEDERAL. *Currículo da Educação Básica do Distrito Federal – Ensino Médio*. Diretoria de Educação Média e Tecnológica/SEEDF, 2008.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. (1990). *Boletim Histórico – CASEB 1960*. SOUZA, Ecilda Ramos de. (org.), mimeo.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. (1990). *30 anos do Curso de Magistério em Brasília – 1969-1990*. RAMOS, Cosete. (org.). mimeo.

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Educação. *Coletânea de Normas*. Brasília; Conselho de Educação do Distrito Federal, 2006.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria da Educação. (1964). *Indicação nº. 08 - CEDF*. Expediente normas para a organização do ensino médio no Distrito Federal.

FARACO, C. A. & TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FARACO, C. A. et. al. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Ed. Da UFPR, 1996.

FAVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, Leonor L. & PASCHOAL, Mara S. Z (orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*. São Paulo: EDU/PUCSP, 1985.

FIORIN, L. J. & PLATÃO, F. S. *Para entender o texto - leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1974.

GALLER, Germano. (1990). DF/SE. 30 anos do Curso de Magistério em Brasília – 1969-1990. RAMOS, Cosete. (org.). mimeo, p. 22.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARCEZ, Lucília (1999). *Palestra no Centro de Informações e Biblioteca de Educação (CIBEC) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)*. Disponível em [9](#). Acesso em 23/06/2008.

GERALDI, J. W. (Org.) *O Texto na Sala de Aula: leitura e produção*. Cascavel, Assoeste, 1985.

GNERRE, M. *Linguagem escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HILDEBRAND, Armando. (1963). Depoimento de 18.07.1963. Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar irregularidades no sistema educacional de Brasília. Projeto de Resolução n.53 C. D. – 1964.

\_\_\_\_\_. (1990) Depoimento. DF/SE. Boletim Histórico – CASEB 1960. SOUZA, Ecilda Ramos de (org.), mimeo, p. 03-04.

KATO, Mary. A. No mundo da escrita. São Paulo, Ática, 1993.

KLEIMAN, A. B. (org.). Os significados do letramento - Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas, Pontes, 1989.

KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto. 1990.

KOCH, Ingedore G.V. A coesão textual. São Paulo, contexto, 1989.

KOCH, Ingedore G.V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1979). Texto e coerência. São Paulo: Cortez.

KUBITSCHKE, Juscelino. (2000). Porque construí Brasília. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. (Coleção Brasil 500 anos).

\_\_\_\_\_. (1960). Aula Inaugural do CASEB, em 19/05/1960. DF/SE. Boletim Histórico – CASEB 1960. SOUZA, Ecilda Ramos de. (org.), mimeo, p. 11.

LAGE, Micheline M. Ler sem doer: perspectivas para a leitura do texto literário no ensino médio. Coronel Fabriciano, MG: Unileste, 2003.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana, Danças, Piruetas e mascaradas, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LETRADO. In: MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos: Hipertexto e Gêneros Digitais: Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio PRODUÇÃO TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*/ José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: Unesp, 2004.

NÓVOA, Antônio. *Íntegra da entrevista com Antônio Nóvoa*. Folha de São Paulo, 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br> Acesso em 31/08/2010.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1996.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais. *Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*, 2 ed. Rio de Janeiro: Mec/Secretarias da Educação Fundamental, DP&A, 2000.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo, Mercado das Letras, 1996.

RABELO, Mauro Luiz (Org.). *A Produção de Textos no ENEM: desafios e conquistas*. Brasília: UnB. 2007.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). *Letramento no Brasil*. - 2.ed. – São Paulo: Global, 2004.

SIGNORINI, Inês (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SAMPAIO, Marisa Narciso e Leite, Lígia Silva. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SENNA, Luiz Antonio Gomes (Org.) *Letramento - princípios e processos*. Curitiba: IBPEX, 2007.

SITE do MEC/INEP: <http://enem.inep.gov.br/enem.php>. Acesso em 31 de agosto de 2010.

SITE da Revista Veja: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/escola-deve-mediacao-contato-aluno-midias-eletronicas>. Acesso em 18 de julho de 2010

SITE DO

PNAD:[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:World\\_literacy\\_map\\_UNHD\\_2007\\_2008.png](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:World_literacy_map_UNHD_2007_2008.png). Acesso em 30 de agosto de 2010.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, L. V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUNES, Eliana (org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel T. da. *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

## **ANEXO A**

### **Entrevista com a Ex- Diretora do Ensino Médio da SEDF (período de 2009 a 2010)**

#### **(1)Pesquisadora**

#### **(2)Diretora do Ensino Médio da SEDF (DEM/SEDF)**

*(1) Como foi sua trajetória profissional?*

*(2) Eu sou professora de Biologia. Fui professora de 1ª a 4ª série, porque eu fiz o normal. Fui professora por opção. Depois fiz a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhei sempre com ensino médio. Trabalhei em alfabetização com alunos da Tijuca e depois fiz concurso para o Estado do Rio de Janeiro. Não quis ficar. Saí. Fiz concurso para o colégio Pedro II e depois fiz concurso para a Secretaria de Educação do GDF. Então eu fiquei exatamente 19 anos em sala de aula.*

*(1) A maior parte do tempo no ensino médio?*

*(2) No ensino médio. Quando eu saí da sala de aula, saí por um acaso, já para trabalhar com o Currículo de Ensino Médio, trabalhando na Gerência de Ensino Médio-GEM. Fui como técnica e cheguei para trabalhar na implementação do Currículo (logo após a Lei de Diretrizes e Bases-LDB). O currículo é uma peça importante dentro do contexto educacional porque hoje nós trabalhamos com metas, que vêm a partir de estudos teóricos, pessoas que estão acostumadas a trabalhar com educação há muito tempo. Essas metas precisam ser cumpridas e é o Currículo que vai direcionar a parte pedagógica. Por exemplo, hoje o que um aluno deve aprender? Quais são as habilidades que o aluno deve ter para viver nesse mundo contemporâneo? Eu penso que esse Currículo vai variar de tempos em tempos, vai ter outras diretrizes, outros pressupostos, mas ele vai ser um direcionamento da educação. Então, ele é uma peça importante, com uma construção coletiva e que deve ser discutido por professores. Ele é uma peça compartilhada do saber dos professores da rede e se conseguimos fazer essa discussão, então eu posso dizer que ele é legítimo e tem a sua importância. O Currículo é um documento que dará um norte para o desenvolvimento da*

*educação em sala de aula e que vai possibilitar uma integração da educação infantil até o ensino médio.*

*(1) Quais as prioridades da na sua gestão como Diretora da Diretoria de Ensino Médio - DEM?*

*(2) Quando nós chegamos a essa gestão, percebi que os índices apontavam que o Distrito Federal estava muito ruim, tanto no ENEM como no INEP, com os índices tão baixos que me preocupou. Nós não tínhamos referência nenhuma para disser assim: “Olha, o ensino médio está ruim por esse ou por aquele motivo.” Nós não tínhamos também, naquela época, nenhum índice que permitisse avaliar o ensino médio. Por isso que nós fomos ao INEP, para verificar um índice de permanência e assim fazermos uma medição. Eu queria saber quanto tempo os alunos de uma determinada escola levavam para fechar o ensino médio. E aí, para mim, foi alarmante que até quando apresentei os resultados para o diretor de uma escola, ele não reconhecia aquele resultado como sendo da escola dele.*

*(1) E qual era o resultado?*

*(2) Por exemplo: uma escola de Taguatinga tinha tirado o primeiro lugar no ENEM. Todo mundo falou: “Nossa, que escola boa!” Mas quando fizemos esses índices, conseguimos perceber o quantitativo de alunos que tinha ficado retido aquele ano naquela escola. Era um índice muito grande. E quando eu apresentei para diretor e para o vice-diretor, eles não reconheceram e foram verificar se os índices, que tínhamos mostrado, batiam com a realidade que estava registrada lá na escola. O ENEM mostrava que os alunos estavam bons, mas a escola esquecia os alunos que estavam ruins e não fazia nada por aquele aluno repetente. Qual era o nosso objetivo? Chamar a atenção da escola para os alunos que não tinham conseguido alcançar a média e que estavam repetentes. E o que se fazia com aquele aluno? Nada. Então, era urgente dar uma atenção para aqueles alunos, para que os índices pudessem mudar.*

*(1) Quando a senhora começou na DEM/SEDF, qual o currículo era vigente?*

*(2) O amarelo.*

*(1) Em Brasília conhecemos os currículos pelas cores.*

(2) *O índice estava ruim. Mas por quê? Fui perguntando para os professores nos fóruns e então pude constatar que cada professor trabalhava de uma forma, de um jeito e que dava o conteúdo que achava mais conveniente.*

(1) *Mas não usava o currículo amarelo?*

(2) *Não. Na primeira leva do outro currículo, o professor não se apropriou naquela época das questões das habilidades e das competências, além de não ter uma capacitação continuada. Os professores novos foram entrando na rede sem o conhecimento das habilidades e das competências e do contexto do Distrito Federal, porque a Universidade não dá condição do professor chegar à sala de aula e responder a altura. É com o tempo que ele adquire. Fui verificando que cada professor trabalhava de uma forma, cada professor dava um conteúdo e acabava fazendo o que queria e que, dentro das habilidades, não conseguia verificar o que tinha que ser trabalhado. Penso que foi isso que fez o professor não trabalhar com o currículo. Porque uma professora falou assim para mim: “Professora, eu leio esse documento e não sei o que eu tenho que trabalhar em sala de aula com meus alunos!” Não conseguia perceber o conteúdo que tinha que trabalhar em sala de aula.*

(1) *Na minha época, em 1991, passei no concurso público da SEDF e eu só conhecia o livro didático. Não conhecia os Currículos verde e amarelo.*

(2) *O gestor tem que dar um norte para o ensino. Como é que damos esse norte? Olhando para a LDB, que no artigo 35 trata das finalidades do ensino médio. E, além disso, começamos a fazer um exercício com os professores. O gestor tem que dar o chão para o professor pisar, para que ele possa se sentir seguro e saber com qual o conteúdo irá trabalhar”.*

(1) *Como foi que isso se deu?*

(2) *O professor iria analisar as competências e as habilidades que estavam no antigo Currículo (o amarelo). Depois, faria uma análise do conteúdo, selecionaria o conteúdo que estivesse inserido nas habilidades para verificar se aquela habilidade era pertinente para aquele conteúdo, com o componente curricular, com o contexto de uma sala de aula com 40 ou 45 alunos. Perguntamos aos professores se era importante trabalhar tal habilidade? Caso não fosse, eles poderiam substituir aquela habilidade e teriam que justificar.*

(1) *Por que os conteúdos foram divididos por bimestres?*

(2) *Porque o professor que estivesse ingressando na SEDF e não tivesse condições de ter o conhecimento sobre habilidades e competências, ele teria o conteúdo para pelo menos saber o norte. E nós colocamos por bimestres como se fosse uma linha imaginária. Qual é a realidade do Distrito Federal? O aluno hoje está estudando em Santa Maria, amanhã ele está no Recanto das Emas, depois ele está no Gama. Quando o aluno faz uma transferência do Plano Piloto para o Recanto das Emas, por exemplo, com a matéria de Biologia, o aluno da sexta série, nem sempre, ao chegar à outra instituição educacional da SEDF, estará afinado com o mesmo conteúdo que o aluno do Recanto das Emas está vendo naquele bimestre. Os alunos ficam flutuantes no Distrito Federal. Em decorrência disso, achamos que seria pertinente colocar uma linha imaginária, onde teríamos bimestres, onde os professores iram tentar trabalhar aqueles conteúdos. Mas se os professores achassem mais importante, dentro do contexto deles, trabalhar outro conteúdo, poderiam fazer as adequações sem prejudicar o aluno que pedisse sua transferência. Quando fizemos o levantamento das transferências, verificamos que existia uma porcentagem muito grande de alunos que haviam sido transferidos e essas transferências, às vezes, eram realizadas pelo mesmo aluno mais de uma vez por ano, o que poderia trazer prejuízo para o processo de ensino e de aprendizagem do próprio aluno. Por isso que tentamos dar um nivelamento.*

(1) *Como foi a elaboração do CEBDF?*

(2) *A proposta da elaboração do Currículo tinha que ser uma construção coletiva, mas a participação do professor não foi uma grande participação, não. Fomos a cada uma das quatorzes (14) Diretorias Regionais de Ensino – DRE, convocando os professores para discutirem as habilidades do antigo Currículo. Lembro que fomos catalogando o que os professores encaminhavam; depois, retornávamos às DREs para mostrar a importância de se trabalhar a interdisciplinaridade, o contexto, isto é, para abrir o diálogo com os professores de todos os componentes das diversas áreas. Tínhamos que voltar lá na base para não perder a construção do Currículo. Nas coordenações orientávamos os professores a fazerem a uma análise do antigo Currículo e verificar se aquelas habilidades que oferecidas no antigo Currículo eram coerentes com as habilidades dadas em sala de aula. Caso não fossem, os professores podiam falar: “Essa habilidade não corresponde com a minha realidade”. E aí nós íamos catalogando aquelas habilidades. Depois, com a DEM, fomos montando o novo Currículo, sendo auxiliados por profissionais que estavam mais avançados na discussão do Currículo, dos conceitos pedagógicos. Fizemos uma comissão central do Distrito Federal. Depois chamamos os colegas que trabalhavam com o Programa*

*de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília – PAS/UnB, procuramos um vínculo com a Universidade, o que nos ajudou bastante para dar forma a Matriz de Sistematização do Conhecimento que elaboramos e foi um dos recursos que tivemos para trabalhar a interdisciplinaridade .*

*(1) Houve alguma interferência externa?*

*(2) Sim, a interferência de pessoas externas ao Distrito Federal no meio do processo. Nós tivemos a interferência amarga de uma equipe de professores que trabalhavam para a Cesgranrio e que foi convidada para trabalhar com o Currículo do Distrito Federal, num contexto totalmente desconhecido para eles: caíram de pau em cima da gente. O Currículo não saiu porque a equipe da Cesgranrio queria trabalhar de outra forma. Aí os professores resistiram, uma resistência violenta e nós sofremos uma resistência muito grande do sistema. Porque a equipe contratada queria trabalhar de outra forma, então surgiu as Orientações Curriculares (uma preliminar do Currículo) e nas Orientações a equipe da Cesgranrio colocou os conteúdos, as habilidades e as competências. O que eu acredito que aconteceu? A equipe foi paga para montar o Currículo, e o nosso Currículo que tínhamos elaborado ficaria esquecido, isto é, a equipe tirou as habilidades e os conteúdos que fizemos e deram outra forma, mas isso não se concretizou.*

*(1) Mas, o que foi para as escolas?*

*(2) As Diretrizes. Foi o que a Cesgranrio fez. Mas, se você for pegar as Diretrizes, logo na primeira frase está escrito que até 2011 o Currículo teria que estar na escola. Quem iria levar o Currículo seria a equipe da Cesgranrio, mas com a questão do governo Arruda, com aquele escândalo todo, o governo vai caindo em cascata e as Subsecretarias vão tendo a sua fragilidade. Lembro que em três anos nós tivemos sete Subsecretários. Tivemos Subsecretário que entendia muito bem o que era a educação, aquele que não entendia nada do era a Educação Básica. Foi aquela catástrofe. A Cesgranrio saiu do contexto e não recebeu parte final do pagamento. O Currículo ficou perdido e não saiu.*

---

## **ANEXO B**

### **PROFESSOR EXERCENDO O CARGO DE VICE-DIRETOR DE UM CENTRO EDUCACIONAL DA CIDADE SATÉLITE DE SANTA MARIA - DF**

**(1) Pesquisadora**

**(2) Colaborador – Professor Vice-Diretor - PVC**

*(1) Conte a respeito da sua trajetória profissional, isto é, como é que você chegou a ser professor de Língua Portuguesa.*

*(2) A minha trajetória foi bem simples. Eu tinha um sonho de fazer a universidade, pois vim do interior do país pra Brasília e fiquei um ano estudando pra passar na Universidade de Brasília. Depois me formei em Letras, depois fiz o concurso em 2003. Trabalhava em escola antes de terminar a faculdade e fiz o concurso também antes de terminar a faculdade. Estava no 3º semestre. Assim que eu terminei, eles chamaram.*

*(1) Você foi trabalhar onde?*

*(2) Em Santa Maria. Trabalho e moro lá até hoje. Tem cinco anos e tenho trinta e três anos.*

*(1) Quando você começou como professor, o que você usava para planejar suas aulas? Você usava currículo? Ou você usava o livro didático? Ou alguém te deu um conteúdo? Você lembra?*

*(2) No início da minha carreira, para montar as minhas aulas, eu partia de vários livros. O Currículo eu desconhecia. A pouca experiência que eu tinha, eu recorria a vários livros. E a partir deles eu montava um cronograma de aulas. Foi assim que começou a minha prática pedagógica. Hoje eu sei que não é isso, né. Vai além disso, mas naquela época ninguém me instruiu a fazer diferente. Hoje sou Vice-Diretor de uma escola na rede pública, mas também dou aulas em outros locais, em faculdades. Tem três anos que não atuo em sala de aula na rede pública da SEDF. Passei pela Supervisão Pedagógica, pela Supervisão Administrativa. Fui coordenador e hoje sou Vice-Diretor. Creio que esse é um ponto positivo: ter passado por essas várias funções dentro do sistema educacional. Justamente porque eu conheço o funcionamento da escola: o pedagógico e o administrativo.*

*(1) Como é que é hoje a estrutura de uma escola?*

(2) *O diretor, o vice-diretor, o supervisor pedagógico, o supervisor administrativo, os coordenadores e o secretário escolar. A cada trezentos alunos, um coordenador. Na minha escola tem mil alunos. São três Coordenadores. São por áreas: Humanas, Exatas e Ciências.*

(1) *Qual é a maior dificuldade que você percebe na escola?*

(2) *No pedagógico é a falta de mais estímulo do professor. A maioria dos professores na minha escola, por mais que você tente motivá-los, criar um ambiente favorável, muitos não estão mais com pique. Têm professores muito antigos. E eles procuram não planejar, e quando você cobra isso deles, eles simplesmente falam que não vão fazer. Por mais que a Direção pressione, o resultado é mínimo. Mas isso não é a maioria, felizmente. Com relação ao currículo ele é muito pouco trabalhado. As pessoas não têm interesse. Ele é apresentado em uma pastinha que fica sobre a mesa, mas os professores nem pegam.*

(1) *O fato do currículo não vir dividido em Bimestres, é... você percebe que dificultou alguma coisa na prática para o professor?*

(2) *Eu acho que não porque as matérias não são estanques. O conteúdo não é estanque. O professor tem que permitir essa abertura, essa flexibilização de adiantar determinado conteúdo ou não, dependendo das abordagens. Eu acho muito tradicional já vir tudo classificadinho, tudo certinho para o professor. O professor tem que ter essa abertura, justamente para o professor “experimentar” mais esse Currículo. O Currículo é uma sugestão bem vinda, mas ele num é só aquilo.*

(1) *Em relação ao eixo Letramento?*

(2) *Com relação ao Letramento, eu acho que o professor num percebeu tanto, não gosta muito.*

(1) *Vocês tiveram alguma iniciativa para explicar ao professor o que é Letramento?*

(2) *Como a escola é nova nós não fizemos.*

(1) *Como é que o professor lida com o Currículo e os livros didáticos?*

(2) *O professor utiliza o livro didático como parte da construção do conhecimento. Mas não só, absolutamente, como era há alguns anos atrás. Até porque os livros didáticos, se você tentar seguir somente aquela seqüência do livro didático, ele não vai contemplar todo o Currículo. O professor parece que já percebeu isso.*

*(1) A mudança de Secretários da Educação afeta o cotidiano da escola no trabalho de vocês?*

*(2) Claro. Por exemplo, foi criado o PEDAF onde a verba era direcionada direto pra escola. Esse ano as escolas praticamente não receberam repasse nenhum de verba. PEDAF” é a verba que a escola recebe para poder custear todas as despesas. Esse ano a escola não recebeu verba nenhuma. Quer dizer, o pedagógico fica deficiente, o administrativo fica deficiente e você não tem onde recorrer. Porque sem dinheiro, por exemplo, se o microfone queima não tem nem como arrumar o microfone. A não ser se fizer um evento para arrecadar fundos e tentar manter o que já tem. Então, trabalhar na Secretaria Educacional é difícil, mas ao mesmo tempo não é impossível. Eu creio que mesmo com as dificuldades, o ensino está avançando e avançando com certa qualidade. Daqui a dez anos vai estar muito melhor em relação a qualidade do ensino do que é hoje. Outra coisa ruim para o ensino é que cada vez que ocorre uma mudança de secretário, de governo, aqueles projetos que estão dando certo vão junto e são implantados projetos novos. E aí até aquele projeto gerar um resultado, já venceu o governo e começa um novo projeto. Então nenhum é concretizado. Eu acho que na educação aquele que deu certo não deveria ser ocultado. Deveria ser reestruturado talvez, mas não acabar. Agora eles acabam o que está dando certo, implantam outro para fazer o nome do governo e nós somos obrigados a aceitar tudo. Entram com uma norma, vem de cima pra baixo. Não é uma coisa que é decidida pelo grupo, mas coisa é imposta.*

*(1) Na sua escola, quantos professores têm especialização, mestrado ou doutorado?*

*(2) Que eu saiba só eu tenho mestrado na escola, mas todos têm especialização*

*(1) A sua escola tem quantos alunos e quantos professores?*

*(1) Mil alunos e em torno de 70 professores*

*(2) Algum contrato temporário na sua escola?*

*(2) E se eu falar para você que 20% são contratos? Uma média de uns 25 professores contrato. A maioria desses professores de Contrato Temporário está desde o início do ano porque não apareceu professor efetivo. E também professores com atestado médico, pois a quantidade é muito grande. Por exemplo, a professora de filosofia deu aula um mês esse ano. E tem outros professores. Outro problema é aquele professor que está sempre doente, que*

*pega atestado duas vezes por semana. Às vezes pega na segunda, outro pega na quarta. Não tem como você chamar um professor de Contrato para suprir dessa forma, com aquela carência daquele dia. E o aluno fica defasado com o conteúdo. A maioria dos contratos trabalham muito mais positivamente do que os efetivos. O resultado em sala de aula é melhor.*

---

## ANEXO C

### ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO CENTRO EDUCACIONAL DO PLANO PILOTO

(1) Pesquisadora

(2) Professora do Centro Educacional do Plano Piloto (PCEPP)

(1) *Quanto tempo você tem em sala de aula?*

(2) *Em sala de aula? Eu poderia estar aposentada hoje. Tenho 50 anos. Moro em Formosa e por isso tenho que acordar muito cedo, me arrumar, sair correndo. Tem época que passo o dia inteiro na escola.*

(1) *Qual o seu método de trabalho?*

(2) *Eu adequo o livro didático ao currículo. Vou sempre percebendo o currículo, vou seguindo, vou acompanhando. Tem alguns conteúdos, que é necessidade da matéria, como esse (concordância nominal), por exemplo, não estava incluso. Tinha aí a parte de gramática, análise sintática, morfossintaxe, etc. Mas eu acrescentei esse (concordância nominal) por necessidade de estar trabalhando a leitura e trabalhando dissertações. Eu vou adequando o conteúdo ao conteúdo do currículo. Eu vou adequando aquilo que eu acho que é necessário (muito barulho na sala) para realizar um trabalho melhor, para que produza um resultado satisfatório.*

(1) *No início do ano, a escola apresentou aos professores o Currículo de Educação Básica do Distrito Federal de 2008 – CEBDF/2008?*

(2) *Não. Nós trabalhamos o currículo atual, não o de 2008.*

(1) *Foi a escola, no início do ano, que apresentou para você ou você já tinha? Como é que você sabe do CEBDF/2008?*

(2) Não, de outras escolas. Eu trabalhava antes com o Ensino Fundamental. Eu trabalhava também com o Ensino Médio, mas como Contrato Temporário. De dia, eu trabalhava 40 horas com o Ensino Fundamental, com as oitavas séries.

(1) Sempre na Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF?

(2) Eu trabalhei em Minas Gerais, que foi meu primeiro trabalho como Supervisora Pedagógica. Depois, eu fui pro Goiás e comecei a trabalhar numa escola de freira. Depois, eu fui pro Mato Grosso e trabalhei em escolas municipais. Depois, voltei pro Goiás de novo, trabalhando. Trabalhei também em Brasilinha de Goiás, em ONG associada ao Governo. Trabalhei três anos lá e depois fui para o Estado de Goiás, concursada. Trabalhei oito anos no Estado de Goiás. Trabalhava ao mesmo tempo no Estado de Goiás e trabalhava de manhã numa escola particular, escola de freira, o colégio Sagrado Coração. E à noite na Fundação Educacional, Contrato Temporário, no Paranoá.

(1) E depois, você fez concurso?

(2) Depois, eu fiz concurso. Eu comecei primeiro... No meu primeiro ano de faculdade eu fiz o concurso e eu passei no concurso, nos Níveis 2 e 3. Aí, eu vim trabalhar definitivamente em Brasília e deixei o Estado de Goiás e as escolas particulares.

(1) E qual é o conteúdo que você deu nesse ano para os primeiros anos do ensino médio?

(2) Literatura: Trovadorismo, Classicismo, Barroco e Arcadismo. Trabalhei também todos os livros do Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília – PAS/UnB do primeiro ano. Em gramática, trabalhei morfossintaxe. De uma forma generalizada. Agora estou trabalhando concordância nominal e concordância verbal. Também estou trabalhando redação, com descrição. Comecei por causa da literatura porque nós acompanhamos pela literatura. Comecei com contos e depois fui para a descrição e agora dissertação.

(1) Quantos alunos em sala de aula você tem?

(2) 52 menos 17; 12 menos 7; 4 menos 1...Então tem 35 anos, no final do ano, né? Tem uma evasão muito grande. Essa evasão geralmente se dá por alunos que não acompanham o

*conteúdo, que já percebem que estão reprovados. A maior parte deles migram de uma escola para outra.*

*(1) Os alunos são do Plano Piloto ou do Entorno de Brasília?*

*(2) Temos alunos do Paranoá, Itapuã, Ceilândia, Taguatinga, Núcleo Bandeirante, Cidade Ocidental e até de Santo Antonio Descoberto.*

*(1) E tem da Asa Norte, já que a escola fica na Asa Norte?*

*(2) Da Asa Norte também. Mas há mais alunos de Planaltina, Planaltina de Goiás, Sobradinho... Alguns já são estagiários e esses que estagiam também não dão problema, muito pelo contrario, produzem mais, rendem mais.*

*(1) Você fez algum curso na EAPE relacionado ao currículo?*

*(2) Não.*

*(1) Na semana pedagógica foi feito o planejamento com seus colegas ou você é a única professora do período vespertino?*

*(2) Tem mais uma professora da tarde do primeiro ano de contrato temporário. Eu cheguei e fui montando o currículo a partir do livro didático e do plano curricular. Eu já cheguei e a semana pedagógica já estava terminando. Aliás, essa semana, na verdade, ela não aconteceu e eu não vejo acontecendo em escola nenhuma.*

*(1) Então, o seu plano de aula, você fez baseada no livro didático, no que você sabe do PAS, conversando e no que você entende que tem que ser dado no primeiro ano?*

*(2) Segui também o plano curricular.*

*(1) O que é o plano curricular?*

(2) *Aquele livro básico que vem da Secretaria de Educação com as informações, com os conteúdos já programados, né?*

(1) *As Diretrizes Curriculares?*

(2) *Eu sigo bastante as Diretrizes Curriculares. No início do ano uma professora que fazia 20/20 ficou afastada por muito tempo e os alunos ficaram sem professor. Eu fiquei sozinha no período vespertino. Quer dizer, os alunos da manhã e da tarde também ficaram. Então, eu não tinha com quem conversar sobre a matéria de Língua Portuguesa. Temos uma coordenadora indicada para o ensino médio inovador, mas ela não acrescentou muito. Na verdade, eu fiquei sozinha. Eu fiquei me sentindo desamparada, mas fui tentando adequar às situações ao currículo.*

(1) *O que você sabe a respeito do Letramento?*

(2) *Na escola estamos trabalhando, tanto a respeito do Letramento como da Diversidade. Nós temos esse eixo norteador e trabalhamos durante o ano. Então, nós trabalhamos bastante falando de Brasília, falando do país, falando da escola e dos lugares onde eles moram também. Foi um trabalho maravilhoso que nós fizemos com apresentações de música, com a culminância com apresentações de música, teatro, poesia, aniversário de Brasília também, né? O cinquentenário de Brasília. Eles fizeram redações, poesias, trabalhamos teatro, músicas. A culminância lá no pátio, no intervalo que nós temos aqui. E aqui na escola uma coisa que funciona muito é a parte cultural, pois realmente pluraliza bastante e leva para fora da sala de aula, não fica só aqui dentro da sala, né? E trabalhamos também bastante com outras áreas, especialmente com a área de códigos. Fizemos um trabalho assim, interdisciplinar, um trabalho muito bom. Nós recebemos estagiários que nos auxiliaram, trabalhamos com vídeos, que contam toda a história de Brasília, vários textos de poesias que os alunos escreveram sobre a escola. Depois trabalhamos redação com poesia também falando da escola.*

(1) *O que você entende por Letramento?*

(2) *Eu entendo como a leitura e a interpretação de uma forma bem direcionada. Aquele que consegue ler, interpretar e fazer uma releitura de um livro. São as práticas sociais. Nós*

*temos regularmente intervalões e trabalhamos a cultura. Trazemos muitas pessoas de fora como palestrantes, pessoas que vêm dar oficina. Nós tivemos também a semana da cultura. A semana da cultura é inteira dedicada à cultura de um modo geral: trazemos cantores, música, teatro, dança, cinema, palestras, todos os tipos de informações. É maravilhoso. Eu acho uma pena que os nossos alunos ainda não estão preparados, principalmente esses alunos que estão entrando agora no ensino médio. Eu vejo que esses alunos aqui têm muita dificuldade e têm muito que aprender, principalmente a formação, a aceitação do conhecimento. Eles deixam muito a desejar. São dispersos, têm uma dificuldade de concentração muito grande, que é o que mais me incomoda. Agora estamos na reta final e alguns alunos aí já estão aprovados e tem muito essa cultura de eu preciso da nota, ser aprovado e não de aprender. Eu sinceramente acredito que muitos alunos têm uma dificuldade enorme, principalmente pelo uso da tecnologia avançada, que fez com que eles perdessem a motivação pelo livro, pela leitura. Então, quando você coloca um filme que tem que fazer uma leitura é uma dificuldade enorme. Eu vejo também a cultura da própria família, isto é, o buraco é mais embaixo, nós fazemos a nossa parte aqui, mas o grande lance tem ser a motivação realmente através de projetos. Eu vejo algumas práticas que atrapalham os nossos projetos; por exemplo: não tem auditório. As nossas apresentações são feitas ao ar livre, o que dificulta bastante. Eu percebi chegando aqui esse ano, o que eu percebi é que a participação dos alunos aqui não é tão ativa. Na semana cultural percebi que houve pouco interesse dos alunos, exatamente porque eles não sabem e a gente encontra resistência dos colegas porque, às vezes, os próprios colegas não querem porque é muito trabalhoso.*

*(1) Você conseguiu nesse ano trabalhar o conteúdo que você tinha planejado?*

*(2) Eu gostaria de ter feito mais, não porque estava no currículo desse ano, mas porque eu senti necessidade na base que os alunos trouxeram de outros anos.*

---

## **ANEXO D**

### **OBSERVAÇÃO (FRAGMENTOS) DA AULA DA PROFESSORA DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO DO PLANO PILOTO**

**(1) Pesquisadora**

**(2) Professora-Colaboradora do Centro Educacional do Plano Piloto (PCMPP)**

**Pesquisadora** - *Hoje é quarta-feira. Estou observando a aula da professora do Centro Educacional do Plano Piloto, turno vespertino, turma do 1º ano do ensino médio. A matéria é regência. (O que é dado pela gramática tradicional, é uma cópia da gramática.)*

**Colaboradora** – *Boa tarde! Olha só, hoje nós temos duas professoras estagiárias, né?*

**Colaboradora** – *Boa tarde!*

**Alunos** – *Boa tarde!*

**Alunos** – *(Risos)*

*(Muito barulho de cadeiras e conversa. Não se ouve a professora explicando.)*

**Colaboradora** – *Fundação Educacional. Ela está no quadro da Secretaria de Educação, mas ela está fazendo agora mestrado, né? Mestrado em? Como é que funciona na nossa aula pra ela ver... Ela vai dizer: eu nunca mais quero voltar lá!*

**Pesquisadora** – *Eu agradeço. (Muito barulho de conversa dos alunos.)*

**Aluno** – *Sobre outros assuntos: Vai ser doido, véi! (Riso, conversa e cadeira arrastando.)*

**Aluna** – *Eita, porra! (Barulho de conversa.)*

**Pesquisadora** – *Para o gravador: A sala tem dois quadros. Tem um quadro branco no fundo. A professora pediu para os alunos olharem para o que ela vai dar. Concordância. A turma está agitada. Os alunos estão conversando, alguns saindo, outros entrando. Mais ou menos oito rapazes. Um total de 23 alunos em sala de aula. O barulho é dos alunos empurrando as carteiras, eles estão tentando se ajeitar.*

**Aluna** - *Que bosta!(Mais conversa.) Têm uns alunos inconvenientes.*

**Colaboradora** – *Então, uma das aulas que o aluno teme: concordância nominal.*

**Aluno** – *Se refere ao...*

*(Risos. Não se ouve bem a conversa entre aluno e professora. Muita conversa paralela.)*

**Colaboradora** – *Nós vamos trabalhar essencialmente... (Não se entende o que ela diz.)*

**Pesquisadora** - *(para o gravador) Ela está tendo muita dificuldade para os alunos fazerem silêncio.*

**Colaboradora** – *Trabalhando agora com nome, pronome e substantivo. Nós vamos transferir o adjetivo ou substantivo. Com o que, gente? Com o pronome. Por que com o pronome? Porque o substantivo é como se fosse o nome e o pronome substitui o substantivo. Ok? Os pronomes pessoais - o substantivo. Quando o adjetivo concorda com o substantivo. (É a regra geral), quando o adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Essa é a regra geral. Aí, o aluno não sabe fazer isso. Eu digo: A aluna bonita; As alunas bonitas (barulho e risos); O aluno bonito; A aluna bonita.*

**Aluna** - *Mas aqui nessa escola não tem! (risos)*

**Colaboradora** – *Aí eu tô fazendo o quê? Mudando o gênero, o plural, o singular, né. Masculino, feminino etc. Concordância do adjetivo com o quê? Com o nome. Ok? Então, a partir da regra geral nós estaremos construindo outras particularidades. Então agora nós vamos ver essas “particularidades”, é o que eu gostaria que vocês entendessem agora, tá? Não decorassem as regrinhas, mas que lessem com atenção, interpretassem. Quero que vocês lembrem que nas provas tanto de vestibular, do PAS e concurso é muito cobrado. E o que é mais importante pra vocês, aí? Vocês lembrarem que na construção de um texto é possível deixar bem claro aquilo que você quer daquela pessoa.*

**Pesquisadora** – *A professora está escrevendo no quadro, o título é concordância nominal. Agora ela se virou, está colocando a primeira regra de concordância nominal e os alunos estão conversando e brincando entre si, falando de meleca, mas eles estão escrevendo o que ela está colocando no quadro.*

*(Barulho da conversa dos alunos.)*

*(Alunos falando alto.)*

**Aluna** – *Eu tenho isso aqui...*

**Pesquisadora** – *Agora alguns alunos da frente estão dizendo que essa matéria já tem escrita no caderno.*

**Aluno** – *Professora, tem até semana passada.*

**Aluna** – *É, Mané?*

*(Muita conversa e risos.)*

*(Alunos chamam a professora. Muita confusão de vozes.)*

**Aluno** - *Até a oito, não?*

**Colaboradora** – *Agora, como é que nós vamos fazer? Vocês vão fazer isso em casa e eu vou fazer de novo?*

**Aluno** - *Professora! Professora! Num vai, não?*

**Aluno** - *Até a oito, não?!*

*(Discussão entre alunos e professora.)*

**Aluna** - *Como é que é?*

*(Muita conversa paralela.)*

**Aluno** - *É muito engraçado, Nossa Senhora!*

*(Professora fala ao fundo, mas não se entende. Há muito barulho de cadeiras sendo arrastadas.)*

**Pesquisadora** – *Vocês já tiveram essa matéria igual eles estão falando?*

**Aluna** – *Ela passou a regrinhas no quadro.*

*(Muito barulho ao fundo.)*

**Aluna** – *E aí alguns copiaram.*

**Pesquisadora** – *Agora os alunos voltaram de novo para o outro quadro onde tem as regras oito, nove, dez e onze. A regra oito trata das funções é preciso, é necessário que permanecem invariáveis quando não houver artigo determinando o sujeito. A professora está pedindo para os alunos copiarem. Ela vai fazer a chamada e, em seguida, vai explicar a regra oito; o exemplo é necessário.*

*(Muita conversa entre os alunos.)*

*(Lendo do quadro para o gravador.) A regra oito. Exemplo: É necessário prudência, é preciso coragem chá de boldo é bom para o fígado. As palavras é necessário, é preciso e o é bom estão grifadas. Agora começa uma chuva forte. Tá ficando bom aqui. A sala também tem uma televisão LG, não é Phillips, mas é aquela fininha. O exemplo nove é a letra A - O predicativo concorda com o objeto direto em gênero e número. Exemplo: O juiz declarou o*

*nosso time vitorioso. Letra B - o predicativo fica no masculino plural se o objetivo direto se o constitui de elementos de gêneros diferentes. Exemplo: o professor declarou o aluno e a aluna culpados. 10 – o artigo concorda com o substantivo em gênero e número. Exemplo a escola é o foco de onde a luz erradia, a luz que aclara os centros e as nações. Música – pronome concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Caso haja algum substantivo de gêneros diferentes o pronome vai para o masculino plural. Exemplo: Comer pêssegos e ameixas por estar com fome. Abriu a porta e fechou-a de imediato.*

*(Barulho de chuva forte. E também conversas e risos.)*

**Colaboradora - Não tá dando.**

*(Os alunos continuam a rir e a conversar.)*

---

# ANEXO E

## ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO CENTRO EDUCACIONAL DE SANTA MARIA

(1) Pesquisadora

(2) Professora do Centro Educacional de Santa Maria (PCESM)

\*Aula dada antes do dia da Consciência Negra)

INTERPRETAÇÃO\*

ESSA NEGRA FULÔ

Jorge de Lima

Ora, se deu que chegou  
(isso já faz muito tempo)  
no bangüê dum meu avô  
uma negra bonitinha,  
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
— Vai forrar a minha cama  
pentear os meus cabelos,  
vem ajudar a tirar  
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!  
ficou logo pra mucama  
pra vigiar a Sinhá,  
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
vem me ajudar, ó Fulô,  
vem abanar o meu corpo  
que eu estou suada, Fulô!  
vem coçar minha coceira,  
vem me catar cafuné,  
vem balançar minha rede,  
vem me contar uma história,  
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

"Era um dia uma princesa  
que vivia num castelo  
que possuía um vestido  
com os peixinhos do mar.  
Entrou na perna dum pato  
saiu na perna dum pinto  
o Rei-Sinhô me mandou  
que vos contasse mais cinco".

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
Vai botar para dormir  
esses meninos, Fulô!  
"minha mãe me penteou  
minha madrasta me enterrou  
pelos figos da figueira  
que o Sabiá beliscou".

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá  
Chamando a negra Fulô!)  
Cadê meu frasco de cheiro  
Que teu Sinhô me mandou?  
— Ah! Foi você que roubou!  
Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra  
levar couro do feitor.  
A negra tirou a roupa,  
O Sinhô disse: Fulô!  
(A vista se escureceu  
que nem a negra Fulô).

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
Cadê meu lenço de rendas,  
Cadê meu cinto, meu broche,  
Cadê o meu terço de ouro  
que teu Sinhô me mandou?  
Ah! foi você que roubou!  
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.  
A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dêle pulou  
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
Cadê, cadê teu Sinhô  
que Nosso Senhor me mandou?  
Ah! Foi você que roubou,  
foi você, negra fulô?  
Essa negra Fulô!

1. *O poema é:*
  - (a) *descrição dos fatos sem sabor atrativo*
  - (b) *dissertação das inconveniências do roubo*
  - (c) *narração com sabor folclórico*
  - (d) *sátira aos senhores da casa grande.*
  
2. *Coloque em ordem:*
  - (a) *A negrinha roubou o sinhô*
  - (b) *A negrinha furtava os pertences da patroa*
  - (c) *A negrinha foi açoitada pelo sinhô*
  - (d) *A negrinha era sempre castigada pelo feitor*
  
3. *São características do poema:*
  - (a) *espontaneidade, ambigüidade, invenção*
  - (b) *aspereza, pedantismo, estrangeirismo*
  - (c) *simplicidade, veracidade, brasileirismo*
  - (d) *desarmonia, chavões, anfibologia*
  
4. *A repetição do estribilho dá idéia de:*
  - (a) *passividade*
  - (b) *consentimento*
  - (c) *indiferença*
  - (d) *agressividade*
  
5. *A palavra “bangüê” é:*
  - (a) *espécie de óleo*
  - (b) *espécie de guarda-sol feito de couro*
  - (c) *espécie de carrocinha de transporte puxado a cavalo*
  - (d) *espécie de liteira com teto de couro*
  
6. *A palavra “Fulô” é:*
  - (a) *uma forma abreviada de “foliona”*
  - (b) *uma corruptela de “filou”*
  - (c) *um sinônimo de esperta*
  - (d) *uma corruptela de “flor”*
  
7. *A palavra “mucama” significa:*
  - (a) *menina mimada, escolhida para cuidar ou brincar com outras crianças*
  - (b) *pessoa má, levada para casa grande, para aprender educação*
  - (c) *moça bonita, mas de má índole*
  - (d) *escrava muito estimada, para serviços domésticos*
  
8. *A palavra “sinhô” (ou “sinhá”) era:*
  - (a) *forma de indicar obediência aos empregados mais velhos*
  - (b) *forma de mostrar afeto aos namorados*
  - (c) *forma de respeito que se dava aos patrões*
  - (d) *forma de respeito que se dava aos visitantes*

**Professora** – *Meninos, boa tarde!*

**Alunos** - *Boa tarde!*

**Professora** - *Ontem eu apresentei pra vocês a professora?*

**Alunos** – *Não.*

**Professora** – *Eu gostaria de pedir muito carinho com a aula porque hoje ela nos observará. Ela é da UnB, veio pra fazer um estudo de observação nas nossas turmas, ok? Professora, essa turminha é um amor. Maravilhosos. De verdade mesmo. Apesar de que ela está com evasão. Sempre a turma que tem mais idade, a turma mais velha, os mais velhos, a possibilidade de evasão existe.*

**Pesquisadora** - *Quantos alunos têm essa turma?*

**Professora** – *Agora tá com 20, né? (contando) 3,6,7,8, 9, ....14. Tem mais 5 que não veio hoje, sexta –feira. Existe essa evasão por um motivo ou outro.... Lá fora não, amor!Atende aqui dentro por hoje. Sim, rapidinho. Passa pra mim. (Barulho de cadeiras e conversa.) E nós estamos nos aproximando do dia 20 de novembro, onde ultimamente eles fizeram essa comemoração pra ajudar, né, no trabalho da escola que é o dia da consciência negra, o dia da consciência negra. Nós somos de um país mestiço e nós nunca sabemos. Nós não sabemos lidar. Nós sabemos lidar com a questão do racismo.*

**Alunos** – *Não!*

**Professora** – *A escola sabe lidar com isso?*

**Alunos** – *Não!*

**Professora** – *Vocês acham que as crianças negras sofrem na escola preconceitos?*

**Alunos** – *Sim, sofrem.*

**Professora** – *É preciso sofrer preconceitos? Não é preciso! Então a escola não abre um espaço para trabalhar a questão da cor negra. Todos fingem que não existe esse problema. É essa segregação, essa humilhação que faz com que a criança negra se sinta desvalorizada, né. Então nós vamos trabalhar durante todo esse mês de novembro com textos voltados pra esse debate, pra esse esclarecimento. E nós temos...Eu trouxe hoje um texto, um texto literário. Qual é esse gênero? Esse gênero é um texto informativo? Eu vou trazer um texto pra vocês, um texto informativo. Mas esse é um texto literário. Por que é literário? Porque ele é uma poesia. Ele traz o mesmo assunto, mas de uma forma poética. Aqui, esse texto, ele nos remete a um época. Qual será que é essa época? Vamos ler primeiro pra gente descobrir, né. Se é o momento de agora, né, que o negro vive; se fala de um momento de agora ou se fala de um momento da escravidão. Como esse texto ele puxa muito a voz da gente, cansa a corda vocal, vocês vão me ajudar, ok? E,ó, é um texto poético bem bonito, pra*

*professora observar a leitura, ok? Só quem quiser ler, não é obrigado. Na sala aqui, quem é o menino que gosta de ler, ele pode ler. Agora se ele não quer ler, a questão é íntima, então ele não tem a obrigação de ler. Daí o dia que ele quiser se colocar, porque se você força um aluno a ler, aí é que ele toma raiva da leitura. Essa negra flor eu quero que todos acompanhem.*

**Professora** – *Gente, esse é um texto literário porque ele tá na forma de poesia. Mas ele traz, ao mesmo tempo, uma denúncia, né? Ele escreveu aqui pra deixar claro o que acontecia. Em que época? Agora nos morros do Rio de Janeiro? Em que época que isso acontecia? No momento de agora? Em que época? Em que tempo foi isso? De acordo com o que está escrito, pela linguagem, pelo jeito de escrever.*

**Aluno** - *No passado.*

**Professora** - *No passado. E que passado era esse?*

**Professora** - *Na época da?*

**Alunos**- *Escravidão?*

**Professora** - *Aqui no texto deixa bem claro, não deixa? Que foi na época da escravidão, mucama, né. As negras que ficavam pra arrumar as senhorinhas brancas, ajudar a se vestir, ajudar a se arrumar, ficavam dentro da casa, da Casa Grande pra ajudar a se arrumar, a cuidar da casa, dos filhos, da patroa. Então tudo de ruim era pra ela, né. Aí foi se tornando segregada, e escrava sem direitos à nada. Naquele tempo. Então não era visto nem como ser humano. Então a evolução dessa época era pequena como ser humano? Muito, né? Porque a pessoa era vista como um bicho. Porque eles não eram católicos, religiosos e tinham a plena capacidade de manter essa religião e, no entanto, escravizava o seu próprio irmão. Depois da escravidão, quem libertou os escravos? Que são pessoas tais quais a nós mesmos, iguais a nós, iguaiszinhas. Quem libertou os escravos? E a abolição? A princesa Isabel, nessa época, né. Os escravos foram libertados e tudo mudou pra melhor, não é. Não é verdade? Tudo Mudou. Será que é verdade? Mudou mesmo? Será que os negros se inseriram na sociedade? Será que as políticas estão deixando? Isso aqui são pontos pra vocês refletirem. Depois nós vamos escrever sobre isso, mais pro final do mês. Vocês acham que as políticas educacionais promovem isso? Promovem? A gente mesmo promoveu de uma certa forma, que foi a miscigenação. Hoje você sobe em um palanque e você vê que a cor do seu povo é mestiça. Qualquer show que você vá, quando você sobe e olha você vê que o povo não é tão branco assim mais. Mesmo assim ainda há segregação das pessoas que vem da origem negra. Vocês ficaram tímidos? Vocês são ótimos pra falar. Foi a presença da professora? Não precisa! Vamos tentar...*

**Aluno** - Falar o quê?

**Professora** - O que você achou? Por que o negro ainda está tão segregado? Tão fora das políticas dos empregos.

**Aluno** – Eu acho que, por algum fato, num tem capacidade. Eu acho que o fato de querer ser melhor que os negros, eles se igualam. Apesar dos negros terem mais consciência. (risos)

**Professora** - Todos nós sabemos muita coisa, mas quando é necessário falar assim em público a gente trava. Todo o nosso conhecimento parece que some das palavras, as palavras somem. Então quebrar esse gelo é muito importante né. É muito importante porque você vai aprender a falar, expor seus pontos de vista, suas idéias...é isso mesmo que o Diego falou né. Mas vamos pensar que ...Vamos refletir como essa história vem se dando, “tem” tanto tempo. Nós não somos mais filhos de negros escravos, nós somos filhos de negros libertos, Então porque ainda não estamos num estágio igual “em” tantos anos? Será que a escola tá cumprindo o seu papel direitinho no sentido de educar...de educar para que a pessoa se sinta valorizada? Gente na escola a (?) está no momento que...quando a gente vem pra escola e a gente é adolescente e a gente tá em formação. A gente se sentir melhor que o outro. Será que papel que a escola está fazendo pra ajudar pra que a criança se sinta capacitada, valorizada, não importa se ela é branca, se ela é negra, se ela é gordinha né...se ela é pobre, se ela é rica, porque isso não é..o que que valoriza a gente? É o sentimento interno do ser humano, né. São os valores humanos, de bondade, de carinho, de solidariedade, de capacidade, é... de não sei a capacidade do outro, porque as vezes o outro, precisa de ajuda do seu lado, porque as vezes ele é tão segregado em sala, não porque ele é negro, mas porque ele tem uma nota baixa. Às vezes se você sentar com aquele menino, chamar ele pra frente, inserir ele nos trabalhos, em grupo, então... você vai estar ajudando essa pessoa a começar a se valorizar. O ser humano ele é igual a uma flor, né... se você deixa ela sem água... no sol, sem cuidado, sem carinho, ela murcha. Se ela tem a capacidade, todos nós temos um potencial, escondidinho, um potencial enorme. Há grandes possibilidades desse potencial passar a vida inteira sem ninguém valorizar, por falta de valorizar, né? É um dos maiores pecados dentro da sala. O professor por excesso de alunos, excesso de serviço, excesso de trabalho vai educar, deixa um ali no cantinho que tem potencial. Que tem potencial como todo outro aluno, deixa ele ali esquecidinho e ali guarda como se fosse uma cinza, guarda o potencial de um menino. Então nós temos que abrir nossa cabeça, a ter paciência, observar, para não empurrar o coleguinha para o nada, por causa de cor da pele. Vamos tratar só da questão da cor pele? Até 20 de novembro? Né... Vamos falar disso muito. Muito, porque a cor da pele não nos diferencia, certo gente?

Então... Quem gostaria de falar alguma coisa? Sobre, se já sofreu alguma coisa, que gostaria de falar, segregado por alguma questão racial. Às vezes não é fácil mesmo falar. Certo? Nós vamos dar esse tempo pra nós mesmos, pra resolver esses exercícios. Vocês vão resolver esses exercícios no caderno e são exercícios de interpretação. Mas eu quero que a gente faça um resgate de como era a situação dos negros nessa época da escravidão. Como está andando a situação.

**Professora** - Vamos lá, que nos vamos corrigir esse exercício ainda hoje, e vamos construir um parágrafo. Nós vamos tentar fazer um paralelo. Vamos fazer. São duas aulas hoje de 50 minutos cada.

**Aluna** - O que é banguê?

**Professora** – Banguê, banguê, né? É uma forma de carregar a pessoa, o bangüê, mais ou menos assim: “Ah, vim de banguê!”. É uma espécie de uma esteira colocada em paus pra carregar uma pessoa que esteja doente. Mas não é o mesmo sentido que tá aí na poesia, né. Olha: Já faz muito tempo no bangüê do meu avô, uma negra bonitinha... Deve ser uma forma de charrete, mas eu vou ali buscar o

**Professora** – Gente presta atenção: o que é banguê. Aqui na linguagem coloquial a gente fala benguê: “Ah não eu só consigo vir se for de beguê! Já é um apalavra em desuso. Benguê é muito pouco usada. É uma esteira onde você vai deitar dentro dela e alguém carregando. Mas vamos ver o que tá escrito aqui. benguê: padiola de cipós trançados. Viu que já é mais ou menos uma esteira né?! ...na qual se leva a bagaceira, o bagaço verde da moenda. Que seria onde carrega os restos de cana moída, né. O conjunto de fornalha e das três tachas assente sobre ela nos engenhos de açúcar. Propriedade agrícola (?) de engenho e açúcar (?) anterior a Usina. Na verdade aqui eles tão colocando tudo relacionado a cana, né. Mas a palavra banguê também é usada como se fosse uma esteira pra carregar algo, né, carregar os senhores de engenho, nem que seja puxado numa charrete. Mas é uma esteira onde é carregado pessoas. Aqui fala muito relacionado. Eu vou fazer uma pesquisa maior sobre essa palavra banguê.

**Professora** - Vamos corrigir? Sátira é uma espécie de uma crítica. O que é que você acham que melhor identifica esse poema?

**Alunos**- Letra B. Letra D ou B.

**Professora** – Olha, que é uma narração folclórica, porque também é uma sátira, né. É uma crítica dentro, mesmo através do poema, né, do folclórico e é folclórico porque é contado sempre, né. De época, de pessoas pra pessoas, de pai pra filho. Então é uma lenda contada,

*então é um folclore narrado. Vocês tão entendendo ou tá meio vago? (sons de conversas)*  
*Coloque em ordem. Em que ordem aparece?*

**Aluna** - 1,2,4,3.

**Aluno** - 2,1,4.

**Professora** – *Pense essa daqui: São características do poema?*

**Aluno** - *Desarmonia, chavões, anfibologia.*

**Aluna** – *Letra D.*

**Professora** – *Letra C: Simplicidade, veracidade. Verdade, né? Veracidade: o que é verdade e brasileiro. Essa que é a questão. A repetição do estribilho Nega fulô, nega fulô, dá a idéia de: facilidade, consentimento, indiferença, agressividade?*

**Aluna** – *Indiferença.*

**Aluno** – *Consentimento.*

**Professora** – *Indiferença, não é?*

**Aluna** – *Não.*

**Professora** – *Não. Agressividade.*

**Aluno** – *Agressividade.*

**Professora** – *Não há, tipo assim, existe agressividade na questão da cultura, que pra eles não era uma agressividade. Bater numa negra no pensamento deles, da época era uma agressividade? Não era, né. Era uma cultura, era certo, né. Porque eles não viam o negro como uma pessoa, como um ser humano. Então a repetição do estribilho dá idéia de passividade? É como se fosse algo repetitivo que só pela lógica você observa que agressividade não é, porque não é uma agressividade ter essa repetição do estribilho. Fala no açoites que ela leva. Tá falando da repetição do estribilho, que é a repetição do refrão, né? A repetição. A palavra banguê é?*

**Aluna** – *Letra C?*

**Professora** – *Letra C. Essa aqui é a questão fácil do texto. (Sons de fala dos alunos.) A palavra fulô é uma forma abreviada de fuliona?*

**Alunos** – *Não.*

**Professora** – *Uma corruptela de filou? O que seria uma corruptela? Vou te dar um exemplo, vou te dar o dicionário aqui pra você olhar o sinônimo de esperta, uma corruptela de flor.*

**Alunos** – *E?*

**Professora** - *Ham?*

**Professora** – *Gente, essa também é uma palavra de época. A palavra mucama significa?*

**Alunos** – *Letra D.*

**Professora** – Letra “D”. Isso mesmo. Era uma escrava que era levada para a casa grande pra cuidar dos serviços domésticos. Na realidade era uma situação melhor na época do que as outras situações. Relativamente falando. Hoje nós não usamos mais, a não ser numa forma de ironia a palavra mucama. Qual que é a palavra que também cabe aqui nesse sentido?

**Aluno-** Empregada.

**Professora**– Empregada doméstica, né? Mas tem outra: baby sitter.

**Aluna-** O que é baby sister?

**Professora** – É uma menina que trabalha de babá, uma mulher, pode ser uma senhora também que é só babá, né... que é só babá, que cuida de criança, que é especializada pra cuidar de criança. A palavra “sinhô” (ou “sinhá”) era a forma de respeito que se dava aos patrões?

**Alunos** – É essa!

**Professora** – Isso. Nós ainda vamos discutir um pouco sobre esse texto ainda, viu. Eu quero que vocês façam um parágrafo pra gente ler aqui, falando sobre a situação do negro hoje no seu ponto de vista. Pequeninho, não é muita coisa. Mesmo assim dá pra escrever dez linhas.

**Professora** – Olha na minha sala no ano que vem vai ter um relógio, um ar condicionado, cortina, quero ver, vou fazer uma recapitulada!

---

## **ANEXO F**

### **ENTREVISTA COM OS PROFESSORES – CENTRO DE ENSINO MÉDIO DO PLANO PILOTO – GRUPO FOCAL**

**Professora 2** - *Eu acho que você devia falar dos alunos dos alunos que vocês encontraram lá no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Eu fiquei assim emocionada, né. Eu nunca tinha ido ao Museu da Língua Portuguesa. A gente tava em São Paulo, eles me levaram. Tava a Cora Coralina, eles estavam expondo o trabalho da Cora e, de repente, um grupinho começou a chamar o nome deles e eram os alunos da nossa escola. E me emocionou tanto! Eles moram em Brasília.*

**Professor 3** – *Eles estavam passeando por São Paulo e decidiram por eles mesmos fazer uma visita ao Museu da Língua Portuguesa. O que foi o motivo de muita alegria pra gente porque eles, espontaneamente, escolheram, sem a obrigatoriedade, sem a obrigação de fazer isso, eles optaram por assistir e participar de uma exposição sobre Cora Coralina no Museu da Língua Portuguesa e isso é fantástico.*

**Professora 4** - *Eu queria só só caracterizar esses alunos. O aluno X hoje é aluno de Letras da UnB. Nosso ex-aluno já foi jovem embaixador do Brasil, participa hoje de um projeto sobre orçamento público, sabe tudo de orçamento público, escreve... Classificado para a olimpíada da língua portuguesa. Enfim o menino é dez. A irmã dele hoje é professora de Geografia. Foi aluna do professor 3 e colega de escola dele como contrato temporário.*

**Professor 3** - *Foi minha estagiária, foi minha aluna no ensino médio, depois foi minha estagiária em Geografia e depois foi colega, dividindo turmas.*

**Professora 4** - *E o Felipe, que é o terceiro irmão que nós encontramos lá, que hoje é também aluno da UnB, faz estágio na escola em Geografia. Joga Capoeira e nessas oficinas da parte do projeto interdisciplinar, da parte diversificada, ele foi como voluntário trabalhar na escola pra uma oficina de Capoeira com os meninos. Formamos leitores cidadãos.*

**Pesquisadora** - *Vocês são leitores?*

*(Risos gerais)*

**Professora 4** – *Compulsivos.*

**Professor 3** - *Deixa eu dar um depoimento que eu gosto muito. Eu sou um bom leitor. Deixa eu contar um experiência muito positiva sobre essa questão do leitor, do tipo de trabalho que a gente faz. Eu passei um tempo em uma Escola Classe da Asa Norte dando aula para 6ª e 7ª séries em um ano, 7ª e 8ª séries no outro.*

*Uma aluna, ótima aluna, chega pra mim e fala: “Professor, me ajuda. Eu sempre fui boa em Geografia. Eu só sou ruim em interpretação de texto e não consigo tirar boa nota com você.”*

**Professora 4** – *Eles fizeram um grupo de reivindicação. E umas das reivindicações era que a prova dele tinha muita interpretação de texto.*

**Professora 3** - *Tinha mesmo muita interpretação de texto de Geografia. Essa aluna foi ser minha aluna depois no ensino médio, um ano depois eu tinha mudado de escola. E essa aluna tira boas notas em Geografia e há pouco tempo ela deu um depoimento. Como é que ela tava melhor em Geografia? Porque já algum tempo ela havia se tornado uma leitora, ela estava lendo mais, ela botou na cabeça que ela quer ir pra Universidade e uma das coisas que eu falava pra ela era de que, entre tanto outros trabalhos que tem. A professora de língua portuguesa fazia um trabalho interessante na área de leitura e ela disse que desde então vários professores dizendo pra ela: você, pra melhorar seu desempenho nas oficinas em geral, você tem que ler. E desde então ela tava lendo e por isso ela estava tendo boas respostas. Então pra mim ficou, talvez ela nem se lembre daquela frase dela lá na 8ª série, dizendo que não conseguia tirar boas notas em geografia porque não era uma boa leitora e agora ela consegue tirar porque ela é uma boa leitora. Então eu acho que eu também, em Geografia, eu ajudei nesse processo de apropriação da leitura né, de estímulo pra que ela se encontrasse e se descobrisse como capaz de ler e se deliciar com um texto e vivenciar esse texto e decodificar o que tá colocado nesse texto, né.*

**Professora 4** – *Eu formo leitores. Há inúmeras outras experiências, né. Nós temos por hábito dar voz ao nosso aluno, nós temos até por obrigação, nós temos um princípio, que é um princípio coletivo né, coisa que dificilmente acontece na maioria das escolas. Nós temos um princípio coletivo de dar voz aos nossos alunos. Quando nós fizemos esse projeto, eu tava voltando pra escola e ganhei de presente essa idéia da gente trabalhar o Mário Quintana. A gente trabalhou tanta coisa do Mário Quintana que eu falei: “Olha, só daqui a cem anos nós vamos falar de novo em Mário Quintana.*

**Professora 1**– *A gente se embriagou nele.*

**Professora 4** - *A gente comeu, dormiu, respirou, namorou enfim...trabalhou. era dia e noite, noite e dia de segunda a segunda...a gente trabalhava Mário Quintana. Nós temos grandes orgulhos dos trabalhos. A gente vê o resultado da formação do nosso aluno leitor nos textos que ele produz, na qualidade do que ele lê. Nós temos uma biblioteca muito boa na escola e temos lá uma pessoa que incentiva muito os alunos a pegarem livros emprestados. E a gente vê, por exemplo, na escola tem um quadro que é assim: “Li, gostei e indico.” É lindo você ver os alunos tendo A menina que roubava livros e ir indicando pros colegas. Aquele livro lá que eles gostam da Depois da última viagem que conta uma história de uma menina que ficou aidética. A gente vê os alunos indicando Quando “Nitzchie” chorou...*

**Professor 3** – *Eu li o livro porque um aluna me indicou. Falou “Professor, vocês sugerem tanto livro pra gente. Você já leu esse livro?” Eu falei “Não!” “Então leia!” Maravilhoso o livro de Ana Polessa? Ela é redatora da Revista Marie Claire. O livro é maravilhoso.*

**Professora 4** – *Eu trabalho muito essa questão com os meus alunos, mas eles próprios têm muitas dificuldades de assimilar e de aceitar que a leitura que eles fazem na internet é a mesma que eles fazem na escola. Ou seja, eles acham que quando ele tá lendo ou escrevendo no Orkut é completamente diferente de quando ele tá lendo e escrevendo na sala né. Então assim, na escola tem toda a regra... Na escola tem a necessidade do texto didático, na internet ele lê o que ele quer. E eu tenho trabalhado com eles exatamente como eles podem aliar as duas coisas. É aliada, tá? Eu preciso falar disso também. Eu faço junto com os professores de Biologia outra oficina que é de Música e Cinema Brasileiro, que tem sido assim um grande sucesso, uma grande alegria tanto pra nós quanto pros alunos. Então a gente uniu as duas coisas. Então a gente trabalha com filmes do Noel Rosa, do Cartola, Paulinho da Viola, Cazusa. E hoje nós apresentamos o filme do Titãs. E eu vou pegar de lá a frase que eu vou pegar pra me despedir de você: “Eu só quero saber do que pode dar certo”.  
Beijo!*

**Professora 1** – *Então, a questão da mediação eu dizia que a gente começava com a história do nome, porque ao mesmo tempo em que a gente traz a história, estimula a aluno, lê com ele e ele lê sozinho, então a gente começa mostrando que ele tem uma história, né. E que essa história começa antes dele nascer, e que a história do nome traz a história dele. Então nós vamos vivendo ali, juntos ali... E, ao mesmo tempo em que nós levamos as histórias, a gente media e lê com eles e lê e relê. Porque aluno adora relê, né! Enfim... E ao mesmo tempo em que a gente lê com ele elabora sua própria história de vida, ele se reelabora, ele se*

revê, ele se resgata né. Ao mesmo tempo a gente conta a nossa história. Porque tudo que a gente faz ali no dia a dia... E é uma delícia porque eu aprendo assim muito com eles. Tudo que a gente lê e faz no dia a dia eu reconto pra eles né. E Eu reconto assim buscando histórias já existentes, eu reconto contando a nossa história. Porque tudo que a gente faz ali é registrado, é fotografado. Eu volto com o power point com a história daquele dia, daquela leitura do texto, da gente ali lendo. Deles, do protagonismo deles naquela leitura né. E eu reconto aquela história, eu trago aquela história que a gente constrói com a leitura, a história de vida deles que eles vão trazendo no dia a dia. E essas histórias são as mais variadas e as mais dolorosas e a gente, através da leitura, reelabora ali. Então são três histórias: é a história dele, a nossa história da nossa oficina que a gente reconta e a história que a gente tira de dentro dos livros. E isso se mistura no dia a dia. Então são essas as três histórias. E a gente tem vivido uma experiência muito boa lá nessa escola e muitas vezes assim muito emocionante. Até nós sofremos perda lá de um coleguinha que faleceu e a gente teve que trabalhar isso, reelabora e trabalhar a historinha do peixinho que morre e como que a gente reconta tudo isso... E foi a partir daí que a gente introduziu Filosofia com a história do por que, né. Por que você foi? Nós estamos dentro da Filosofia e brincando de por quê. A outra questão é a história da memória né. Eu acho que esse é o nosso nó, a questão da memória de tudo que faz desse registro... E é um pouco o que eu to tentando fazer nessa escola que eu to registrando toda a memória do nosso trabalho. E na faculdade onde eu dou aula também eu tô brincando de registrar a memória e eles tão registrando, a gente tá brincando de trabalhar com memorial. E onde é que tá a memória disso tudo? E me dói, é muito doloroso ver que a memória ela se perde. Eu passei duas vezes pela direção da escola. Na primeira vez que a gente entra depois de uma crise forte. Eu tenho um colega que falava assim: agora ela é a diretora das crises. A internet ela é pra mim uma parceira e um aliada, eu não consigo perceber o meu trabalho hoje sem a internet. Eu não conseguiria perceber o meu trabalho hoje sem a internet e sem os livros. Assim como eu não percebia um tempo atrás sem os livros hoje eu tenho a internet como algo a mais que vem fazer parte né do meu cotidiano de trabalho, de criação, de aprofundamento, meu e dos meus alunos. Porque a gente introduz isso e de alguma maneira a gente trabalha a inclusão digital. Eu sempre trabalhei com a inclusão digital, seja na sala de aula, seja dentro dela, né.

**Professora 2** - Eu, quando eu pisei na escola, apesar de vir já de muitas escolas, quando eu conheci o chamado “grupinho” parecia que eu já tinha vivido aquilo, era aquilo que eu sonhava quando eu tava na Universidade né. Me deu aquela liberdade que eu precisava.

*Uma escola com planejamento, uma escola com coordenação, uma escola onde o aluno é o protagonista, entendeu, assim? Era uma coisa que o aluno fazia a sua história ali, ele era autor da sua história. É uma escola que lida com todo tipo de diversidades, é um escola que você poderia falar...é um escola que já há muito tempo trata da educação em direitos humanos, entendeu assim? E além disso eu fiz a amizade que eu tenho. Esse laço que eu criei com esse grupo maravilhoso que me fez lembrar sempre quando eu olho pra Guimarães Rosa eu lembro daquela frase dele “Viver é plural”.*

**Professor 3** – *“A vida devia de ser como no teatro, cada um vivendo inteiramente o seu papel”. Eu acho que em todas as áreas que eu tive oportunidade de atuar eu agi nessa perspectiva. Dei aula em escola particular durante muito tempo, depois na rede pública, ex-diretor do Sindicato dos professores, ex- diretor da escola. O próprio conviver com aquele grupo, encontrar um identidade do grupo e me identificar plenamente com ele. E isso permitiu toda um história de envolvimento com a escola, que mesmo eu tendo saído posteriormente para o mestrado e mais tarde afastado por conta das lutas políticas (risos) ou seja, expulso. Eu sempre tive a perspectiva de contribuir para o processo de educação. Respondendo a pergunta, eu trabalhei no laboratório de informática, como coordenador do projeto, na época como diretor, dei os passos iniciais pra montar os laboratórios de informática. Já sofri mais com a informática né, com a internet, em relação a tristeza que é o Ctrl C e Ctrl V. Mas hoje eu já estou mais ambientado com isso e entendendo melhor qual é o processo e criando por outro lado estratégias para driblar esse processo. É algo que nós não temos como fugir, a internet tá aí, é uma fonte de pesquisa maravilhosa, a gente só tem que aprender como usar melhor e criar estratégias né. A gente não pode só dizer vá lá e procure sobre isso porque ele vai encontrar sobre tudo a gente tem é que direcionar um pouco mais. Nessa experiência toda eu vou terminar com um pensamento do Guimarães que eu tenho uma colinha aqui que diz assim: “Vivendo se aprende, mas o que se aprende mais é só a fazer outras maiores perguntas.” É isso, continuamos perguntando.*

**Professora 4** – *Eu vou ler um texto que vocês já conhecem. Esse texto se chama Porque Cantamos do Mário Benedetti.*

*Se cada hora vem com sua morte  
se o tempo é um covil de ladrões  
os ares já não são tão bons ares  
e a vida é nada mais que um alvo móvel  
  
você perguntará por que cantamos*

*se nossos bravos ficam sem abraço  
a pátria está morrendo de tristeza  
e o coração do homem se fez cacós  
antes mesmo de explodir a vergonha  
você perguntará por que cantamos  
se estamos longe como um horizonte  
se lá ficaram as árvores e céu  
se cada noite é sempre alguma ausência  
e cada despertar um desencontro  
você perguntará por que cantamos  
cantamos porque o rio esta soando  
e quando soa o rio / soa o rio  
cantamos porque o cruel não tem nome  
embora tenha nome seu destino  
cantamos pela infância e porque tudo  
e porque algum futuro e porque o povo  
cantamos porque os sobreviventes  
e nossos mortos querem que cantemos  
cantamos porque o grito só não basta  
e já não basta o pranto nem a raiva  
cantamos porque cremos nessa gente  
e porque venceremos a derrota  
cantamos porque o sol nos reconhece  
e porque o campo cheira a primavera  
e porque nesse talo e lá no fruto  
cada pergunta tem a sua resposta  
cantamos porque chove sobre o sulco  
e somos militantes desta vida  
e porque não podemos nem queremos  
deixar que a canção se torne cinzas.*

---